Antologia Portuguesa
ernão Lopes
I
Livrarias Aillaud e Bertrand
LISBOA
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00896143 5

Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

FERNÃO LOPES

Antologia Portuguesa

VOLUMES PUBLICADOS:

BERNARDES, 1.º vol. *(Nova Floresta).*
BERNARDES, 2.º vol. *(Nova Floresta, Luz e Calor,* etc.)
HERCULANO, 1.º vol. (Quadros literários).
FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º vol. *(Vida do Arcebispo).*
JOÃO DE BARROS 1.º vol. (Primeira Década da *Asia).*
GUERRA JUNQUEIRO, (Verso e Prosa).
TRANCOSO *(Histórias de Proveito e Exemplo).*

VOLUMES PRESTES A SAÍR:

PALADINOS DA LINGUAGEM.
JOÃO DE LUCENA.

Antologia Portuguesa

organizada por

Agostinho de Campos

Fernão Lopes

I

Crónicas de D. Pedro e D. Fernando

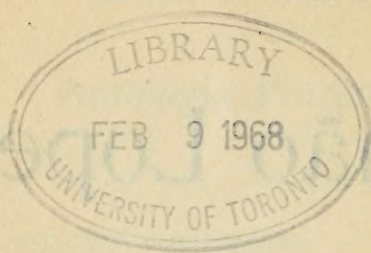
*

Livrarias Aillaud & Bertrand

PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PÔRTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1921

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

I

VIDA DE FERNÃO LOPES

Quem procurar num bom dicionário português (por exemplo, no de Morais e Silva) a palavra *tombo*, encontrará, a seguir à significação mais corrente de *queda* ou *trambolhão*, as seguintes definições:

«*Tombo;* inventário autêntico dos bens e terras de alguém, com suas confrontações, rendas, direitos, encargos, demarcações, etc. *Tôrre do Tombo;* a casa em que se conservam os livros, registos ou originais das leis, escrituras públicas, contratos, tratados com as nações estranjeiras, etc., e outros papéis autênticos do Reino. Fig. Dizemos que é *tombo* o homem muito noticioso e erudito: *it,* o que sabe as notícias e anedotas da terra onde vive, conhece tudo e dá informações de todos.»

Significa, pois, a palavra *tombo*, entre outras coisas, um arquivo ou conservatória de documentos, e também, por derivação dêste sentido, o arquivo geral ou nacional — *o tombo do Reino*, como lhe chamava Damião de Góis.

Quanto à designação de *Tôrre do Tombo*, que ainda hoje se dá correntemente ao Arquivo Nacional, apesar de não estar arrumado numa tôrre, por ela se vê que algum tempo o esteve e que, como tantas vezes acontece nas línguas, a palavra sobreviveu ao facto que justificava a sua aplicação.

No cap. VII da sua *Crónica de D. Pedro I* conta-nos Fernão Lopes *da maneira que os Reis tijnham pera fazer tesouros, e acrecentar em elles;* e aí mesmo nos explica como o saldo anual — *superavit* — das receitas e despesas dos reis poupados de outro tempo, era convertido em ouro e prata «para se poer no castello de Lisboa em «huuma torre, que pera esto fora feita, que chamavam a torre alvarraã. Esta torre era muj forte «e nom foi porem acabada, estava em cima da «porta do castello, alli poinham ho mais do tesouro «que os Reis juntavom em ouro e prata e moedas, «e tijnham as chaves della, huum guardiam de «Sam Françisco, e outra o Priol de Sam Domin«gos, e a terçeira um benefiçiado da See dessa çi«dade.»

Nesta *Tòrre Alvarrã*, ou do *Aver* (que assim lhe chama também Fernão Lopes noutros passos das suas Crónicas) mandou el-rei D. Fernando que se guardasse não só o tesouro, mas ainda o arquivo geral do Reino, que antes disso parece não ter tido pouso fixo e único, e que desde então ficou lògicamente guardado junto com o erário régio, visto que as escrituras públicas constituíam parte, e não pouco importante, da riqueza dos antigos monarcas.

Assim, passou a Tôrre Alvarrã a chamar-se ora *do Aver* ora *do Tombo*, até que o Tesouro Real tomou outros caminhos; e o arquivo nacional conserva ainda hoje, por um fenómeno de inércia linguística, o nome de *Tòrre do Tombo*, e conserva-lo-ia de-certo, ainda que o mudassem do palácio onde agora está para qualquer arrecadação subterrânea, que fôsse em tudo e por tudo o inverso da tôrre, que já só existe no nome.

Desde que na Tòrre do Haver ou do Tombo se acumularam duas funções, é natural que se fizesse logo sentir a necessidade de confiar a sua guarda, ou direcção, a duas espécies de funcionários: os *contadores*, pròpriamente tesoureiros, e os *guardas das escrituras*, com encargos especiais de arquivistas e notários.

Assim aconteceu, com efeito; e entre o pouco que se sabe da vida de Fernão Lopes, avulta a

certeza de que, entre Maio e Novembro de 1418, lhe foi confiada a guarda das escrituras do Tombo, cargo que, parece, cumulou com o de *escrivão dos livros* do infante D. Duarte, sendo apenas positivo que em 1419 era também «escripvam dos livros de D. João I».

Num alvará de 1422 aparece Fernão Lopes já intitulado *escrivão da puridade* do infante D. Fernando, que aquele serviu até a sua partida para a fatal expedição de África e que nesse ano de 1422 não tinha mais de vinte de idade.

¿Onde, quando e de quem nasceu Fernão Lopes? Tudo isto se ignora, sabendo-se apenas, dos factos pessoais da sua tão meritória vida, várias datas referentes à sua actividade de funcionário, e algumas poucas circunstâncias de que adiante se fará menção. E êsse pouco que sabemos do *pai da prosa e da história portuguesa* deve-se às investigações e achados de vários eruditos, entre os quais avultam Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, o diligente académico que em 1816 prefaciou o volume de *Inéditos de História Portuguesa*, onde foram publicadas as *Crónicas de D. Pedro I e de D. Fernando*; e o sr. Anselmo Braamcamp Freire, que em 1915 editou e prefaciou a primeira parte da *Crónica de D. João I*, do mesmo venerável cronista.

Seguindo de perto os dois, e principalmente o segundo, que ampliou e acertou as averiguações do primeiro, vamos apresentar resumidamente as várias notícias, de que dispomos acêrca de Fernão Lopes.

*

* *

Em 1437, no têrmo de aprovação do testamento do infante D. Fernando, intitula-se Fernão Lopes «tabeliam geral por nosso senhor El-Rei em todos seus Reynos e Senhorios».

Gozou também dos privilégios de *vassalo de El-Rei;* e vê-se, por um diploma de 1434, que continuou a ser *escrivão de El-Rei* no tempo de D. Duarte.

Querendo êste rei, logo após o seu acesso ao trôno, perpetuar pela escrita os grandes feitos de seu pai, deu para êste efeito *cárrego* a Fernão Lopes, seu escrivão, de *pôr em crónica,* não só a história de D. João I, mas também a dos reis seus antecessores; e «por quanto em tal obra elle ha assaz trabalho e ha muito de trabalhar», arbitra-lhe, por carta dada em Santarém a 19 de Março de 1434 a tença anual e vitalícia de 14.000 réis. D. Afonso V manteve esta tença e ainda, por carta de 11 de Janeiro de 1449, dada em Lisboa, faz mercê a Fernão Lopes, guarda das escrituras da

Tôrre, «pelos grandes trabalhos que elle ha tomado e ainda há de tomar, em fazer a crónica dos feitos dos reis de Portugal», de quinhentos reais de mantimento por mês, em tôda sua vida.

No ano de 1443 escrevia Fernão Lopes os últimos capítulos da *Crónica de João I.*

A 18 de Agosto de 1439 escreveu por seu punho o testamento do infante D. Fernando. Quatro dias depois partiu êste para África; e, menos de dois meses mais tarde, era o desgraçado príncipe entregue aos Mouros, como refém da restituïção de Ceuta, ficando com êle no cativeiro, entre outros criados, mestre Martinho, seu físico, que era filho de Fernão Lopes, e que acompanhou dedicadamente o prisioneiro durante os seis anos de sofrimentos, assistindo-lhe na última hora, velando-lhe o cadáver na noite de 6 para 7 de Junho de 1443 e seguindo-o de perto no túmulo. Deixou mestre Martinho um filho bastardo, Nuno Martins, que veio a causar graves dissabores a seu avô.

Em 1451, como se vê de uma certidão por êle expedida, última encontrada por João Pedro Ribeiro, nas suas pesquisas, era ainda guarda das escrituras da Tôrre do Tombo.

Uma carta de D. Afonso V, dada em Lisboa a 6 de Junho de 1454 declara que, considerando como Fernão Lopes, escrivão que foi da puridade do infante D. Fernando, e guardador das

escrituras do Tombo, que estão no Castelo de Lisboa «é já tão velho e flaco, que por si não pode servir o dito ofício, ordenamos, por seu prazimento, de o dar a outra pessoa que o bem possa servir, e fazer a êle mercê, como é razão de se dar aos bons servidores». Não diz a carta qual seria a tal mercê. A actividade de Fernão Lopes, como cronista e guarda da Tòrre do Tombo, tinha terminado por 1452. Devia ter uns oitenta anos, tendo sido guarda do Tombo durante 35, acumulando durante os últimos 18 êste cargo com o de cronista.

Em 9 de Agosto de 1458 dirigiu-se Fernão Lopes a um tabelião de Lisboa, e em público instrumento, por êste assinado, declarou contradizer a mercê concedida por carta de 12 de Fevereiro de 1457 a Nuno Martins, filho de Mestre Martinho, físico de infante D. Fernando, e de Maria Afonso, mulher solteira, com as cláusulas especiais de ficar habilitado a herdar os bens paternos e maternos, e a suceder outro-sim nos bens, heranças e instituïções de seu avô paterno, Fernão Lopes.

Em 3 de Julho de 1459 deu uma carta régia razão em parte a Fernão Lopes, determinando que, sem embargo das cláusulas de legitimação, pudesse o velho cronista dispôr livremente de seus bens como entendesse.

*

*   *

Na *Revista de História*, ano v, pág. 186, publicou o sr. Pedro de Azevedo uma carta de privilégio, datada de 27 de Agosto de 1443 e encontrada por aquele erudito académico na chancelaria de D. Afonso V, do Arquivo da Tôrre do Tombo, «documento pelo qual ficamos sabendo que o escrivão da puridade de D. Duarte (Fernão Lopes) era casado com uma tía da mulher de Diogo Afonso, sapateiro, indivíduo ao qual, por influência do escritor, foi concedida» a dita carta de privilégio.

Resumindo todo o precedente, pode dizer-se que da vida particular de Fernão Lopes se sabe apenas que era muito velho e fraco em 1459; que teve um filho que foi físico e fiel criado do Infante Santo e talvez um neto bastardo que êle não quis reconhecer por tal, ao menos para os efeitos da sucessão nos seus bens; e, finalmente, que, apesar das honras ou proveitos de *vassalo de El-rei*, Fernão Lopes era tio afim de um mesteiral, o sapateiro Diogo Afonso — homem de profissão que hoje parece envejável e rendosa (a ajuïzar pelo

preço a que trepou o calçado e pelo aspecto rico, de ourivezarias, que assumiram agora as lojas onde o vendem) mas que naquele tempo, e ainda um século mais tarde, era, no dizer de João de Barros, *o mais baixo ofício dos mecànicos*.

Diz o sr. Braamcamp Freire na sua erudita *Introdução* à *Cr. de D. João I:*

«Como o chamado *Nobiliário do Conde D. Pedro*, do qual existe cópia antíga na Tòrre do Tombo, não permite aos escritores da especialidade genealógica darem largas, em certos pontos, à sua fantasia, em matéria de vaidade própría ou adulação alheia, começaram a propalar que o livro fôra truncado em partes, acrescentado noutras, por mão intencionalmente malévola; e lançaram a culpa sôbre Fernão Lopes.»

A origem vilã do grande cronista, combinada com o seu sistema nem sempre «fino» de dizer verdades e falar claro, contribuiu de-certo para se levantar contra êle esta atoarda, por parte dos escritores genealógicos, que às vezes são também a seu modo sapateiros-cronistas, agarrados ao rabecão da História, e hábeis para deitar tombas em sapatos rotos de defuntos, ou para altearem os tacões de prosápias fidalgas com pouco pé-direito.

*

* *

Quási nada se sabe, portanto, da vida dêsse a que podemos talvez chamar o primeiro grande escritor português na ordem dos tempos. Mas, para nos consolarmos desta falta de notícias, dêle proprio nos resta, bem visível e viva ainda, perto de meio milénio rodado sòbre a morte de Fernão Lopes, alguma coisa mais e melhor do que os seus ossos escondidos num estôjo de pedra, ou do que os dentes, unhas e cabelos que os Japoneses, doutores no culto dos grandes mortos, costumam guardar em relicários, para gôzo da posteridade saudosa e agradecida.

No Arquivo Nacional da Tôrre de Tombo, gaveta 16, maço 2, n.º 13, está guardado, e pode ser visto e palpado com religiosa veneração, como jóia sem preço e relíquia sagrada pela significação e pela idade, o testamento do Infante Santo, datado de Lisboa aos 18 de Agosto de 1437, todo escrito do punho de Fernão Lopes e por êle assinado, como escrivão da puridade de D. Fernando.

Diante dèsse caderno de dez ou doze páginas de pergaminho admiràvelmente conservado, com a sua bela escrita gótica tão nitida e legivel, o cérebro quási se recusa a crer o testemunho dos

olhos, e os olhos vão para turvar-se, na emoção ou na ilusão de ver brilhar ainda uma luz que se apagou há cinco séculos. Em presença de tais vestígios, concretos e miúdos, de uma grande existência remotíssima, o que se experimenta custa a definir: não sabe a gente se saíu para fora do tempo, ou se caí por êle dentro, como a um abismo.

II

SUAS OBRAS

Menciona o sr. Braamcamp Freire, na sua *Introdução à Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, por êle belamente editada, as seguintes doze crónicas cujos códices existem na colecção da Tôrre do Tombo: as dos seis reis, D. Sancho I a D. Afonso IV; as de D. Pedro e D. Fernando; a de D. João I, *Primeira Parte;* a de D. Duarte, a de D. Afonso V e a de D. João II.

E em seguida acrescenta:

«Três delas, ao certo, (as de *D. Pedro, D. Fernando* e *D. João I)* foram inteiramente compostas por Fernão Lopes e para estranhar é a omissão do seu nome nas cópias, quando nas das outras nunca esquece o de Rui de Pina. A explicação é porém fácil, pôsto-que desairosa para a memória daqueles que na Tôrre do Tombo, durante a dinastia dos Pinas, guarda-mores, de 1497 a 1546 pelo menos, trataram de os adular e de trazer ao primeiro, o Rui, de quem derivaria para o segundo, o Fernão, tôda a glória e também o proveito, da composição das crónicas.

Por-isso nunca esqueceu o nome daquele, nem jámais lembrou o de Fernão Lopes, nem nas crónicas de D. Pedro e D. Fernando, nem na de D. João I; e se aparece o de Duarte Galvão na de Afonso Henriques será, é bem possível, por ela haver sido copiada depois de 1546.»

Concorda, pois, o sr. Braamcamp Freire com as conjecturas de DAMIÃO DE GÓIS a que nos referimos adiante (pág. XXXII), confirmadas com desenvolvimento por ARAGÃO MORATO, e que, aceitas também por HERCULANO, levaram êste a lavrar contra Rui de Pina a sentença càusticamente concebida nos seguintes termos:

«Quanto às (crónicas) da primeira dinastia, quer o mesmo Góis (e esta opinião prevalece hoje) que não sejam mais que uma recopilação ou resumo do primeiro volume das crónicas de Fernão Lopes, que existia em poder de um tal Fernão de Novais, e que D. João II mandou fôsse entregue a Ruí de Pina. Impossível parece hoje averiguar até a certeza esta opinião; porque êsse volume de Lopes ou se perdeu, ou foi aniquilado por Pina, que, ambicioso de pouco suada glória, quis, pobre corvo de D. João II, adornar-se com as brilhantes penas de pavão do Homero de D. João I.» (1)

(1) V. *Opúsculos*, tômo V (2.º das *Controv. e Est. Hist.*), pág. 21.

Vejamos, a êste respeito, os principais argumentos de Francisco Trigoso de Aragão Morato:

«E primeiramente não se pode duvidar, nem que Fernão Lopes escrevesse outras crónicas, além da de El-Rei D. João I, nem que antes do tempo de Rui de Pina, e mesmo de Gomes Eanes, existissem já escritas as crónicas dos Reis passados, as quais se não podem atribuir a outrem que não seja Fernão Lopes. Com efeito, já fica dito que El-Rei D. Duarte, pôsto-que lhe encarregasse especialmente a composição da Crónica de seu pai, lhe cometeu ao mesmo tempo pôr em escrito as Crónicas de todos os Reis passados; e devendo-se entender que começara esta obra no ano de 1434, consta que não só foi animado para a sua continuação no de 1439, mas ainda dez anos depois: porquanto El-Rei D. Afonso V, pelos grandes trabalhos que êle tinha tomado, e havia de tomar, em fazer as crónicas dos reis de Portugal, lhe assinou 500 reais de mantimento em cada mês na Portagem de Lisboa, por Carta de 11 de Janeiro de 1449. De maneira que, contando-se vinte anos desde o da nomeação do cronista até o da sua demissão do lugar de guarda do Arquivo, que naturalmente seria a época em que cessaram, com a sua vida pública, os trabalhos literários a que se destinara — não se pode compreender como estes trabalhos

fôssem tidos em tanta conta por El-Rei D. Afonso V, se se limitassem à composição da Crónica de El-rei D. João I, ficando essa mesma incompleta, e tal como a achou o seu continuador Gomes Eanes. Além disto, os trabalhos que reputava grandes el--rei D. Afonso V não podiam ser outros, senão os que refere de si mesmo Fernão Lopes, e a êle atribui Gomes Eanes; porquanto o primeiro diz que com muito *cuidado e diligência vira grandes volumes de livros e desvairadas linguagens e terras, e isso-mesmo públicas escrituras de muitos cartórios e outros lugares, nas quais depois de longas vigílias e grandes trabalhos, mais certidão haver não pode do conteúdo em esta obra* (Lopes, *Cr. de D. João I,* Parte I, Cap. I). E Gomes Eanes diz de Fernão Lopes que, por ter começado a sua história tão tarde, que muitas pessoas já tinham morrido, e outras estavam espalhadas pelo Reino, lhe fôra necessário despender muito tempo *em andar pelos mosteiros e igrejas buscando os cartórios e os letreiros delas para haver sua informação; e não só em êste Reino, mas ao reino de Castela mandou el-rei D. Duarte buscar muitas escrituras que a isto pertenciam* (Azurara, *Cr. de D. João I,* parte 3. cap. 2). Ora, pôsto-que estes escritores pareçam aplicar o que fica dito ùnicamente à Crónica de D. João I, não é crível que a sua composição exigisse tão grande trabalho, sendo feita por

um autor contemporâneo, favorecido daquele soberano, e começada um ano depois da sua morte. De maneira que absolutamente se deve entender que as diligências feitas em Portugal e Castela eram igualmente encaminhadas a descobrir os fundamentos necessários para a composição das crónicas de todos os reis passados, que el-rei D. Duarte encarregara a Fernão Lopes. E, na verdade, não se pode negar, pelo que diz Gomes Eanes, que já no seu tempo estivesse escrita a Crónica Geral do Reino, que não podia ser outra senão a que começara Fernão Lopes e continuara o mesmo Gomes Eanes, até porque estes dous foram os primeiros cronistas portugueses, que por obrigação do seu cargo começaram a compor a História Geral do Reino, segundo a opinião bem provada do crítico Figueiredo (1). Mas, além dêstes fundamentos, que podemos chamar extrínsecos e conjecturais, temos outros que nos subministra a lição das mesmas antigas Crónicas, para nos decidirmos a afirmar que elas são obra de Fernão Lopes» (2).

---

(1) Frei Manuel de Figueiredo, *Dissert. Hist. e Crit. para apurar o Catalogo dos Chronistas-Mores*, impressa em 1789.

(2) Pág. XVII e ss. do *Discurso Preliminar*, Tômo IV da *Colecção de Livros Inéditos de Hist. Port.*, Lisboa, 1816.

Trata Francisco Trigoso em seguida de provar, pelas referências ou remissões de umas Crónicas às outras, no próprio texto delas, aquilo de que hoje ninguém já pode duvidar, isto é: que as Crónicas de D. Pedro, D. Fernando e D. João I foram escritas pela mesma pessoa, e que esta pessoa é Fernão Lopes. Depois amplia a mesma argumentação às primitivas, adaptadas ou plagiadas pelo acusado Rui de Pina, citando nomeadamente as seguintes remissões do próprio Fernão Lopes a crónicas suas anteriores:

Por seguirmos emteiramente a hordem do nosso razoado, no primeiro Prologo já tangida (Cr. de D. Pedro I, no Prólogo);

De guisa que como no começo desta obra nomeamos fidalgos alguns, que ao Conde D. Anrique ajudaram a ganhar a Terra aos Mouros; assim neste segundo volume diremos, etc. (Cr. de D. João I, Part. I, cap. 159);

E porque em começo de cada hum reinado costumamos poer parte das bomdades de cada hum Rei, nom desviamdo da ordem primeira, etc. (Cr. de D. João I, Part. 2, no Prólogo e cap. 148).

*

* *

De tudo isto, e do mais que o Leitor poderá ler no citado *Discurso Preliminar* de Francisco Tri-

goso, resulta que o trabalho histórico que nos legou Fernão Lopes se compõe das três crónicas de D. Pedro I, de D. Fernando e de D. João I, (Primeira Parte), que chegaram até nós como êle as escreveu, salvo o que nelas tenha alterado em pormenores a imperícia ou incúria dos copistas; e das crónicas de D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Denis e D. Afonso IV, inteiramente perdidas como documento literário, senão como legado histórico, visto o que delas nos resta ser adaptação de Rui de Pina, que se apropriou do trabalho de investigação do seu antecessor e inteiramente se lhe substituiu no trabalho de redacção e de estilo, sem vantagem e antes com irremediável prejuízo das letras.

¿ Existirá, para nos compensar algum tanto da perda daquelas crónicas de Fernão Lopes, qualquer outra obra que se possa atribuir à sua autoria?

Não descansarão, nem a inteligência nem a sciência, em-quanto não resolverem o problema; para o sentimento e para a arte aquela interrogação é menos ansiosa: se tal obra existe, ela falará por si como obra de arte; e, se se parecer com as

que temos por feitura lídima do grande cronista, automàticamente virá arrumar-se a par destas, no nosso espírito satisfeito e no nosso mais belo tesouro literário.

Já em 1897, na sua *Geschichte der portugiesischen Litteratur,* publicada no *Groeber's Grundriss,* dizia a insigne romanista D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS:

«À *Vida do Condestável* foi dada, pelo seu anónimo autor, propositadamente o título de *Estoria.* Nela narra, sem documentação e sem datas, como quem conta um conto, em estilo ingénuo, a vida de Nunálvares Pereira (1362-1431)... Mal se pode duvidar de que fôsse escrita pouco depois do seu falecimento, apesar das referências a acontecimentos posteriores nos Caps. 76 e 80, que devem ser acrescentos postiços. Nas *Crónicas de D. Fernando e de D. João I* há dúzias de capítulos que, com ligeiras alterações que o estilo de cronista exigia, são iguais aos da *Estoria.* Ninguém em Portugal examinou até hoje se êsses capítulos são segunda elaboração, ou se Fernão Lopes aproveitou o que já estava feito, como me inclino a supor.» (§ 99, p. 2?8).

No § 94 da mesma obra, falando dos historiadores em geral, já D. CAROLINA MICHAELIS tinha dito que, *sem encomenda régia,* e portanto sem ex-

ploração do Arquivo Nacional e dos Cartórios, e sem dotação, foram escritas apenas duas *Estorias:* a do Condestável e a do Infante Santo. E foi ela também quem chamou a atenção dos eruditos para a *Crónica da Conquista de Guiné,* Cap. I, em que Zurara diz:

«... Ca sem embargo de se em todollos regnos fazerem geeraes Cronicas dos rex deles, nom se leixa porem de screver apartados os feitos dalguns seus vassalos... assy como se fez em França do duc Joham Senhor de Lançam (= Alençon) e em Castella dos feitos do Cide Ruy Diaz e ainda no nosso regno dos do Conde Nunalvarez Pereira.»

Em 1915, como pode ver-se a pág. 262 e ss., e 380 e ss, do *Boletim da Segunda Classe* da Ac. das Sc. de Lisb., vol. IX, fasc. n.º 2, fizeram os eminentes académicos srs. BRAAMCAMP FREIRE e F. M. ESTEVES PEREIRA interessantíssimas comunicações sôbre o mesmo assunto, concluindo ambos, depois de estudos paralelos e mùtuamente ignorados, por exprimir a convicção de que a crónica do Condestável foi escrita por Fernão Lopes:

«Deve observar-se em-fim (termina o sr. Esteves Pereira) que, sendo mais concisa a redacção da *Crónica do Condestabre* do que a de el-rei D. João I, aquela deve ser anterior a esta; e a lin-

guagem e estílo das passagens da *Crónica do Condestabre*, transcritas verbalmente na *Crónica de D. João I*, não diferem da linguagem e do estilo de Fernão Lopes, antes nos parecem tão conformes em ambas as crónicas, como se fôssem de um mesmo autor.»

Certo é que à erudição nacional se impõe uma análise minuciosa do estilo e gramática das duas obras, para decidir se a do Condestável não se aproxima antes da linguagem de livros anteriores, como a *Demanda do Santo Graal*, do que das Crónicas de Fernão Lopes. Feito isso, e vindo a demonstrar-se que os dois estilos não são gémeos, restava ainda aos defensores da paternidade única de ambas as obras, a conjectura de ter Fernão Lopes adestrado a mão na composição da *Estoria*, como João de Barros *aparou o estilo de sua possibilidade* para a *Ásia*, escrevendo o *Clarimundo*.

Por outro lado, a existência de capítulos inteiros da *Estória* repetidos nas *Crónicas*, revelada em 1897 por D. Carolina Michaëlis, não faz passar o caso em julgado, porque os cronistas medievais não gastavam cerimónia em reproduzir simplesmente o que encontravam feito e lhes parecia bom ou oportuno.

Tudo isto, porém, é alta sciência; e às nossas

pretensões e pendores mais literários que scientíficos, o que interessa, e até basta, é que a *Crónica do Condestável* pareça filha do mesmo raro espírito e do mesmo punho forte, que geraram as de D. Pedro, D. Fernando e D. João I.

III

SEUS PANEGIRISTAS E CRÍTICOS

Como temos feito em anteriores volumes da *Antologia Portuguesa,* apresentaremos aqui uma série de transcrições de juízos de vários autores sôbre Fernão Lopes, inserindo o que pudemos encontrar de importante e dando preferência às opiniões que o encaram principalmente como escritor:

Gomes Eanes de Zurara, contemporâneo e sucessor de Fernão Lopes, na *Crónica da tomada de Ceuta por el-rei D. João I.* cap. III, pág. 11 e 12 da ed. de F. M. Esteves Pereira:

«Qual foy o primeiro movimento daquella demanda que era antre o rregno de Castella e o nosso de Portugal e desy todollos aqueçimentos que se dello seguiram. assaz tenho que fica declarado em hum livro que dello he escripto. *o qual foy posto em ordenança per hũua notavel pessoa que chamavam Fernam Lopez homem de comunal çiençia e grande autoridade* que foy

porém, embora julgadas anónimas, ou atribuídas a outros, e João de Barros conheceu-as e leu-as, mas não soube apreciá-las, como mostra ao dizer que, se alguma cousa há bem escrita, das Crónicas do Reino, *é da mão de Gomes Eanes.*

A Aragão Morato *causa assombro* que Barros escrevesse isto (*Col. de Liv. In. da Hist. Port.*, Disc. Preliminar, pág. XXIX). A explicação será talvez que Fernão Lopes não concebia a história ao gôsto épico, dilecto a João de Barros; e isto mesmo se vê do que êste diz da Crónica de D. Afonso Henriques: «...quem quer que foi o primeiro compoe«dor dela, dará conta a Deus de macular a fama «de tão ilustres duas pessoas, como foram a rainha «D. Tareja e el-rei D. Afonso Henriques, seu filho, «nas diferenças que conta haver entre êles. Pois, «ao tempo que seu pai, o conde D. Henrique, fale«ceu, êle, príncipe D. Afonso, ficou em idade de «seis anos, debaixo da obediência e tutoria de sua «madre, sem ela lhe dar padrasto, nem êle a pren«der, e outras fábulas que a Crónica conta. A ver«dade da vida e feitos do qual Príncipe, se a Nosso «Senhor aprouver dar-nos vida, se verá em nossa «*Europa...*»

Os sábios dirão o que se lhes oferecer; mas a nós não nos causa assombro que o *épico* João de Barros tivesse em baixa conta o *naturalista* Fernão Lopes.

O mestre FREI INÁCIO GALVÃO, na *Licença* do Santo Ofício para se imprimir a 1.ª parte da *Crónica de D. João I.* (Esta licença está datada de S. Domingos de Lisboa, aos 14 de Novembro de 1642)

«...e não achei nela cousa alguma contra a nossa Santa Fé ou bons costumes, antes com esta história se mostra *com singelo e não afectado estilo* o zêlo da honra de Deus e amor da pátria, que nos Portugueses daquele tempo ardia, para louvor dos quais, tão merecido por seus excelentes feitos, quando não tivéramos dêste livro outros proveitos, era bem que se imprimisse, quanto mais que os exemplos que nos deram são poderosos para eficazmente nos obrigar a os imitar.»

DUARTE NUNES DE LEÃO, na *Crónica de D. João I*, 57:

«Fernão Lopes, historiador português, que escreve esta batalha (de Aljubarrota) e que em tudo se deve seguir por sua fé, autoridade e modéstia, na relação dos contrários, e por ser guarda-mor da Tôrre do Tombo, e arquivo real, onde as cousas dêste Reino todo se vão registar.»

O CONDE DA ERICEIRA, D. Fernando de Meneses, na *Vida e Acções de El-Rei D. João o I*, julgou

(¡pobre homem!) fazer melhor que Fernão Lopes:

«Não parecia justo que as acções de um Príncipe tão grande, que a nenhum reconheceu vantagens, deixassem de achar quem as referisse e ponderasse *com mais cuidado que os seus cronistas*, e com mais particularidade que os seus abreviadores.»

D. António Álvares da Cunha, na aprovação da *Vida e Acções de El-rei D. João o I*, de D. Fernando de Meneses, Conde da Ericeira—aprovação datada de 19 de Outubro de 1676:

«Quási todos os que existem são testemunhas das generosas acções daquele rei... pelo que escreveram os dous cronistas-mores mais próximos àqueles tempos, Fernão Lopes e Gomes Anes de Zurara; porém, como a memória é muito frágil e *a escritura antiga pouco deleitosa*, deve muito a Pátria a êste trabalho do Conde, pois, etc.»

O Catálogo dos Autores, que precede o *Dicionário da Lingua Portuguesa, publicado pela Academia Real das Sciências de Lisboa*. 1793, pág. CXIV, col. 2.ª:

«A linguagem de Fernão Lopes é, na verdade, atendível pela propriedade e nativa fôrça dos vo-

cábulos, e Pedro de Mariz lhe atribui grande cópia de palavras, a que às vezes acresce a energia, calor e elegância, que permitia a frase daquela idade. Diz êle que sua tenção era *destas histórias que escrever queremos o serem em bom e claro estilo;* e o efeito saiu na realidade ajustado ao seu intento. *Copioso e discreto escritor* o nomeia Damião de Góis.»

Francisco Dias Gomes, nas *Obras Poéticas*, notas à Ode II, Lisboa, 1799, pag. 290:

«Fernão Lopes, pai da prosa portuguesa e o primeiro talvez que na Europa escreveu a história dignamente...»

Na sua *Analyse... sôbre a elocução e estylo de Sá de Miranda*, etc. *(Mem. de lit. da A. R. das Sc.*, Lisboa, 1793, pág. 32), diz o mesmo insigne crítico:

«A grande revolução de D. João I, fazendo a mais viva comoção no génio dos Portugueses, com ela lhe vieram novos estímulos de glória, que eleva o espírito; novas emprêsas, novos pensamentos, nova fôrça, nova energia às suas enunciações; novos objectos do discurso e nova linguagem... Da conquista de Ceuta nasceu a ideia, a grande ideia

dos descobrimentos, que, mostrando a necessidade de cultivar as matemáticas e a astronomia, tais quais existiam naqueles tempos obscuros, alargou a esfera da mecânica, que, fazendo novas investigações sôbre a acção dos ventos e resistência das águas... alcançou mais perfeito conhecimento das leis dos líquidos e do equilíbrio, e aperfeiçoou finalmente a arte de navegar. Novos astros, novos mares e costas, novas ilhas, novos mundos, enchem de admiração todo o Universo. Tantas e tão notáveis circunstâncias, tantos e tão pasmosos acontecimentos, quais nunca até aqueles tempos vira o mundo, fizeram aparecer de repente na face do globo uma nação nova e um novo idioma: não é paradoxo. As acções da Nação Portuguesa, anteriores àquela idade, perdem-se na imensidade dos acontecimentos ordinários, que formam o corpo vastíssimo da História. Porém, desta grande época em diante, ela se eleva de improviso, ela se mostra em todo o universo uma nação de heróis, cujas acções nenhuma analogia teem com as das mais famosas nações que lhe precederam. O novo aspecto de acontecimentos absolutamente novos, e dignos de universal admiração, veio acompanhado de uma nova linguagem... As poesias dos reis D. Denis, D. Pedro I, e vários fragmentos de escritos daqueles tempos estão consignados em uma linguagem tão confusa e bárbara, que quási se

não entendem. Daí a pouco mais de meio século apareceram as crónicas dos reis portugueses, compostas por Fernão Lopes, o mais antigo e venerando historiador português, escritas em língua clara, e tão diversa da que se observa naqueles anteriores escritos, que se pode reputar outro idioma...»

Depois de assim haver colocado Fernão Lopes na sua *raça*, no seu *ambiente* e no seu *momento*, adivinhando a um século de distância a nova crítica ao modo de Taine (que por signal envelheceu depressa) passa o perspicaz FRANCISCO DIAS, no seguimento do seu plano de mostrar os progressos da nossa língua no século de Quinhentos, a indicar, apoiado em grande cópia de exemplos concretos, os defeitos da linguagem de Fernão Lopes e dos seus imediatos sucessores:

«Não obstante a perspicuidade com que Fernão Lopes procurou escrever, claramente se conhece pela leitura dos seus escritos, e dos que depois dêle vieram, até o fim do reinado de D. João II, que a sintaxe portuguesa era assaz confusa, e desfigurada de construções erróneas. A disposição harmónica do período, totalmente ignorada, dava uma insuportável secura à prosa portuguesa, que, oprimida de cláusulas impuras, e de vozes obsoletas, de sons ásperos e rudes, nada oferecia

à curiosidade dos leitores mais que um insofrível tédio, que extinguia o desejo de ler... A obscuridade daqueles tempos, a raridade de livros, que o prelo, então de novo inventado, inda não fazia comuns, a ignorância, em-fim, retardavam o progresso das luzes e não deixavam aperfeiçoar o idioma, além de que o bom-gôsto nestas matérias, que deve ser um resultado de infinitas combinações filosóficas as mais ajustadas à razão, fêz sempre em tôdas as línguas vagarosos progressos. Porém, das causas acima indicadas procedeu, não só a falta de número prosaico e métrico do idioma, mas a pobreza notável de vozes, causa evidente de pouca variedade do estilo. Contribuía para tudo isto o mau uso dos possessivos, constituindo quási sempre pleonasmos grosseiros, que fazem a oração pesada (Ex.: *queria falar com êles algumas cousas, que eram de seu proveito dêles:* Cr. D. João I, parte 1.ª, pág. 155); a indiscreta disposição das conjunções, cuja freqüência fazia a oração lânguida e fria (Ex.: *Os de Évora (elegeram) Diogo Lopes Lobo, e João Fernandes da Arca e Lopo Rodrigues Pessanha, e assi outros, e começaram de lhe chamar Senhor:* Cr. D. João I, parte 1.ª); a combinação ociosa de algumas vozes negativas (Ex.: *Nenhum não respondeu:* Ibid. pág. 49); a acepção bárbara de preposições tomadas como advérbios negativos (Ex.:

Sem podendo fazer cousa que muito aproveitasse: Ibid. pág. 309); erros de géneros (*o árvore, o linhagem,* são os únicos citados por Francisco Dias); verbos mal conjugados (*sam* por *sou ; sento* por *sinto ; consiro* por *considero ; fèzeo* por fê-lo; as formas arcaicas, como *jaço, jarão, jouveram,* etc., da conjugação de *jazer) ;* particípios mal coustruídos, mal derivados (Ex.: *Aires Gomes haria formoso e bem parecente corpo:* Cr. de João I, 2.ª parte; *escolheito, manteúdo,* etc.); construções estranhas, que, constituindo hipérbatos enormes, faziam o período escuro e bárbaro; desinências ásperas: *castelão* e *romão* por *castelhano* e *romano ; difamaçom* e semelhantes; *deteúdo, manteúdo,* etc.); além de outros muitos vícios de elocução, que ofuscavam o resplendor de algumas belezas nativas, que já de longe anunciavam aquela feliz disposição de graças naturais, com que se mostrou a língua portuguesa nas elegantes penas de um Barros, de um imortal Camões.»

Deve notar-se que Francisco Dias é o primeiro a reconhecer que todos ou quási todos estes defeitos (de que êle fornece em notas exemplos numerosos, por nós reduzidos a um ou dois para cada caso e intercalados no texto acima transcrito) são imputáveis não ao escritor, mas à pouca idade da língua; e que alguns dêles se encontram ainda

em Barros, que escreveu um século mais tarde, e até no próprio Vieira. A pág. 61, nota *a*, da sua memória, diz o lúcido crítico:

«No meio de tantas corrutelas, de tantas incongruências e defeitos, se está mostrando a cada passo aquele espírito, aquela majestade, tão natural à língua portuguesa, aquela flexibilidade para todos os argumentos, aquela perspicuidade, aquela harmonia que tanto e tão altamente a fazem recomendável nos escritos de uma série de autores dignos do mais distinto aprêço.»

E mais adiante, a pág. 63:

«Na pintura que faz êste historiador (Fernão Lopes) das misérias que passava o povo de Lisboa no grande assédio que lhe pôs el-rei de Castela em pessoa, mostra quanto a lingua portuguesa era já capaz para o patético. No famoso arrazoado que nas Côrtes de Coimbra fêz João das Regras a favor do mestre de Avis, se conhece de quanta veemência viria a ser capaz no género deliberativo. Na multiplicidade de pinturas bélicas e fúnebres, se patenteia a propriedade que viria a ter para traçar os grandes acontecimentos e catástrofes, que tanto se avultaram nas narrações dos famosos historiadores Barros e Couto. A singeleza de muitos tro-

ços de diálogos... mostra a grande e natural propensão que o idioma já naquele tempo tinha para o estilo médio e humilde, na composição dramática. A frase com que descreve a batalha de Aljubarrota... e outras, indica a propriedade que (a língua) havia de ter para o terrível, nos rasgos imortais de um Camões... Não falo já no sem-número de elegâncias esparzidas por tôda a obra, das quais se pode inferir e conhecer a futura beleza do idioma em todo o género de composição, e os sais áticos de que era capaz; como, por exemplo, a pág. 397 da 2.ª parte da dita crónica (de D. João I): *Falando o doutor Pero Sanchez... começou tão longe seu rasoado, como os que pregam da Vera Cruz e vam buscar à bocca de Adam aquelle pao de que foi feita.* — *Adelgaçar despesas.* — Parte 1.ª, pág. 312:... *assi o Mestre... enviou Nuno Alvarez, e seus companheiros a prégar pelo Reyno o Evangelho Portuguez...*»

Sôbre a influência do francês na prosa de Fernão Lopes é interessante o que diz FRANCISCO DIAS, pág. 64 da cit. *Memória:*

«Estes escritores (Fernão Lopes e Gomes Eanes)... enriqueceram pois a língua, tirando muitas vozes e frases não só da latina, grega e italiana, mas até mesmo da francesa, como atestam

as seguintes passagens. Deram em primeiro lugar terminação plural aos particípios que se unem aos auxiliares nos pretéritos..., o que ao depois veio a ficar em terminação singular, rejeitando a fórmula da expressão francesa, a saber:... pág. 411 (da 2.ª parte da Cr. D. João I): *Vistos os boons serviços que feitos haviam*; pág. 167, parte 1.ª: *grande manhã*; pág. 183: *grande madrugada*... A palavra *foro*, advérbio, significava *muito*; é pròpriamente o francês *fort*, como se vê no seguinte exemplo, a pág. 261: *que esta nova, e grande guerra, não se havia de partir por avença e preitezia, mas por foro espargimento de sangue.* — *Sujeitos* por *vassalos* se pode ver a pág. 7 da 2.ª parte, a pág. 328 e 329... — *Ensembra* por *junto*, pág. 466... Tôdas estas elegâncias e vozes são meramente francesas, e não se acham apontadas por Duarte Nunes de Leão, que no seu livro da *Origem da Língua Portuguesa* relata um grande escólio. Não só a comunicação de muitos Franceses, que a êste Reino vieram com o conde D. Henrique, foi causa destas imitações, mas também a lição dos Livros de Cavalarias, que então eram em grande moda, e nasciam muitos dêles em França...»

Frederico Bouterwek na sua *História da Literatura Espanhola e Portuguesa*, trad. inglêsa

por Thomasina Ross, Londres, 1823, vol. II, pág. 22, mete os pés pelas mãos, desta maneira:

«The narrative style of this diligent compiler is, indeed, quite as dull and monotonous as that of the older Portuguese chroniclers; but he obviously made efforts to express himself with a certain degree of dignity. He neglects no opportunity of making his historical characters deliver speeches, after the manner of the ancient writers; and a certain degree of energetic simplicity is to be found in some of those harangues.»

FRANCISCO JOSÉ FREIRE (CÂNDIDO LUSITANO), nas *Reflexões sôbre a lingua Portuguesa*, Lisboa, 1842, não se refere concretamente a Fernão Lopes, quando, estabelece, ao príncipio do seu livro, a lista dos escritores que considera clássicos. Mas condena-o, a granel, dizendo o seguinte a pág. 7:

«Antes do felicíssimo reinado de el-rei D. Manuel, quem chamasse inculta e bárbara à língua portuguesa não lhe erraria o nome. Contentaram-se os seus primeiros escritores de falar uma linguagem pouco socorrida da correcção da gramática, e de tôdas aquelas qualidades que ensina a arte de *bem falar*. Os melhores, que escreviam em prosa, eram *aqueles de cujo estilo sêco, can-*

sado e confuso temos tantas provas, quantas são as Crónicas dos nossos reis antigos...»

FRANCISCO TRIGOSO DE ARAGÃO MORATO, no Discurso preliminar e introdução às crónicas de Fernão Lopes (Tômo IV, pág. XXX e XXXVII da *Collecção de livros inéditos da Hist. Port. publicados por ordem da A. R. das S. de L.*, Lisboa, 1816):

«... causa assombro que um homem da gravidade e exacção histórica de João de Barros escrevesse que... se alguma cousa há bem escrita nas crónicas dêste Reino, é por mão de Gomes Eanes, assim dos tempos em que êle concorreu, como de alguns atrás, de cousas de que não havia escritura. Damião de Góis, contemporâneo outro-sim de João de Barros, foi o primeiro que vindicou a fama de Fernão Lopes, e que pretendeu dar a cada um o que era seu, ainda que muito à custa da reputação de Rui de Pina...»

«... aos dous últimos (*Gomes Eanes e Rui de Pina*) leva assaz vantagem o primeiro *(Fernão Lopes)*, não só em antiguidade, a qual por si mesma concilia maior respeito e veneração, mas em bom senso, fidelidade e exacção histórica; e até numa certa ingenuidade e simpleza, que eu preferiria à erudição e moralidade muitas vezes importuna do segundo *(Azurara)* e à pretendida polícia no es-

crever, nimiamente afectada, do terceiro *(Rui de Pina)*.»

ALEXANDRE HERCULANO, nas *Controvérsias e Estudos Históricos*, tômo II (V dos Opúsculos), Lisboa, 1907, pág. 5 e ss:

«Fernão Lopes... moralizava antes de entrar na matéria... Foi Fernão Lopes o primeiro que pôs em *caronyca*, isto é, em ordem, as *estorias* da primeira dinastia dos reis portugueses, e fêz a bela crónica de D. João I. Até aí havia apenas algumas memórias espalhadas, alguns breves compêndios dos sucessos públicos. Neste número deve entrar um manuscrito que existia em Santa Cruz de Coimbra, feito, segundo parece, nos fins do século XIV, em que mais de leve se mencionam os acontecimentos mais notáveis dos três primeiros reinados, e dêle talvez se houvessem de contar as antigas que Duarte Nunes reformou, ou estragou, e que muito desconfiamos sejam as mesmas que *coligiu* Acenheiro no princípio do século XVI, e que serviram de fundamento a Rui de Pina e Galvão; sôbre tudo o que pesam ainda muitas sombras, ao menos para nós, parecendo-nos todavia indubitável que alguma cousa havia escrito antes de Fernão Lopes; porque alguma cousa eram essas *estorias* dos antigos reis, mencionadas na carta de

nomeação de Fernão Lopes, e que nesse documento se distinguem claramente dos *feitos* de D. João I. De quanto Fernão Lopes escreveu, o que hoje existe conhecido e impresso é a Crónica de D. Pedro I, a de D. Fernando, e a de D. João I. Contudo, por averiguado se tem que êle escrevera as dos outros reis anteriores, e até Damião de Góis lhe atribuiu uma de D. Duarte. Seja o que fôr, é certo que para a glória de Fernão Lopes são monumentos sobejos as três crónicas que dêle existem. O nosso célebre crítico Francisco Dias, o homem, talvez, de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os méritos dos escritores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevera a história: com razão o diz, e poderia acrescentar que poucos homens teem nascido historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos e civilizados houvera vivido e escrito, não teríamos por certo que envejar às outras nações nenhum dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os sucessos políticos, Lopes adivinhou os princípios da moderna história: a vida dos tempos de que escreveu transmitiu-a à posteridade, e não, como outros fizeram, sòmente um esqueleto de sucessos políticos e de nomes célebres. Nas crónicas de Fernão Lopes não há só história: há poesia e drama: há a Idade Mé-

dia com sua fé, seu entusiasmo, seu amor de glória. Nisto se parece com o quási contemporâneo cronista francês Froissart; mas em todos êsses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homem da grande epopeia das glórias portuguesas, teremos feito a tão ilustre varão o mais cabal elogio.»

No tômo IX dos *Opúsculos (Literatura)*, no artigo sôbre *Novelas de cavalaria portuguesas*, diz HERCULANO, a pág. 95, o seguinte:

«O estilo em que está escrito (o *Amadis de Gaula*) é o de uma velha crónica do século XV, e notamos nêle uma grande semelhança com os escritos do pai da nossa história, o singelo cronista de D. João I, Fernão Lopes, que tantas vezes se mostrou mais *poeta* do que muitos que se arrogam êste título.»

Comparando a *Crónica de D. João I* com os trabalhos muito posteriores de Garcia de Resende, caracteriza ALEXANDRE HERCULANO admiràvelmente, nos seguintes termos (*Panorama*, vol. III, 1839), as duas épocas e os dois historiadores:

«¡Que distância espantosa não há, com efeito, entre o grande poema de Lopes e a mesquinha colecção de historietas de Garcia de Resende, onde

apenas avultam algumas páginas, como o suplicio de um nobre, o assassínio de outro, e o mistério de um rei que morre, ao que parece, envenenado! Que distância espantosa de um cadafalso, de um punhal e de uma taça de veneno, ao cêrco de Lisboa, à batalha de Aljubarrota e ao baquear de Ceuta! No livro de Garcia de Resende vê-se o aspecto triste e a vida de agonia, o sorrir forçado de um rei sem família, rodeado de cortesãos, cujos nomes pela maior parte se resolvem em fumo com a morte do seu senhor, a quem seguem os bèsteiros e espingardeiros da guarda, não para pelejarem com estranhos, mas para o defenderem contra o ódio dos seus naturais. Aí o vulto real abrange quási os horizontes do quadro, e só lá no fundo, mal desenhadas e indistintas, se enxergam as personagens históricas daquela época, e as multidões, agitadas ou tranquilas a um volver de olhos do monarca, mas nulas, tanto em um como em outro caso. Na crónica de Fernão Lopes há, pelo contrário, a história de uma geração: é um quadro imenso de muitas figuras no primeiro plano. Nos degraus do trôno de D. João I estão sentados guerreiros, *sabedores*, e monges, e clérigos, e povo que tumultua e brada com voz de gigante: — *Pátria!* — Ao pé da imagem homérica de Nunálvares, vê-se a fronte serêna e santa do arcebispo de Braga, a face meditabunda e enrugada de João das

Regras, e os vultos temíveis do Ajax português, Mem Rodrigues, e do esforçadíssimo Martim Vasques, e de tantos outros cavaleiros a quem dificilmente sobrepuja o rei popular, o mestre de Avis. O cronista faz-nos acompanhar as multidões, quando rugem amotinadas pelas ruas e praças; guia-nos aos campos de batalha, onde se dão e recebem golpes temerosos; abre-nos as portas dos paços ao celebrar das Côrtes, ao discutir dos conselhos; arrasta-nos aos templos, onde troa a voz do monge eloqüente; lança-nos, em-fim, no existir dos tempos antigos, e embriaga-nos com o perfume da Idade-Média; e deslumbrando-nos com o brilho da época mais gloriosa da história desta nossa terra portuguesa, evoca inteiro o passado e, rasgando-lhe o sudário em que jaz, com o sôpro do génio, dá alma, e vida, e linguagem, ao que era pó, e morte, e silêncio.»

Francisco Freire de Carvalho, no seu *Primeiro ensaio sôbre a história literária de Portugal,* etc., Lisboa, 1845, pág. 71:

«...No seu estilo (de Fernão Lopes) reina uma nobre simplicidade...»

Ferdinand Denis, no *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal,* Paris, 1826, pág. 28:

«Alors que la poésie commençait à prendre en Portugal ce caractère...; des hommes habiles écrivaient l'histoire d'une manière vraiment remarquable pour le temps. A leur tête on doit mettre Fernand Lopes, qui donna la chronique des rois, et qui commença dès lors à imprimer un nouveau caractère à la langue imparfaite dont il devait faire usage. Les critiques portugais paient un juste tribut d'hommages aux services qu'il rendit; l'un d'eux s'exprime en ces termes à son sujet et le fait connaître en quelques mots: «Son style fut plein de clarté, et tellement différent de celui qui avait été adopté par les écrivains antérieurs, qu'on eût dit un autre idiome. et il sert encore à établir d'une manière exacte l'état du langage avant le temps de Sá de Miranda.»

Francisco Dias a raison de dire que ce fut le prémier qui écrivit dignement l'histoire en Europe. A cet historien, vraiment supérieur au siècle où il vivait, succéda un homme qui hérita de son emploi et d'une partie de son talent. Je veux parler de Gomes Eannez de Azurara...»

O mesmo FERDINAND DENIS, na *Nouvelle Biographie Universelle*, Tome 31 e, Paris, 1853, pág. 621:

«...Lopes ne se contenta pas de rassembler les monuments écris, dont on pouvait s'aider pour

composer une histoire générale du Portugal; il voyagea dans l'étendue du royaume, et se mit surtout en rapport avec les hommes qui, ayant participé aux affaires, pouvaient l'éclairer sur la marche des événements... Aux yeux des Portugais, Fernão Lopes n'est pas seulement un chroniqueur exact et laborieux; par les qualités de son style, c'est un grand historien, et l'école moderne n'hésite pas à lui donner ce titre. On peut dire que l'individualité de Fernão Lopes est une conquête de la critique moderne. Ses récits, empreints d'un caractère si original, s'étaient confondus avec ceux de Ruy de Pina... Une bonne édition de Froissart ne pourra pas être donnée en France, sans que l'on compare soigneusement ses récits à ceux de Fernão Lopes.»

A. Loiseau, na *Histoire de la Littérature Portugaise depuis ses origines jusqu'à nos jours*, Paris, 1886, pag. 76 e 77:

«Fernão Lopes... s'est élevé assez haut pour que le Portugal n'eût plus à redouter la France avec son Froissart, ni l'Italie avec son Villani, ni l'Aragon avec Ramon Montander, ni la Castille avec Lopez d'Ayala. En effet, le premier en Europe, Fernão Lopes eût les véritables qualités

de l'historien: l'indépendance du caractère, l'autorité du jugement, l'impartialité et la franchise.

Quand il expose les faits, il les loue ou bien les désapprouve avec un bon sens et une justesse d'appréciation, qui le placent fort au dessus de ses devanciers. Ses *Chroniques* sont excessivement dramatiques; elles se recommandent par la peinture des caractères, les descriptions, la liaison des faits et l'heureuse mise en scène des événements. On a dit qu'elles étaient la représentation fidèle et exacte de la société de son temps. Le roi, la cour, le clergé, la noblesse, tout vit, tout s'agite avec ses passions, ses intérêts, ses vices et ses vertus, dans ce tableau mouvant du dernier siècle historique. Joignez que l'auteur écrit la langue la plus pure, la plus expressive que l'on connaisse encore, sillonnée d'éclairs poétiques, et qui rappelle la mâle énergie du *Leal Conselheiro*, l'ingénuité et la grace de *Menina e Moça*. Sans doute ce n'est pas encore l'idiome classique de João de Barros, la majestueuse éloquence du Père Antonio Vieira; ce n'est même pas le pur langage de Luis de Sousa; mais c'est une langue déjà fort bien appropriée au sujet traité, très-correcte; le terme est juste, pittoresque, et elle reflète toutes les parties saillantes du caractère national. A ce point

de vue, Fernão Lopes peut être appelé, à juste titre, le Malherbe du Portugal.»

José Maria de Andrade Ferreira, no *Curso de Literatura Portuguesa,* Lisboa, 1875, pág. 288 e ss.

«O pai da história nacional é Fernão Lopes... Antes de Fernão Lopes nada subsistia de regular e metódico, nem na agregação de uma mesma ordem de sucessos, nem no seguimento cronológico da narrativa. Subsistiam algumas memórias dispersas nos arquivos dos mosteiros, ou referências truncadas na tradição popular, e raríssimos apontamentos dos pactos públicos, registados pela curiosidade de um ou outro monge. Em Santa Clara de Coimbra existia um manuscrito, obra, ao que parece, do século XIV, em que veem referidos, porém mui de longe, os sucessos mais singulares dos reinados D. Afonso Henriques, de D. Sancho I e de D. Afonso II. O sr. Alexandre Herculano é de opinião que estas foram as apelidadas crónicas que Acenheiro coligiu nos começos do século XVI, e que serviram de base a Rui de Pina e Duarte Galvão para os trabalhos históricos que depois empreenderam. Duarte Nunes de Leão também se apropriou de-certo das mesmas memórias ou *compèndios dos sucessos públicos,* como lhes chama o nosso historiador,

nas crónicas que escreveu acêrca dos primeiros reinados. Mas além dêstes documentos parece fora de dúvida ter subsistido mais alguma cousa escrita, porque, na carta de nomeação de Fernão Lopes, mencionam-se as *estoiras* dos antigos reis, mui distintamente dos feitos de D. João I. Todavia, se existiu, perdeu-se, ou sobreviveram apenas notícias tradicionais e confusas, pois nenhum dos nossos cronistas e historiadores declarou haver encontrado êsses antiquíssimos escritos, nem ainda mesmo cronistas monásticos, que foram os que mais rebuscaram os arquivos de seus mosteiros, salvo frei Bernardo de Brito, que descobriu notícias históricas e documentos, onde ninguém jamais presumiu poder achá-los. Mas todos sabem hoje o valor dêsses achados do bom do cisterciense, que, ou por exuberância de imaginação, nímia credulidade, ou desejos de elevar a nossa história a condições mitológicas, vício talvez da sua educação rigorosamente clássica, mais fêz dela uma fábula que narrativa sincera e verdadeira. Frei Nicolau de Santa Maria é que assevera (*Chronica da Ord. dos Coneg. Regr.* liv. IX, cap. IX) que o primeiro rei português nomeara a João Camelo, seu capelão, e prior claustral de Santa Cruz de Coimbra, para cronista-mor do reino, ofício depois dado ao seu sucessor no priorado, Dom Pedro Alfarde, ficando de direito nos priores

da mesma ordem. Até cita as cartas de nomeação e transcreve as datas, trasladando dizeres que assegura acharem-se nelas... Frei Manuel de Figueiredo, na sua *Dissertação histórica e critica para apurar o catálogo dos cronistas-mores do Reino,* não hesita em dar por duvidosos, tanto a João Camelo como a D. Pedro Alfarde, como cronistas, assim como a nomeação de todos os outros priores de Santa Cruz, até 1460. Mas Sampaio Vilasboas escreve o seguinte: «Vencida a batalha de Campo de Ourique... um dos seus maiores cuidados (de D. Afonso Henriques) foi o da nobreza dos seus vassalos, *encomendando ao seu confessor*, João Camelo, escrevesse um *Nobiliário dos Cavaleiros* que nas emprêsas militares o ajudaram valorosamente, para crédito e memória da nobreza da sua posteridade *(Nobiliarchia Portug.,* pág. 3, ed. 1727)». As frases das cartas régias, citadas por Frei Nicolau de Santa Maria, conferem exactamente com esta exposição... Isto leva-nos a crer que a circunstância dos priores de Santa Cruz não terem sido nomeados cronistas-mores do Reino, o que Figueiredo contesta com bastante fundamento, não destrói o facto da existência dos escritos de D. Pedro Alfarde. E foram talvez estes escritos, dados por valiosas bases para reconhecer a ascendência da nobreza do Reino, os rudimentos mais primordiais do *Nobiliário* do conde

D. Pedro... Dissemos acima que o desenvolvimento e diversas fases da organização política de uma sociedade se manifestam no progresso artístico e espírito da literatura; e que o reinado de D. João I patenteara estes resultados em dois grandes acontecimentos, ambos filhos dêsse tempo: na obra do mosteiro de Santa Maria da Vitória, e na larga concepção dos escritos do primeiro cronista português. Efectivamente, nos livros de Fernão Lopes encontra-se já o desassombro, a isenção, a integridade com que o *espírito público*, começando a surdir das trevas da ignorância da Idade-Média, ostenta o vigor e pureza de suas fôrças. Mesmo por isso que mal respirava de entre os elementos confusos do espírito de independência popular, e que ainda não estava corrompido pela depravação dos interêsses sociais, nem sufocado pelas mordaças que depois lhe pôs a tirania das convenções políticas, se manifestava sincero nas suas narrativas, mas também altivo e inexorável na apreciação dos indivíduos e cousas públicas, não os poupando nem antepondo, e ostentando a inteireza que transluz, tão espontânea e despretensiosa, na apreciável rudeza das páginas da *Crónica de D. João I*.

Luciano Cordeiro, nas *Duas palavras* que precedem a reprodução da *Crónica de D. Pedro I*, na

«Biblioteca de Clássicos Portugueses», organizada por Melo de Azevedo (Lisboa, 1894):

«Um dia, era eu ainda um rapazelho, apanhei entre os velhos livros de meu pai — que sabia de cor o Vergílio, o Camões, e que me recomendava o Tito Lívio, o João de Barros, etc,—apanhei, pois, um volume, que nunca mais vi, e que era uma edição em 8.º da *Crónica de D. Pedro,* por Fernão Lopes. Devia ser a edição do Padre Pereira Baião, do século 18.º, inferior à chamada da Academia. ¡ Como eu li sôfregamente, deliciosamente, o velho livro ! ¡ Como me soube bem aquela prosa simples, ampla, forte—permitam-me a expressão :—aquele *contar* ingenuo, vivo, e ao mesmo tempo tão majestoso, pela sincera e nobre lealdade do cronista — que não era um adulador real, nem um *fingidor* literário ! ¡ Cronista ! Historiador é que pode francamente chamar-se-lhe...»

«E' uma complicada questão, a de ter Fernão Lopes escrito outras crónicas, além das que teem logrado chegar, sob o seu nome, até nós; e a de se terem outros escritores apropriado, mais ou menos, de trabalhos dêle. As conhecidas são a de Pedro I, a de D. Fernando, e a de D. João I. Como diz, justamente, Herculano : — «para a glória de Fernão Lopes são monumentos sobejos» — estes três monumentos. Mas que pena que não tenhamos dêle

a história daquele *grande desvayro* dos amores de Inês de Castro; e que a gentil figura nos apareça apenas como uma obsessão cruel do extraordinário monarca, que procurara já distrair-se um pouco nos braços de Teresa Lourenço, a bem-aventurada mãe de Dom João I.»

PROF.ª D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS, no § 95 da *Geschichte der Portugiesischen Litteratur (Groeber's Grundriss)*, Estrasburgo, 1897:

«A sua obra-prima, à qual (Fernão Lopes) deve o título de honra de «Froissart português», é trespassada de sincero entusiasmo pelo rei João e seus heróis, o Condestável e o Chanceler, a cujos feitos tinha assistido; todavia esforça-se para distribuir a luz e as sombras com imparcialidade. A linguagem é vigorosa e saborosa. Aqui e ali, com naturalidade, apresenta-se um quadro pitoresco ou um adágio de ingénua popularidade. Anedotas sucolentas e aventuras românticas ressumam da própria história. Documentos, cartas, discursos, sermões, *brevemente tocados*, interrompem a simples narração. Reflexões moralizadoras e citações peregrinas, emprega-as com parcimónia. Em geral colocam os Portugueses o seu Fernão Lopes — *o Patriarca dos Historiadores, o Pai da prosa portuguesa* — em enormes alturas, atribuindo ao

narrador o vigor dramático inerente ao assunto medieval. Em tempos recentes tem sido censurado por não transcrever literalmente o tratado com a Inglaterra, e bem assím por não ter reconhecido a influência perniciosa (a meu ver ilusória) que esta aliança, contraída para um triénio apenas, veio a ter no desenvolvimento histórico do país. Agora acusam o sincero e honrado homem (*der redliche Biedermann*) de arguto e arteiro, de deão dos aduladores, primeiro panegirista oficioso e falsificador da História. Creio que êle sai vitorioso desta provação, e também da acusação que lhe fazem historiadores espanhóis, de ter plagiado uma crónica anterior, castelhana...»

O sr. José Caldas, na sua *História de um fogo-morto*, Pôrto, 1904, acusa de *falsificadores do passado*, *eméritos burlões, servis ou lisonjeiros, vilíssimos*, *fabulistas insolentes*, todos ou quási todos os historiadores, cronistas e biógrafos, desde Aristóbulo e Xenofonte até Oliveira Martins e Pinheiro Chagas. Fernão Lopes apanha também a sua conta, nos seguintes termos, a pág. XXV e ss. da *Introdução* daquele interessante livro de história, escrito com fel e vinagre:

«Quando a nacionalidade portuguesa entra num período de estratificação política, ao têrmo da pri-

meira dinastia, os monarcas encarregam criados seus, como Fernão Lopes e Rui de Pina, de escreverem epítomes das façanhas reais. E, para que se lhes espertem mais os engenhos, cumulam-nos de prebendas e favores, de molde a que a pena siga mais à vontade na corrente das liberalidades concedidas... Parece, à primeira vista, que, entre nós, não houve, desde há oito séculos, senão reis vencendo ou evitando batalhas, desde D. Afonso Henriques, que desafia os Árabes, até D. João VI, que foge dos Franceses; e frades fazendo milagres, construindo conventos ou queimando judeus. O mais, isto é, a grande massa nacional, nem se presume. ¿E porquê? Simplesmente, porque essa prodigiosa massa nacional não teve, como ainda hoje não tem, com que aforar cronistas lisonjeiros ou complacentes. O povo, que sofre, ainda não teve historiador... Assim, os nossos melhores historiadores não são senão meros biógrafos do Paço, sustentando com melhor ou pior habilidade a fama e o bom nome dos reis, que lhes pagam èsses especiais serviços. A suposta ingenuidade de Fernão Lopes é uma arma de propaganda em benefício da causa de D. João I... E, assim, fica demonstrado até a saciedade o motivo pelo qual o povo, por não ter com que subornar cronistas, ou com que apurar-lhes os estilos doutos e patrióticos, èsse

mesmo povo fica, como é justo, tanto nos registos palatinos, como nas sucessivas cópias que nèles vão inspirar-se, sem nome, sem referências e sem voz.»

Verdade seja que logo duas páginas adiante daquela onde se ostentam estas últimas palavras, o tenebroso cortesão Fernão Lopes já *faz luz*. Mas é só para escurecer mais ainda os cortesãos contemporâneos do sr. José Caldas:

«E para que a coerência seja completa em tòda esta máquina de anarquia individual, os nossos governos, desde a morte de Oliveira Marreca, vão incumbindo da direcção suprema da Tôrre do Tombo — lá onde *luziram figuras como Fernão Lopes* e Damião de Góis — ou sejam jornalistas, fazedores de comédias, como António Enes, ou políticos profissionais, como o sr. José de Azevedo.»

Prof. Teófilo Braga, na *Recapitulação da Hist. da Lit. Port., I, Idade Média*; Pôrto, 1909; pág. 480 e ss.:

«...Apesar do exagerado respeito pelos latinistas estranjeiros, é no século XV que aparecem os grandes historiadores portugueses escrevendo na

língua nacional, com um admirável relêvo pitoresco e com um elevado bom-senso. A redacção portuguesa julgar-se-ia então provisória, sendo destinada à amplificação do latim ciceroniano, como se pode inferir da despreocupação de estilo em Fernão Lopes, e dos variados plágios que dêste cronista fizeram outros que lhe sucederam...»

«O cronista Fernão Lopes, pelo realismo das suas narrativas, destacando-se, pelo bom-senso, das tradições poéticas, mas conservando-lhes o sentido do *ethos* nacional, é comparável a Herodoto, e a quantos seguiram esta forma ingénua e pitoresca da objectividade das pessoas e dramatização dos factos anedóticos, pondo-se a par de Froissart e de Joinville...»

«Era o verdadeiro fundador da História de Portugal; para êle o narrar os factos, e julgá-los, é como achar-se investido da missão grave e consciencios a de proferir uma sentença perante a posteridade...»

«...Apesar de terem conservado o seu nome as três crónicas hoje impressas sôbre apógrafos, essas mesmas se perderam, restando traslados modernizados, sumariados ou ampliados. O confronto dêsses diferentes textos revela por vezes os subsídios de que o cronista se servia, ou também como os plagiários se iam apropriando das suas narra-

tivas, ou mesmo fazendo-lhes continuações, até o fim do século XVI.»

«As Crónicas de Fernão Lopes são intensamente dramáticas; os ditos e apodos populares, que definem um tipo ou uma situação, cruzam-se por entre as reflexões sensatas do narrador, que os vai acareando com os documentos; os costumes públicos formam o fundo dêste quadro animado, em que a linguagem é — ingénua e quási vulgar — em uma construção francamente clara, nessa justa proporção que só o bom-senso natural sabe encontrar. O espírito de um Froissart educado por um Montaigne, é que nos daria o equivalente da superioridade de Fernão Lopes, não só em Portugal, mas a par dos grandes Cronistas do século XVI. ¿Quando, em uma boa edição crítica das suas Crónicas, se restituïrá êste vulto à civilização europeia?»

Na sua *Introdução e Teoria da História da Literatura Portuguesa,* Pôrto, 1896, pág. 389, diz o sr. Teófilo Braga, a respeito de Fernão Lopes:

«...é um narrador ingénuo, como Froissart ou Villani...»

O Sr. Edgar Prestage, em *Portuguese literature to the end of the 18th Century,* London, 1909, pág. 18:

«The father of Portuguese history is Fernão Lopes, who in his Chronicles of Kings Pedro, Fernando and John I. proves himself both an historian and a great prose writer. Endowed with a poet's soul and a lawyer's care of statement, he possessed rare descriptive powers, and writes in a simple direct style. His portraits are admirably vivid and it is not too much to say that with him a whole epoch comes to light again.»

José Simões Dias, na *História da literatura Portuguesa,* 12.ª ed., Lisboa, 1912, pág. 160:

«Verdadeiro, ingénuo e consciencioso, Fernão Lopes é o Herodoto português e o primeiro que introduz entre nós a sciência histórica, concatenando os factos, procurando as causas e determinando-lhes o valor.»

Prof. Mendes dos Remédios, na *História da literatura Portuguesa,* Coimbra, 1914, pág. 93 e 95:

«A história digna dêste nome e elevada a um género independente e próprio só aparece entre nós com Fernão Lopes... Êle abre a série dos cronistas oficiais estipendiados pelos reis para desempenharem a missão de escreverem a história nacional... Pode dizer-se que as obras do grande

historiador são o que a Idade Média nos legou de mais perfeito. Nada lhe falta — colorido, vida e entusiasmo. Uma geração inteira com as suas ambições e as suas lutas surge nas páginas das suas crónicas... A descrição do cêrco de Lisboa, e da batalha de Aljubarrota; o retrato de D. Pedro I, traçado a côres inolvidáveis, como quando por suas mãos aplica justiça ao bispo do Pòrto, ou a manda executar sôbre os assassinos de Inês de Castro; o que êle escreve sôbre a intrigante figura de Leonor Teles e seus amores com o rei, etc, são quadros que só o pincel de um grande artista podia ter desenhado. Ferdinand Denis, que foi um cultor tão justo e tão conhecedor da nossa literatura, considerava Fernão Lopes como historiador superior ao seu século e aprovava a opinião de Dias Gomes, quando êste crítico escrevia que fôra êle o primeiro que mais dignamente escrevera a história na Europa. Nisto vai o seu melhor elogio.»

PROF. ALFREDO COELHO DE MAGALHÃES, no *Estudo crítico* da sua edição da *Crónica de el-rei D. Duarte,* de Rui de Pina, Pòrto, 1914, pág. 26 e ss.:

«Entre elas (entre as qualidades que tornam Fernão Lopes inconfundível) destaca-se o seu po-

der de dramatizar os factos que narra, dando-lhes alma que sentimos vibrar e por que nos apaixonamos, num interêsse sempre crescente...»

«E' ainda particularmente característico em Fernão Lopes o estilo. Mais uma razão para o considerarmos um escritor bem nacional, aproximando-se a sua linguagem, extraordinàriamente, da do povo. O seu dizer é ingénuo por natureza, e gracioso, impressivo e límpido. Algumas das suas expressões teem tal originalidade, no seu arranjo e no seu espírito, que, pode dizer-se, ficaram exclusivas dêle. E sente-se que não há nelas artifício nenhum: são tão naturais e espontâneas, e tão cheias de vida, como a alma do povo que interpretam.»

Sr. Anselmo Braamcamp Freire, na Introdução à Primeira Parte da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, ed. do *Arquivo Histórico Português*, Lisboa, 1915:

«Fernão Lopes é considerado o primeiro dos nossos historiadores, não tanto pela antiguidade dos tempos em que escreveu, como por ter pôsto em *caronyca*, isto é, em ordem, *as estorias dos Reys que antyguamente em Portugal foram*; e não só por êste facto, mas pela elevação do pensamento e da linguagem que se nota nos seus escri-

tos, pela escrupulosa investigação dos sucessos, a que procedeu antes de os narrar, merece a primazia. Primor literário, sóbrio e adequado; verdade e clareza na exposição; coordenação e dedução natural na narrativa; crítica imparcial e perspicaz dos acontecimentos, são requisitos necessários ao historiador e abundantes em Fernão Lopes.»

O sr. AUBREY F. G. BELL não se ocupa de Fernão Lopes no capítulo II (*Early Prose*) dos seus tão interessantes *Studies on Portuguese Literature*, Oxford, 1914; mas escreveu já acêrca dêle um opúsculo que será publicado pela *Hispanic Society of America*, segundo amàvelmente nos comunica em carta datada de 1 de Fevereiro de 1921, da qual recortamos as seguintes notas:

«Um escritor inglês, Robert Southey (1774-1843) escreveu há cem anos que Fernão Lopes era *the best cronicler of any age or nation.* O Alemão Bouterwek diz (na tradução inglèsa de 1823): *The narrative style of this diligent compiler is, indeed, quite as dull and monotonous* (!!) *as that of the older Portuguese chroniclers.* E, naturalmente, os Inglêses não quiseram saber mais nada de Fernão Lopes.»

O sr. Francisco Maria Esteves Pereira, na Introdução à *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara, Lisboa, 1915, pág. LXX, observa o seguinte:

«Gomes Eanes de Zurara evitou, o que não fêz Fernão Lopes algumas vezes, o uso de linguagem livre, e não empregou palavras torpes, nem narrou factos obscenos; é sempre muito discreto, guarda o respeito devido à honra e o decòro à honestidade, e as suas obras podem ser lidas sem hesitação nem rubor diante de tôdas as pessoas, qualquer que seja a sua idade ou sexo.» (1)

---

(1) Em nota cita o erudito académico os seguintes passos escabrosos de Fernão Lopes: na Crónica del-rei D. Fernando (cap. IV) o dito, sem dúvida popular, àcêrca do juramento do contrato do casamento do mesmo rei com a infante D. Leonor, filha de D. Henrique, rei de Castela; na *Crónica de D. João I* (primeira parte, cap. CLVIII, ed. Braamcamp) as palavras e cantiga de Fernão Gonçalves a sua mulher; e na *Crónica de D. Fernando* (cap. C e CIII) a narração dos amores do infante D. João com D. Maria Teles, e da morte desta. Dos capítulos citados pelo sr. Esteves Pereira são os dois últimos os únicos que aparecem transcritos no presente volume, mas *suavizados*, como convém ao nosso intuito. No cap. que intitulámos *Os mal-casados*, houve também necessidade de ousar uma pequena amputação do texto, pelo mesmo motivo. Fernão Lopes dá com efeito a certas coisas os seus nomes crus, e às vezes parece comprazer-se em ser desbocado.

IV

A «ANTOLOGIA»

Compor-se há de dois volumes esta *Antologia* de Fernão Lopes. No primeiro dêles, que aqui estamos apresentando ao nosso público, vão extractadas as duas *Crónicas* de *D. Fernando*, e de *D. Pedro I;* no segundo, cuja publicação não tardará muito, daremos vários excerptos da *Crónica de D. João I* (primeira parte), obra prima do genial escritor.

Não são *autógrafos* do historiador medieval os textos que existem destas três *Crónicas:* são *apógrafos,* isto é: *cópias,* elaboradas nos princípios do século XVI, por ordem de el-rei D. Manuel, e conservadas ainda hoje no Arquivo Nacional. Sôbre êsses apógrafos foram feitas duas boas edições, impressas, das três *Crónicas:* das de *D. Pedro* e *D. Fernando,* em 1816, no vol. IV da *Collecção de livros ineditos de historia port., publ. de ordem da Academia;* da de *D. João I* (1.ª parte) em 1915, pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Diz Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, no *Discurso Preliminar* do tômo IV dos *Li-*

vros Inéditos que no texto das Crónicas de El-Rei D. Pedro I e D. Fernando seguiu a Comissão publicadora com o maior escrúpulo o exemplar do Real Arquivo, conservando as lacunas, e até alguns erros que nêle se encontram, e acomodando-se à mesma viciosa e inconstante ortografia, com as únicas liberdades de regular a pontuação, de tirar as letras dobradas que veem no princípio e fim de algumas palavras, de fazer maior uso de letras iniciais maiúsculas e de escrever por extenso as palavras que muitas vezes estavam escritas com abreviaturas.

Pela nossa parte alterámos ainda êste texto de 1816, modernizando inteiramente a ortografia e pontuação; paragrafando de modo que a leitura se torne mais fácil e agradável; substituindo por formas lexicográficas actuais as mais obsoletas e repugnantes ao gôsto ou costume de agora; abreviando muitos capítulos e até muitos trechos e períodos, para concentrar o interêsse do leitor actual, com oferecer-lhe os passos de assunto mais notável ou de mais colorida narração; dando títulos novos e mais curtos aos trechos apresentados; emendando certos erros evidentes de concordância, imputáveis à imperícia dos copistas dos velhos códices; mascarando com eufemismos uma ou outra expressão mais crua das relações entre os sexos.

Tudo isto é inevitavel para que se faça, entre os Portugueses de 1920, a justa e necessária propaganda de um dos mais admiráveis artistas da palavra que a nossa Pátria gerou desde que existe; de um homem que, além da significação europeia ou mundial que tem a sua produção de historiador, parece ter realizado sózinho, no impulso e progresso dado à língua, o trabalho gigantesco de tôda uma geração. E os eruditos, os pesquisadores pacientes, os curiosos de exactidão e de minúcia, lá encontrarão o que procuram e desejam, nas edições ou reproduções fiéis e íntegras de 1816 e 1915, indicadas acima.

São relativamente insignificantes as alterações morfológicas por nós introduzidas nos textos adiante transcritos da impressão de 1816, alterações de que em seguida apresentaremos rol completo, no tocante a pronomes, advérbios, preposições e conjunções; e uma lista meramente exemplificativa, pelo que respeita às formas substantivas, adjectivas ou verbais:

Substituímos NON por *não;* PERA por *para;* PER por *por;* CA por *porque, pois, pois-que;* POREM, PORENDE por *portanto, por-isso;* ELLO, ESTO, AQUESTO, por *isso, isto, aquilo;* HU por *onde;* EL por *êle;* POR por *para;* TODOLLOS por *todos os;* ADEPARTE por *àparte;* ASSI por *assim;* ESTONCE por *então;* ATAA por *até;* DES I por *depois, além disso;* AL por *outra coisa.*

Exemplos de substituições de formas substantivas, adjectivas ou verbais:

PROUGUERAM foi substituído por *aprouveram*; LEIXAR por *deixar*; PEENDENÇA por *penitência*; ENCÁRREGO por *encargo*; SOM por *sou*; SEZÃO por *ocasião*; SABUDO, RETEUDO por *sabido*, *retido*; TRAUTO por *trato*; AQUEECER por *acontecer*; SIIA por *estava*; SUDAIRO por *sudário*; GEOLHOS por *joelhos*; etc

Além disto adoptámos aqui e ali o Infinitivo Pessoal, em casos onde a língua de hoje o pede, e onde o texto usa o Impessoal com prejuízo da clareza.

Procedendo dêste modo, seguimos o programa estabelecido, e encostamo-nos à opinião do erudito LUCIANO CORDEIRO, formulada nas *Duas Palavras* que precedem a *Crónica de el-rei D Pedro I*, ed. de Melo de Azevedo, lisb. 1895. pág. 6:

«Uma das causas da mingua, a bem dizer, absoluta, de vulgarização dos nossos antigos escritores, dos nossos melhores monumentos literários, da nossa história, até, indicámo-la já noutra publicação desta biblioteca: é o espirito estreitamente, inconseqüentemente monopolista dos eruditos ou dos que se querem dar ares de tais; é a superstição das reproduções mais ou menos

arbitràriamente chamadas fiéis, conservadoras de uma ortografia, de uma disposição tipográfica até, obsoleta, indigesta, inacessível à leitura corrente, à assimilação imediata, actual, afectiva da multidão.»

Na Introdução ao segundo volume do seu *Romanceiro* (Lisboa, 1851, pág. VIII) formula GARRETT o seguinte voto, que neste momento nos apraz fazer nosso:

«Tomara eu que estas páginas se fizessem ler de tôda a classe de leitores; não me importa que os sábios façam pouco cabedal delas, contanto que agradem à mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem mêdo e tèdio, como a um livro profissional.»

No em-tanto, para dar um pequeno prémio de consolação á Erudição supersticiosa, e *inconseqüentemente monopolista* (como bem lhe chamou Luciano Cordeiro) apresentamos em *Apèndice*, no fim dêste volume, dois capítulos da *Crónica de D. Fernando*, em transcrição fiel e íntegra do texto de 1816; e também alguns trechos do testamento do Infante Santo, escrito por Fernão Lopes, tais quais os encontrámos na citada edição de 1915, da primeira parte da *Crónica de D. João I.*

São dos mais interessantes pelo assunto os dois Capítulos da *Crónica de D. Fernando* incluídos em Apêndice: no primeiro conta Fernão Lopes o extraordinário episódio do banquete de Elvas, a que assistia o rei de Castela, e em que Nunàlvares, ferido nos seus brios, deitou abaixo uma das mesas principais; o segundo contém a narração da agonia e morte do Rei.

Lisboa, 29 de Junho de 1921.

A. DE C.

FERNÃO LOPES

CRONICA DE D. PEDRO I

A JUSTIÇA E O REI

Deixados os modos e definições da *justiça*, que, por desvairadas guisas, muitos em seus livros escrevem, sòmente daquela para que o real poderio foi estabelecido (que é para serem os maus castigados e os bons viverem em paz) é nossa intenção, neste prólogo, muito curtamente falar. Não como buscador de novas razões, por própria invenção achadas; mas como ajuntador, em um breve mólho, dos ditos de alguns, que nos agradaram. (1)

Esta virtude é mui necessária ao Rei, e isso-mesmo (2) aos seus sujeitos; porque, ha-

(1) O texto diz *prouguerom* (prouveram).
(2) = *igualmente.*

vendo no Rei virtude de justiça, fará leis por que todos vivam direitamente e em paz; e os seus sujeitos, sendo justos, cumprirão as leis que êle puser; e, cumprindo-as, não farão cousa injusta contra nenhum.

A razão por que esta virtude é necessária nos súbditos, é por cumprirem as leis do Príncipe, que sempre devem de ser ordenadas para todo bem. E quem tais leis cumprir, sempre bem obrará; porque as leis são regra do que os sujeitos hão-de fazer; e são chamadas *príncipe não animado*, e o Rei é *príncipe animado*, porque elas representam, com vozes mortas, o que o Rei diz por sua voz viva. E por isso a justiça é muito necessária, assim no povo como no Rei; porque sem ela nenhuma cidade nem reino pode estar em sossêgo. Assim, que o reino onde todo o povo é mau não se pode suportar (1) muito tempo; porque como a alma suporta o corpo e, partindo-se dêle, o corpo se perde, assim a justiça suporta os reinos, e, partindo-se dêles, perecem de todo.

(1) = *sustentar, conservar.*

Quanto a cousa com alma tem melhoria sôbre outra sem alma, tanto o Rei deve ter excelência sôbre as leis; porque o Rei deve ser de tanta justiça e direito, que cumpridamente dê as leis a execução. De outra guisa mostrar-se-ia seu reino cheio de boas leis e maus costumes, o que era torpe cousa de ver.

Duvidar se o Rei há-de ser justiçoso não é outra cousa, senão duvidar se a régua há-de ser direita; a qual, se em direitura desfalece, nenhuma cousa direita se pode por ela fazer.

Outra razão por que a justiça é muito necessária ao Rei, assim, é porque a justiça não tão sòmente aformoseia os reis de virtude corporal, mas ainda espiritual; e quanto a formosura do espírito tem avantagem da do corpo, tanto a justiça no Rei é mais necessária que outra formosura.

Desta virtude da Justiça, que poucos acha que a queiram por hóspeda (pôsto-que rainha e senhora seja das outras virtudes, segundo diz Túlio) usou muito el-rei Dom Pedro. E pois que êle, com bom desejo, por natural inclinação refreou os males, regendo bem seu reino, ainda que outras mínguas

por êle passassem (1) de que penitência podia fazer — de cuidar é que houve (2) o galardão da justiça, cuja fôlha e fruto é honrada fama neste mundo, e perdurável folgança no outro.

(Do Prólogo da *Crónica de D. Pedro I*)

---

(1) = *ainda que a outros respeitos não fôsse perfeito.*
(2) = *obteve.*

II

RETRATO DE D. PEDRO I

Êste rei Dom Pedro era muito gago, e foi sempre grande caçador e monteiro, em sendo infante e depois que foi rei, trazendo grande casa de caçadores e moços de monte, e de aves, e cães, de tôdas as maneiras que para tais jogos eram pertencentes.

Êle era muito viandeiro (1), sem ser comedor mais que outro homem; que suas salas eram de praça (2) em todos os lugares por onde andava, fartas de vianda, em grande abastança.

Êle foi grande criador de fidalgos de li-

---

(1) Morais define *viandeiro* «comilão ou glotão». Neste passo o sentido parece ser o de *amador de banquetes,* de *homem que tinha prazer em convidar muita gente para a sua mesa.*

(2) = *os seus banquetes eram abertos a todos.*

nhagem, porque naquele tempo não se costumava ser «vassalo», senão filho, e neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem; e por usança haviam então a quantia que ora chamam *maravedis,* (1) dar-se no berço, logo que o filho do fidalgo nascia, e a outro nenhum não.

Êste rei acrescentou muito nas quantias dos fidalgos, depois da morte de el-rei seu padre; ca (2), não embargando que el-rei D. Afonso fôsse comprido (3) de ardimento (4) e muitas bondades,, tachavam-no, porém, de ser escasso, e de apertamento de grandeza. E el-rei Dom Pedro era em dar mui ledo; e tanto, que muitas vezes dizia que lhe afrouxassem a cinta, que então usavam não mui apertada, para que se lhe alargasse o corpo, para mais espaçosamente poder dar; dizendo que o dia que o Rei não dava, não devia ser havido por rei.

---

(1) A quantia ou sôldo que os reis davam aos fidalgos que os serviam (*contia, acontiados*).

(2) = *pois.* Nos trechos seguintes substituïremos esta conjunção arcaica pelas suas correspondentes modernas.

(3) = *cumprido, completo, bem dotado.*

(4) = *bravura.*

Era ainda de bom desembargo aos que lhe requeriam bem e mercê; e tal ordenança tinha nisto, que nenhum era detido em sua casa por cousa que lhe requeresse.

Amava muito fazer justiça com direito. E, assim como quem faz correição (1), andava pelo Reino; e, visitada uma parte, não lhe esquecia de ir ver a outra; em guisa que poucas vezes acabava um mês em cada lugar de estada.

Foi muito mantenedor de suas leis, e grande executor das sentenças julgadas; e trabalhava-se quanto podia das gentes não serem gastadas por azo de demandas e prolongados pleitos.

E se a Escritura afirma que, por o Rei não fazer justiça, veem as tempestades e tribulações sôbre o povo, não se pode assim dizer dêste; pois não achamos, em-quanto reinou, que a nenhum perdoasse morte de alguma pessoa, nem que a merecesse por outra guisa, nem lha mudasse em tal pena por que pudesse escapar a vida.

A tôda a gente era galardoador dos servi-

---

(1) Visita do juíz às terras de sua jurisdição, para emendar os danos e fazer justiça.

ços que lhe fizessem, e não sòmente dos que faziam a êle, mas dos que haviam feitos a seu padre; e nunca colheu (1) a nenhum cousa que lhe seu padre desse, mas mantinha-a e acrescentava nela.

Êste rei não quis casar: depois da morte de D. Inês, em sendo infante, nem depois que reinou, lhe prouve receber mulher; mas houve amigas e de nenhuma houve filhos (salvo de uma dona, natural de Galiza, que chamaram Dona Teresa) um filho que houve nome Dom João, que foi mestre de Avis em Portugal, e depois rei, como adiante ouvireis. O qual nasceu em Lisboa, onze dias do mês de abril, às três horas depois do meio dia, no primeiro ano do seu reinado. E mandou-o El-rei criar, em-quanto foi pequeno, a Lourenço Martins da Praça, um dos honrados cidadãos dessa cidade, que morava junto com a igreja catedral, onde chamam a Praça dos Canos; e depois o deu, que (2) o criasse, a D. Nuno Freire de Andrade, mestre da Cavalaria da Ordem de Cristo.

(*Crónica de D. Pedro I*, Cap. 1)

---

(1) = *tirou, retirou.*
(2) = *para que.*

III

POR BEM DA JUSTIÇA E DO POVO

Assim como êste rei D. Pedro era amador de trigosa (1) justiça naqueles que achado era que o mereciam, assim trabalhava que os feitos cíveis não fôssem prolongados, guardando a cada um seu direito cumpridamente.

E porque achou que os procuradores prolongavam os feitos como não deviam, e davam azo de haver aí maliciosas demandas (e o pior, e muito de estranhar, que levavam (2) de ambas as partes, ajudando um contra o outro) mandou que em sua casa, e todo o seu reino, não houvesse advogados nenhuns; e encomendou aos juízes, e ouvidores, que

---

(1) = *pronta, rápida.*
(2) Subentenda-se *dinheiro.*

não fôssem mais em favor de uma parte que de outra; nem se movessem por nenhuma cobiça a tomar serviços alguns por que a justiça fôsse vendida; mas que se trabalhassem de cedo livrar os feitos, de guisa que brevemente e com direito fôssem desembargados, como cumpria. E sabendo que eram a êlo (1) negligentes, que lho estranharia nos corpos e haveres, e lhes faria pagar às partes tôda perda que por isto houvessem.

Isto assim ordenado, soube El-rei, a cabo de pouco tempo, que um seu desembargador, de que êle muito fiava, chamado por nome Mestre Gonçalo das Decretais, levara peita de uma das partes, que perante êle andavam a feito (2), pela qual julgou e deu sentença. E El-rei, sabendo isto, houve mui grande pesar, e deitou-o logo fora de sua mercê por sempre, e degredou êle (3) e os filhos, a dez léguas de onde quer que êle

---

(1) = *isto, isso*. No seguimento das transcrições substituiremos em regra êste pronome arcaico pelos seus correspondentes modernos.

(2) = *em litigio, em demanda*.

(3) É freqüente em Fernão Lopes o emprêgo do pronome sujeito como complemento. Hoje diriamos: *degredou-o a êle e a seus filhos*.

fôsse: porém diziam todos os que isto viram, que aquele de que êle levara a peita tinha direito naquele pleito.

Êle defendeu e mandou, em Lisboa, que nenhuma mulher, de qualquer estado que fôsse, não entrasse dentro no arrabalde dos Mouros, de dia nem de noite, sob pena de ser enforcada. E mandou que qualquer Judeu ou Mouro, que depois de sol-pôsto fôsse achado pela cidade, que, com pregão, pùblicamente fôsse açoutado por isso.

Falando El-rei um dia nos feitos da justiça, disse que sua vontade era, e fôra sempre, de manter os povos de seu reino nela, e extremadamente fazer direito de si mesmo (1). E porquanto êle sentia que o mor agravo que êle e seus filhos, e outros alguns de seu senhorio, faziam aos povos de sua terra, fôsse no tomar das viandas por preço mais baixo do que se vendiam, que portanto êle mandava que nenhum de sua casa, nem dos infantes, nem doutro nenhum que em sua mercê e reinos vivesse, que cargo tivesse de tomar aves—que não tomasse galinhas,

(1) = dar o exemplo, por si e pelos seus.

nem patos, nem cabritos, nem leitões, nem outras nenhumas cousas, acostumadas de tomar, salvo compradas à vontade de seu dono; e sôbre isto pôs pena de prisão, e dinheiros, às honradas pessoas (1); e aos galinheiros e pessoas vis — açoutados pelo lugar hu (2) as tomassem, e deitados fora de sua mercê.

Mandou mais aos estribeiros, seus e de seus filhos, e a todos os da sua terra, que não mandassem a nenhum lugar por palha doada, salvo se a houvesse de haver de foro; mas que, pelo azemel que fôsse por ela, mandassem pagar pela carga cavalar de palha, ou de restolho empalhado, três soldos; e pela carga asnal, dois. E o azemel que por ela fôsse, e a desta guisa não pagasse, que pela primeira vez fôsse açoutado e talhadas as orelhas; e pela segunda fôsse enforcado. E outra tal pena mandava dar ao lavrador que não empalhasse tôda a palha que houvesse.

E quando lhe diziam que punha mui grandes penas por mui pequenos excessos, dava resposta, dizendo assim:

— Que a pena que os homens mais recea-

---

(1) = *fidalgos* ou *vassalos*.
(2) = *onde*.

vam era a morte; e que, se por esta se não cavidassem (1) de mal-fazer, que as outras davam passada (2); e que boa cousa era enforcar um ou dois, para os outros todos serem castigados; e que assim o entendia por serviço de Deus e prol de seu povo.

Êle corregeu as medidas de pão de todo Portugal, e ordenou outras cousas por bom paramento e proveito de sua terra, das quais não fazemos mais longo processo, por não saber quanto prazeriam aos que as ouvissem.

(Do Cap. V da *Crónica de D. Pedro I*).

---

(1) = *acautelassem*. (Cf. *precavido*),
(2) = *equivaliam à impunidade.*

IV

JUSTICEIRO E CRU

Êste rei Dom Pedro, em-quanto viveu, usou muito de justiça sem afeição, tendo tal igualdade em fazer direito, que a nenhum perdoava os erros que fazia, por criação (1) nem bem-querença que com êle houvesse. E se dizem que aquele é bem-aventurado rei, que por si esquadrinha os males e fôrças que fazem aos pobres, bem é êste do conto (2) de tais, pois êle era ledo de os ouvir, e folgava em lhes fazer direito, de guisa que todos viviam em paz.

E era ainda tão zeloso de fazer justiça, especialmente dos que travessos (3) eram,

---

(1) = *intimidade, amizade.*

(2) = *conta, número.*

(3) = *devassos?* (V. *Travieso* no *Dic.* da Acad. Espanhola). Também poderá significar os que *se*

que perante si os mandava meter a tormento; e, se confessar não queriam, êle se desvestia de seus reais panos, e por sua mão açoutava os malfeitores; e pôsto-que disso muito prasmavam (1) seus conselheiros e outros alguns, anojava-se de os ouvir, e não o podiam quitar disto por nenhuma guisa.

Nenhum feito crime mandava que se desembargasse, salvo perante êle; e se ouvia novas de algum ladrão ou malfeitor, alongado muito donde êle fôsse, falava com algum seu de que se fiava, prometendo-lhe mercês por lho ir buscar, e mandava-lhe que não viesse ante êle até que todavia lho trouxesse à mão.

E assim lhos traziam presos do cabo do Reino, e lhos apresentavam onde quer que estava. E da mesa se levantava, se chegavam a tempo que êle comesse, para os fazer logo meter a tormento; e êle mesmo punha nêles mão, quando via que confessar não queriam, ferindo-os cruelmente até que confessavam.

---

atravessam na acção da Justiça para a contrariar, ou os próprios criminosos *reïncidentes* ou *negativos*.

(1) = *criticavam, censuravam.*

A todo lugar onde El-rei ia, sempre acharíeis prestes com um açoute o que de tal ofício tinha encargo. Em guisa que, como a El-rei traziam algum malfeitor, e êle dizia: — *¡chamem-me Fuão, que traga o açoute!* — logo êle era prestes, sem outra tardança.

E pois que escrevemos que foi justiçoso, por fazer direito em reger seu povo, bem é que oiçais duas ou três cousas, para verdes o jeito que nisto tinha.

*

* *

Assim aveio que, pousando êle nos paços de Belas, que êle fizera, dois seus escudeiros, que gram tempo havia que com êle viviam, sendo ambos parceiros, houveram conselho que fôssem roubar um Judeu que pelos montes andava, vendendo especiaria e outras cousas. E foi assim, de-feito, que foram buscar aquela suja preia, e roubaram-no de todo; e (o pior disto) foi morto por êles.

Sua ventura, que lhes foi contrária, azou (1)

---

(1) Os verbos arcaicos *azar* e *azar-se* podem corresponder a qualquer destas expressões

de tal guisa, que foram logo presos e trazidos a El-rei, ali onde pousava.

El-rei, como os viu, tomou gram prazer por serem filhados (1), e começou-os de preguntar como fôra aquilo. Êles, pensando que longa criação, e serviço que lhe feito haviam, o demovesse a ter algum jeito com êles, não tal como tinha com outras pessoas, começaram de negar, dizendo que de tal cousa não sabiam parte.

Êle, que sabia já de que guisa fôra, disse que não haviam por que mais negar; que confessassem como o mataram; senão, que a poder de cruéis açoutes lhes faria dizer a verdade.

Êles, em negando, viram que El-rei queria pôr em obra o que lhes por palavra dizia. Confessaram tudo assim como fôra; e El-rei, sorrindo-se, disse que fizeram bem, que (2) tomar queriam mester de ladrões e matar

---

da língua actual: *dar azo*, *ocasionar*, *fazer (acontecer) que*, *encaminhar as coisas para*, *advir*, *calhar*, etc.

(1) = *capturados*.

(2) Haverá talvez aqui, no texto de 1816, um êrro de cópia, devendo ler-se *se* em vez de *que*; ou, então, deve entender-se êste *que* como *já*

homens pelos caminhos, de se ensinarem (1) primeiro nos Judeus, e depois viriam aos Cristãos.

E em dizendo estas e outras palavras, passeava perante êles de uma parte à outra. E, parece que lembrando-lhe a criação que nêles fizera, e como os queria mandar matar, vinham-lhe as lágrimas aos olhos, por vezes. Depois, tornava àsperamente contra êles, repreendendo-os muito do que feito haviam. E assim andou por um grande espaço (2).

Os que aí estavam, que aquesto (3) viam, suspeitando mal de suas razões, aficavam-se (4) muito a pedir mercê por êles, dizendo que, por um Judeu astroso (5), não era bem morrerem tais homens; e que bem era de os castigar por degrêdo ou outra alguma pena; mas não mostrar contra aqueles que criara, pelo primeiro êrro, tão grande crueza.

El-rei, ouvindo todos, respondia sempre

---

(1) = *ensaiarem.*
(2) Como o gato antes de matar o rato.
(3) = *isto.*
(4) = *teimavam.*
(5) = *mau, mofino.*

que dos Judeus viriam depois aos Cristãos. Em fim destas e outras razões, mandou que os degolassem.

E foi assim feito.

(Crónica de D. Pedro I, Cap. VI)

V

OUTRAS JUSTIÇAS QUE EL-REI FÊZ E MANDOU FAZER

Não sòmente usava El-rei de justiça contra aqueles que razão tinha, assim como leigos e semelhantes pessoas, mas assim (1) ardia o coração dêle de fazer justiça dos maus, que não queria guardar sua jurisdição aos clérigos, tanto (2) de ordens pequenas, como de maiores. E se lhe pediam que os mandasse entregar a seu vigário, dizia que os pusessem na fôrca e que assim os entregassem a Jesus Cristo, que era seu Vigário, que fizesse dêles direito no outro mundo. E êle por seu corpo os queria punir e atormentar, assim como quisera fazer a um bispo do Pôrto, na maneira que vos contaremos.

---

(1) = *de tal modo.*
(2) O texto diz, *tão bem (= tanto).*

Certo foi, e não o ponhais em dúvida, que El-rei, partindo de Entre-Douro-e-Minho, para vir à cidade do Pôrto, foi informado que o bispo dêsse lugar, que então tinha gram fama de fazenda e honra, ofendera gravemente (1) um cidadão, dos bons que havia na dita cidade; e que êste não era ousado de tornar a êlo (2), com espanto (3) de ameaças de morte que lhe o bispo mandava pôr.

El-rei, quando isto ouviu, para saber de que guisa era, não via o dia que estivesse com êle (4), para lho haver de preguntar.

E logo, sem muita tardança, depois que chegou ao lugar, e houve comido, mandou dizer ao bispo que fôsse ao paço, que o havia mester por cousas de seu serviço. Falou com seus porteiros, que depois que o bispo entrasse na câmara, lançassem todos fora do paço, tanto os do bispo como quaisquer outros; e que ainda que alguns do conselho viessem, que não deixassem entrar

---

(1) O texto exprime cruamente a ofensa, que era de adultério.

(2) Tornar a êlo = *queixar-se, reclamar.*

(3) = *mêdo.*

(4) Não via o dia = *tardava-lhe o dia.*

nenhum dentro, mas que lhes dissessem que se fôssem para as pousadas, pois êle tinha de fazer uma cousa em que não queria que fôssem presentes.

O bispo, como veio, entrou na câmara onde El-rei estava. E os porteiros fizeram logo ir todos os seus e os outros, em guisa que no paço não ficou nenhum, e foi livre de tôda a gente.

El-rei, como foi àparte com o bispo, desvestiu-se logo e ficou em uma saia de escarlata, e por sua mão tirou ao bispo tôdas suas vestiduras. E começou de o requerer que lhe confessasse a verdade daquele malefício em que assim era culpado: e em lhe dizendo isto, tinha na mão um grande açoute para o brandir com êle.

Os criados do bispo, quando no comêço viram que os deitavam fora, e isso-mesmo os outros todos; e que nenhum não ousava lá de ir, pelo que sabiam que o bispo fazia, dês'aí (1), juntando a isto a condição de El-rei e a maneira que em tais feitos tinha, logo suspeitaram que El-rei lhe queria jogar de algum mau jôgo, e foram-se à pressa ao

(1) Dês'aí (desde aí) = *por isso, demais, além disso.*

conde velho, e ao mestre de Cristo D. Nuno Freire, e a outros privados de seu conselho, que acorressem asinha (1) ao bispo.

E logo, tostemente (2), vieram a El-rei, e não ousaram de entrar na câmara, por a defesa que El-rei tinha posta, se não fôra Gonçalo Vasques de Góis, seu escrivão da puridade, que disse que queria entrar para lhe mostrar cartas que sobrevieram de el-rei de Castela, a gram pressa. E por tal azo e fingimento houveram entrada dentro na câmara, e acharam El-rei com o bispo em razões, da guisa que havemos dito, e não lho podiam já tirar das mãos.

E começaram de dizer que fôsse sua mercê de não pôr mão nêle; pois, por tal feito, não lhe guardando sua jurisdição, haveria o Papa sanha dêle; demais, que o seu povo lhe chamava algoz, que por seu corpo justiçava os homens, o que não convinha a êle de fazer, por muito malfeitores que fôssem.

Com estas e outras razões, arrefeceu El-rei de sua brava sanha. E o bispo se par-

---

(1) = *depressa.*
(2) = *depressa* (Francês *tôt*).

tiu de ante êle, com semblante triste e turvado coração.

*

* *

Não fique por dizer de um bom escudeiro, sobrinho de João Lourenço Bubal, privado de El-rei e do seu conselho, alcaide-mor de Lisboa, o qual escudeiro vivia em Avis, honradamente e bem acompanhado.

E foi a sua casa, por mandado do juiz, um porteiro, para o penhorar; e êle, por cumprir vontade, depenou-lhe a barba e deu-lhe uma punhada.

O porteiro veio-se a Abrantes, onde El-rei estava, e contou-lhe tudo como lhe aviera. El-rei, que o àparte ouvia, como acabou de falar, começou de dizer contra o Corregedor, que aí estava:

— ¡ Acorrei-me aqui, Lourenço Gonçalves, que um homem me deu uma punhada no rosto, e me depenou a barba !

O corregedor, e os que o ouviram, ficaram espantados porque o dizia (1). E mandou à pressa que lho trouxessem preso, e não

(1) = *sem saber porque o Rei dizia aquilo.*

lhe valesse nenhuma igreja (1). E foi assim feito, e trouxeram-lho a Abrantes, e ali o mandou degolar, e disse:

—Dês' que me êste homem deu uma punhada e me depenou a barba, sempre me temi dêle que me desse uma cutelada; ¡mas já agora sou seguro que nunca ma dará!...

Assim, que bem podem dizer dêste rei D. Pedro, que não saíram em seu tempo certos os ditos de Solon, filósofo, e doutros alguns, os quais disseram que as leis e justiça eram tais como a teia da aranha, na qual os mosquitos pequenos, caindo, são retidos e morrem nela, e as moscas grandes, e que são mais rijas, jazendo nela, rompem-na e vão-se. E assim diziam (2) êles que as leis e justiça se não cumpriam senão nos pobres, mas os outros, que tinham ajuda e acorro (3), caíndo nela, rompiam-na e escapavam...

El-rei D. Pedro era muito pelo contrário;

---

(1) Isto é: *não lhe valesse como refúgio ou asilo.*

(2) = *significavam, queriam dizer.*

(3) = *socorro, influência, valimento.*

pois nenhum, por rôgo nem poderio, havia de escapar da pena merecida; de guisa que todos receavam de passar (1) seu mandado.

(Crónica de D. Pedro I, Caps. VII e IX).

(1) = *transgredir.*

VI

COMO EL-REI BAILAVA NAS RUAS E PRAÇAS

Em três cousas, assinadamente, achamos, pela mor parte, que El-rei D. Pedro de Portugal gastava seu tempo. A saber: em fazer justiça e desembargos do Reino; em monte (1) e caça, de que era mui qüerençoso (2); e em danças e festas segundo aqüele tempo, em que tomava grande sabor, que adur (3) é agora para ser crido. E estas danças eram a som de umas longas (4) que então usavam, sem curando (5) de ou-

---

(1) = *montaria, caça grossa.*

(2) = *apreciador.*

(3) *adur* ou *aduro*=dificilmente, escassamente, mal, apenas,

(4) = *trombetas compridas.*

(5) Era corrente no português arcaico o emprêgo do particípio do presente com a preposição *sem.*

tro instrumento, pôsto-que o aí houvesse; e se alguma vez lho queriam tanger, logo se enfadava dêle e dizia que o dessem ao demo, e que lhe chamassem os trombeiros.

Ora deixemos os jogos e festas que El-rei ordenava por desenfadamento, nas quais, de dia e de noite, andava dançando por mui grande espaço; mas vêde se era bem saboroso jôgo. Vinha El-rei em batéis de Almada para Lisboa, e saíam-no a receber os cidadãos, e todos os dos mesteres, com danças e trebelhos (1), segundo então usavam, e êle saía dos batéis, e metia-se na dança com êles, e assim ia até o paço.

Parai mentes (2) se foi bom sabor (3): Jazia El-rei em Lisboa uma noite na cama, e não lhe vinha sono para dormir. E fêz levantar os moços, e quantos dormiam no paço; e mandou chamar João Mateus e Lourenço Palos, que trouxessem as trombas de prata. E fêz acender tochas, e meteu-se pela vila em dança com os outros.

As gentes, que dormiam, saíam às jane-

(1) = *bailes, saltos, brinquedos.*
(2) Parar mentes = *atender, prestar atenção.*
(3) = *prazer, graça.*

las, a ver que festa era aquela, ou porque se fazia; e quando viram daquela guisa El-rei, tomaram prazer de o ver assim ledo. E andou El-rei assim gram parte da noite, e tornou-se ao paço em dança, e pediu vinho e fruta, e lançou-se a dormir...

E não curando mais falar de tais jogos: Ordenou El-rei de fazer conde e armar cavaleiro João Afonso Telo, irmão de Martim Afonso Telo, e fêz-lhe a mor honra, em sua festa, que até aquele tempo fôra visto que rei nenhum fizesse a semelhante pessoa; pois El-rei mandou lavrar seiscentas arrobas de cera, de que fizeram cinco mil círios e tochas; e vieram do têrmo de Lisboa, onde El-rei então estava, cinco mil homens das vintenas (1) para terem (2) os ditos círios. E quando o conde houve de velar suas armas, no mosteiro de S. Domingos dessa cidade, ordenou El-rei que dês'aquele mosteiro até os seus paços, que é assaz grande espaço, estivessem quedos aqueles homens todos, cada um com seu círio aceso, que davam

(1) Isto é: do serviço das armadas reais, para o qual era tirado um homem de cada vinte.
(2) = *trazerem* ou *segurarem*.

todos mui grande lume; e El-rei, com muitos fidalgos e cavaleiros, andava por entre êles, dançando e tomando sabor.

E assim despenderam gram parte da noite.

Em outro dia, estavam mui grandes tendas armadas no Rossio, acêrca daquele mosteiro, em que havia grandes montes de pão cozido, e assaz de tinas cheias de vinho, e logo prestes por que bebessem. E fora estavam ao fogo vacas inteiras em espetos a assar, e quantos comer queriam daquela vianda, tinham-na muito prestes, e a nenhum não era vedada.

E assim estiveram sempre, em-quanto durou a festa, na qual foram armados outros cavaleiros, cujos nomes não curamos dizer.

(*Crónica de D. Pedro I*, Cap. XIV).

VII

COMO EL-REI DISSE QUE D. INÊS FÔRA SUA MULHER RECEBIDA

Em-quanto D. Inês foi viva, nem depois da morte dela; e em-quanto El-rei seu padre viveu, nem depois que êle (1) reinou até êste presente tempo, nunca El-rei D. Pedro a nomeou por sua mulher; antes dizem que muitas vezes lhe enviava El-rei D. Afonso preguntar se a recebera, e honrá-la-ia como sua mulher; e êle respondia sempre que a não recebera, nem o era.

E pousando El-rei, nesta ocasião (2), no lugar de Cantanhede, no mês de junho, havendo já uns quatro anos que reinava, tendo ordenado de a publicar por mulher, estando ante êle D. João Afonso, conde de Barcelos,

---

(1) Êle, D. Pedro.
(2) O texto diz *sazão*.

seu mordomo-mor; e Vasco Martins de Sousa, seu chanceler; e mestre Afonso das Leis, e João Esteves, privados; e Martim Vasques, senhor de Góis; e Gonçalo Mendes de Vasconcelos, e João Mendes, seu irmão; e Álvaro Pereira, e Gonçalo Pereira, e Diogo Gomes, e Vasco Gomes de Abreu, e outros muitos que dizer não curamos, fêz El-rei chamar um tabelião; e, presentes todos, jurou aos Evangelhos, por êle corporalmente tangidos, que, sendo êle infante, vivendo ainda El-rei seu padre, e estando êle em Bragança, podia haver uns sete anos, pouco mais ou menos, não se acordando do dia e mês—que êle recebera por sua mulher lídima (1), por palavras de presente, como manda a santa igreja, D. Inês de Castro, filha que foi de D. Pêro Fernandez de Castro; e que essa D. Inês recebera a êle por seu marido, por semelháveis palavras; e que, depois do dito recebimento, a tivera sempre por sua mulher, até o tempo de sua morte, vivendo ambos de comum, e fazendo-se maridança, qual deviam.

E disse então El-rei D. Pedro que, por

---

(1) = *legitima.*

quanto êste recebimento não fôra exemplado (1), nem claramente sabido a todos os de seu senhorio, em vida do dito seu padre, por temor e receio que dêle havia: — que portanto êle, para descarregar sua consciência e dizer verdade, e não ser dúvida a alguns, que do dito recebimento tinham não boa suspeita se fôra assim ou não: que êle dava de si fé e testemunho de verdade, que assim se passara de feito como dito havia; e mandou àquele tabelião, que presente estava, que desse disto instrumentos a quaisquer pessoas que lhos requeressem.

E por então não se fêz mais.

*

* *

Passados três dias que isto foi, chegaram a Coimbra D. João Afonso, conde de Barcelos, e Vasco Martins de Sousa, e mestre Afonso das Leis; e no paço onde então liam de decretais, sendo o Estudo nessa cidade (2), presente um tabelião, chamaram duas

---

(1) = *mostrado, revelado, publicado.*

(2) *Decretais* são os decretos do Papa. *Liam* significa o mesmo que *ensinavam*. O *Estudo*, isto

testemunhas, a saber: D. Gil, que então era bispo da Guarda; e Estevam Lobato, criado de El-rei, aos quais disseram que, por juramento dos Evangelhos, dissessem a verdade do que sabiam em feito do casamento de El-rei D. Pedro com D. Inês.

E preguntado cada um per si àparte, o Bispo disse primeiramente que, andando êle com o dito senhor, e sendo então deão da Guarda, que naquele tempo, sendo El-rei infante, e D. Inês com êle, pousavam na vila de Bragança; e que êsse senhor o mandara chamar um dia à sua câmara, sendo D. Inês presente, e que lhe dissera que a queria receber por sua mulher; e que logo, sem mais detença, o dito senhor pusera a mão nas suas dêle, e isso-mesmo a dita D. Inês; e que os recebera ambos por palavras de presente como manda a santa igreja; e que os vira viver de comum até a morte dessa D. Inês. E que isto poderia haver sete anos, pouco mais ou menos; mas que não

---

6: a Universidade, fundada em Lisboa em 1290, foi transferida para Coimbra em 1308, regressando a Lisboa em 1338, voltando para Coimbra em 1354 e alí se conservando até 1377, data de nova transferência para Lisboa.

se acordava do dia e mês em que fôra. E dêste feito não disse mais.

Semelhàvelmente foi preguntado Estevam Lobato. E disse que, sendo El-rei infante e pousando em Bragança, que o mandara chamar à sua câmara, e que lhe dissera que o mandara chamar porque sua vontade era de receber D. Inês, que presente estava; e que queria que fôsse disso testemunha. E que o deão da Guarda, que já aí estava, e outrem não, tomara o dito senhor por uma mão e ela por outra; e que então os recebera ambos por aquelas palavras que se costumam dizer em tais desposórios; e que os vira viver juntamente até o tempo da morte dela. E que isto fôra em um primeiro dia de janeiro, podia haver sete anos, pouco mais ou menos.

Tanto que estes foram preguntados, e escrito seu dito, segundo ouvistes, fizeram logo juntar, que para isto já estavam prestes, D. Lourenço, bispo de Lisboa, e D. Afonso, bispo do Porto, e D. João, bispo de Viseu, e D. Afonso, prior de Santa Cruz dêsse lugar, e todos os fidalgos antes nomeados, com outros muitos que não dizemos, e os vigários, e clerezia, e muito outro povo, assim eclesiástico como secular, que

se para isto ali juntou, E feito silêncio, a bem escutar, começou a dizer o conde D. João Afonso:

— Amigos: deveis de saber que El-rei, nosso senhor que ora é, sendo infante, passa já de uns sete anos, estando então na vila de Bragança, sendo El-rei D. Afonso, seu padre, vivo, recebeu por sua mulher lídima, por palavras de presente, D. Inês de Castro, filha que foi de D. Pedro Fernandez de Castro; e ela isso-mesmo recebeu a êle, e sempre a o dito senhor teve depois por sua mulher (1), fazendo-se maridança um ao outro, qual deviam, até o tempo da sua morte. E porquanto êsse recebimento e casamento não foi exemplado a todos os do Reino em vida do dito rei D. Afonso, por mêdo e receio que seu filho dêle havia, casando de tal guisa sem seu mandado e consentimento, por isso agora El-rei, nosso senhor, por desencarregar sua alma e dizer a verdade, e não ser dúvida a alguns que dêste casa-

(1) «*Sempre a o dito senhor teve depois por sua mulher.*» — É geral, no português arcaico, a atracção do pronome pessoal complemento, especialmente o da terceira pessoa, para o princípio da frase.

mento parte não sabiam (1) se fôra assim ou não, fêz juramento sôbre os santos Evangelhos, e deu de si fé e testemunho de verdade, que foi desta guisa que o eu digo, segundo vereis por um instrumento que disto tem feito Gonçalo Peres, tabelião, que aqui está. E mais vereis o dito (2) do bispo da Guarda e de Estevam Lobato, que aqui estão, que foram presentes no dito casamento.

Então lhe fêz cumpridamente ler todo o testemunho que ambos sôbre isto deram.

— E porque vontade de El-rei, nosso senhor, (disse êle) é que isto não seja mais encoberto, antes lhe praz que o saibam todos, para ser arredada grande dúvida que sôbre isto adiante poderia recrescer, por isso me mandou que vos notificasse tudo isto, para tirar suspeita de vossos corações, e ser a todos claramente sabido. Mas porque, não embargando tudo o que eu disse, e vos ora aqui foi lido e declarado, alguns poderão dizer que tudo isto não bastava, se aí dispensação não houve, por o grão divido (3) que

(1) Não sabiam parte = *não tinham notícia.*
(2) = *depoimento.*
(3) = *parentesco.*

entre êles havia, sendo ela sobrinha de El-rei nosso senhor, filha de seu primo co-irmão; por isso me mandou que vos certificasse de tudo, e vos mostrasse esta bula que houve em sendo infante, em que o Papa dispensou com êle, que pudesse casar com tôda a mulher, pôsto-que lhe chegada fôsse em parentesco, tanto e mais como D. Inês era a êle.

*

* *

Acabadas as razões que ouvistes, ditas presentes letrados e outro muito povo, aqueles que de chão e simples entender eram, não esquadrinhando bem o tecimento de tais cousas, ligeiramente (1) lhes deram fé, outorgando ser verdade tudo aquilo que ali ouviram.

Outros, mais subtis de entender, letrados e bem discretos, que os termos de tal feito mui delgado (2) investigaram, buscando se aquilo que ouviam podia ser verdade, ou pelo contrário—não receberam isto em seus entendimentos, parecendo-lhes de todo ser

---

(1) = *prontamente.*

(2) = *mui atentamente; muito pelo miúdo.*

muito contra razão. Pois, porque o crer da cousa ouvida está na razão e não na verdade, porende (1) o prudente homem, que tal cousa ouve que sua razão não quer conceber, logo se maravilha, duvidando muito. E por isso, foram assaz, dos que ali estiveram, de tal história não mui contentes, vendo que aquilo que lhes fôra proposto (2) nenhum alicerce tinha de razão. E se alguns preguntar quiserem por que tais presumiam ser tudo fingido, as razões dêles, que nos bem claras parecem, sejam resposta à sua pregunta, dizendo os que tinham a parte (3) contrária, contra aqueles que defendiam ser tudo verdade, suas razões nesta maneira:

—Pois, ¿ como pode cair em entendimento de homem (diziam êles) que um casamento tão notável como êste, e que tantas razões tinha para ser lembrado, houvesse, em tão pequeno espaço, de esquecer, assim àquele que o fèz, como aos que foram presentes, não lhes lembrando o dia nem o mês?

Certamente, buscada a verdade dêste feito, a razão nisto não consente; porque, deixadas

(1) = *por isso; daí resulta que...*
(2) = *exposto.*
(3) = *opinião.*

as razões, qua aí havia, para se El-rei lembrar bem quando fôra, assim como a tomada de D. Inês e o grande desvairo que por tal azo houve com seu padre; dês-aí o grande tempo que tardou antes que o fizesse, e a gram deliberação com que se moveu a o fazer, e o segrêdo em que o pôs àqueles que dizem que foram presentes: — deixando tudo isto, sòmente por ser feito em dia de janeiro, que é o primeiro dia do ano, segundo disse Estevão Lobato, (demais, festa tão assinalada no paço do Infante e por todo o Reino), isto só era bastante assaz para ser lembrado o dia em que a recebera, pôsto-que longo processo (1) de anos houvesse...

Outra razão notavam ainda, a tudo o que ouviram parecer fingido, dizendo que, se El-rei dava em seu testemunho que, com temor e receio de seu padre, não ousara descobrir êste casamento em sua vida dêle, ¿quem lhe tolhera, depois que El-rei morreu, que o logo não notificara, sendo em seu livre poder, pois lhe tanto prazia de ser sabido?...

E mais diziam que êste feito queria pa-

(1) = *decurso.*

recer semelhante a (1) el-rei D. Pedro de Castela, que (pôsto-que êle mandasse matar D. Branca, sua mulher), em-quanto Dona Maria de Padilha foi viva, que êle tinha por sua manceba, nunca lhe nenhum ouviu dizer que ela fôsse sua mulher; e depois que ela morreu, em umas côrtes que fêz em Sevilha, ali declarou, perante todos, que primeiro casara com ela que com Dona Branca, nomeando quatro testemunhas que foram presentes, as quais por juramento certificaram logo qne assim fôra como êle dizia; e desde então mandou êle que lhe chamassem rainha, pôsto que já fôsse morta, e aos filhos infantes; e fêz logo a todos fazer menagem a um filho que dela houvera, que chamavam D. Afonso, que o tomassem por rei depós sua morte.

E por isso diziam os que estas e outras razões secretamente entre si falavam, que a verdade não busca cantos, e muito encoberta andava em tais feitos. Assim que, porque o entender é disposto sempre para obedecer à razão, muitos, que então isto ouviram, deixaram de crer o que antes

---

(1) Entenda-se: *ao de*.

criam, e pegaram-se a êste arrazoado. Mas nós, que não por determinar se foi assim ou não, como êles disseram, mas sòmente por ajuntar em breve o que os antigos notaram em escrito — pusemos aqui parte de seu arrazoado, deixando cargo, ao que isto ler, que destas opiniões escolha qual quiser...

(*Crónica de D. Pedro I,* Caps. XXVII a XXIX.)

VIII

EXTRADIÇÃO

PORQUE o fruto principal da alma, que é a verdade, pela qual tôdas as cousas estão em sua firmeza, — e ela há-de ser clara, e não fingida, mormente nos reis e senhores, em que mais resplandece qualquer virtude, ou é feio o seu contrário, — houveram as gentes por mui gram mal um muito de aborrecer escambo, que êste ano entre os reis de Portugal e Castela foi feito. Em-tanto que (1), pôsto-que escrito achemos, de el-rei de Portugal, que a tôda a gente era mantenedor de verdade, nossa tenção é não o louvar mais, pois contra seu

(1) = *no em-tanto, contudo.* Note-se, porém, que esta conjunção é muitas vezes empregada por Fernão Lopes com o sentido de *tanto que,* sentido que aliás pode atribuir-se-lhe também neste caso.

juramento foi consentidor em tão feia cousa como esta.

Onde assim aveio, segundo dissemos, que na morte de Dona Inês foram mui culpados, pelo Infante, Diogo Lopes Pacheco, e Pêro Coelho, e Álvaro Gonçalves, seu meirinho-mor, e outros muitos que êle culpou. Mas assinadamente contra estes três teve o Infante mui grande rancura.

E, falando verdade, Álvaro Gonçalves e Pêro Coelho eram nisto assaz de culpados; mas Diogo Lopes, não; porque muitas vezes mandara perceber (1) o Infante, por Gonçalo Vasques, seu privado, que guardasse aquela mulher da sanha de El-rei seu padre.

Porém, depois de tudo isto, foi El-rei de acôrdo com o Infante seu filho, e perdoou o Infante a estes e a outros em que suspeitava; e isso-mesmo perdoou El-rei, aos do Infante, todo queixume que dêles havia. E foram, sôbre isto, grandes juramentos e promessas feitas; e viviam assim seguros, Diogo Lopes e os outros, no Reino, em-quanto El-rei D. Afonso viveu.

E sendo El-rei doente, em Lisboa, da

(1) = *prevenir.*

dôr (1) de que se então finou, fêz chamar Diogo Lopes Pacheco e outros, e disse-lhes que êle sabia bem que o Infante D. Pedro, seu filho, lhes tinha má vontade, não embargando as juras e perdão que fizera, da guisa que êles bem sabiam; e que, porquanto se êle sentia mais chegado à morte que à vida, que lhes cumpria de se porem em salvo fora do Reino, porque êle não estava já em tempo de os poder defender dêle, se lhes algum nojo quisesse fazer.

E êles se partiram logo de Lisboa, e se foram para Castela, andando então o Infante D. Pedro ao monte (2), além do Tejo, em uma ribeira que chamam de Canha, que são oito léguas da cidade. E el-rei de Castela os recebeu de bom jeito, e haviam dêle bem-fazer e mercê, vivendo em seu reino seguros e sem receio.

E, depois que o infante D. Pedro reinou, deu sentença de traição contra êles, dizendo que fizeram contra êle, e contra seu estado, cousas que não deviam de fazer. E deu os bens de Pêro Coelho a Vasco Martins de

(1) = *doença.*
(2) = *à caça (de montaria).*

Sousa, rico-homem, e seu chanceler-mor; e os de Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes a outras pessoas, como lhe prouve.

E fèz El-rei, com alguns dêstes bens, tantas e tais bem-feitorias, e outros repartiu em tantas partes, que depois que êle morresse nunca os mais pudessem haver aqueles cujos foram, nem tirar àqueles a que os assim dava.

Semelhàvelmente, fugiram de Castela, nesta sazão (1), com temor de El-rei (2), que os mandava matar, D. Pedro Nunez de Guzman, adiantado-mor da terra de Leão, e Mem Rodrigues Tenório, e Fernão Godiel de Toledo, e Fernão Sanchez Calderon. E viviam em Portugal, na mercê de el-rei D. Pedro, crendo não receber dano, tão bem (3) os Portugueses como os Castelhanos, porque razoada fé lhes dera ousado (4) acoutamento nas fraldas da segurança. A qual não bem guardada pelos reis (5) — fizeram cala-

(1) = *ocasião.*

(2) Refere-se ao rei de Castela.

(3) = *tanto.*

(4) = *seguro.*

(5) Isto é: *não guardando bem os dois reis, de Portugal e de Castela, a segurança por êles próprios dada.*

damente uma tal avença, que el-rei de Portugal entregasse presos, a el-rei de Castela, os fidalgos que em seu reino viviam; e que êle, outro-sim, lhe entregaria Diogo Lopes Pacheco, e os outros ambos que em Castela andavam.

E ordenaram que fôssem todos presos em um dia, para que a prisão de uns não fôsse avisamento dos outros; e que aqueles que levassem presos os Castelhanos até o extremo do Reino, recebessem os Portugueses que trouxessem (1) de Castela.

(*Crónica de D. Pedro I*, Cap. XXX).

---

(1) = *que haviam de ser trazidos.*

IX

VINGANÇA

Feito aquele trato desta maneira, foram em Portugal presos os fidalgos que dissemos.

E naquele dia que o recado de el-rei de Castela chegou ao lugar onde Diogo Lopes e os outros estavam, para haverem de ser presos, aconteceu que essa manhã, muito cedo, fôra Diogo Lopes à caça dos perdigões. E presos Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves, quando foram buscar Diogo Lopes, acharam que não era no lugar, e que se fôra pela manhã à caça.

Cerraram então as portas da vila, que nenhum lha levasse recado para o perceber. E atendiam-no assim, estando para o tomar à vinda.

Um pobre manco, que sempre em sua casa havia esmola, quando Diogo Lopes co-

mia, e com quem algumas vezes jogueteava (1), viu estas cousas como se passaram, e cuidou de o avisar no caminho, antes que chegasse ao lugar. E soube escusadamente contra qual parte Diogo Lopes fôra (2), e chegou às guardas da porta, que o deixassem saír fora; e êles, de tal homem nenhuma cousa suspeitando, abrindo a porta o deixaram ir.

Andou êle quanto pôde, por onde entendeu que Diogo Lopes viria, e achou-o já vir com seus escudeiros, mui dessegurado (3) das novas que lhe êle levava. E dizendo o pobre a Diogo Lopes que lhe queria falar, quisera-se êle escusar de o ouvir, como quem pouco suspeitava que lhe trazia tal recado.

Aficando-se o pobre que o ouvisse, contou-lhe, àparte, como uma guarda de el-rei de Castela, com muitas gentes, chegara a seu paço para o prender, depois que os outros foram presos; e isso-mesmo (4) de que guisa

---

(1) = *brincava; caturrava.*

(2) = *averiguou dissimuladamente em que direcção partira Diogo Lopes.*

(3) = *desprevenido.*

(4) Isso-mesmo = *igualmente, também.*

as portas eram guardadas, para que nenhum saísse para o avisar.

Diogo Lopes, como isto ouviu, bem lhe deu a vontade (1) o que era, e mêdo de morte o fêz turvar todo, e pôr em gram pensamento.

E o pobre lhe disse, quando o assim viu:

— Crede-me de conselho, e ser-vos há proveitoso: apartai-vos dos vossos, e vamos a um vale não longe daqui, e ali vos direi a maneira como vos ponhais em salvo.

Então dissé Diogo Lopes aos seus que andassem por ali a perto, caçando, pois êle, só, queria ir com aquele pobre a um vale, onde lhe dizia que havia muitos perdigões.

Fizeram-no assim, e foram-se ambos àquele lugar, e ali lhe disse o pobre, se escapar queria, que vestisse os seus saios rotos, e assim, de pé, andasse quanto pudesse até a estrada que ia para Aragão; e que com os primeiros almocreves que achasse, se metesse de soldada, e assim, com êles de volta, andasse seu caminho; e por esta guisa, ou em um hábito de frade, se o depois haver

---

(2) *Lhe deu a vontade = lhe disse o instinto; lhe adivinhou o coração.*

pudesse, se pusesse em salvo no reino de Aragão, pois por fôrça havia de ser buscado pela terra.

Diogo Lopes tomou seu conselho, e foi-se de pé, daquela maneira; e o pobre não tornou logo para a vila.

Os seus aguardaram por mui grande espaço; e, vendo que não vinha, foram-no buscar contra onde (1) êle fôra; e, andando em sua busca, acharam a bêsta andar só, e cuidaram que caíra dela, ou lhe fugira. E buscaram-no com maior cuidado.

Foi a detença em isto tão grande, que se fazia já muito tarde; e, vendo como o achar não podiam, levaram a bèsta e foram-se ao lugar, não sabendo que cuidassem em tal feito. E quando chegaram, e viram de que guisa o aguardavam, e souberam da prisão dos outros, ficaram mui espantados, e logo cuidaram que era fugido; e preguntados por êle (2), disseram que, caçando só, se perdera dèles; e que, buscando-o, acharam a bèsta e não a êle; e que naquilo foram detidos até aquelas horas; e que não sabiam

(1) = *na direcção por onde.*
(2) = *acêrca dêle.*

que cuidassem, senão que jazia em algum lugar, morto.

Os que cuidado (1) tinham de o prender, foram-no buscar por desvairadas partes. E do que lhe aveio no caminho, e como passou por Aragão, e se foi a França para o conde D. Henrique, e de que guisa lhe fêz roubar os campos de Avinhão, e de outras cousas que lhe avieram, não curamos de dizer mais, para não sair fora de propósito.

*

* *

Quando el-rei de Castela soube que Diogo Lopes não fôra tomado, houve gram queixume e não pôde mais fazer. Então enviou Álvaro Gonçalves e Pêro Coelho, bem presos e arrecadados, a el-rei de Portugal, seu tio, segundo era ordenado (2) entre êles. E quando chegaram ao extremo, acharam aí Mem Rodrigues Tenório, e os outros Castelhanos, que lhe el-rei D. Pedro enviava. E ali dizia depois Diogo Lopes, falando nesta história, *que se fizera o trôco de burros por burros.*

---

(1) = *encargo.*
(2) = *combinado.*

E foram levados a Sevilha, onde El-rei então estava, aqueles fidalgos que já nomeámos; e ali os mandou El-rei matar a todos.

A Portugal foram trazidos Álvaro Gonçalves e Pèro Coelho, e chegaram a Santarém, onde El-rei era.

El-rei, com prazer de sua vinda, porém mal magoado porque Diogo Lopes fugira, os saiu fora a receber, e (sanha cruel) sem piedade os fêz por sua mão meter a tormento, querendo que lhe confessassem quais foram na morte de D. Inês culpados, e que era que seu padre tratava contra êle, quando andavam desavindos por azo da morte dela.

E nenhum dêles respondeu a tais perguntas cousa que a El-rei prouvesse.

E El-rei, com queixume, dizem que deu um açoute no rosto a Pèro Coelho; e êle se soltou então contra El-rei em desonestas e feias palavras, chamando-lhe traidor, à fé perjuro, algoz e carniceiro dos homens. E El-rei, dizendo que lhe trouxessem *cebola, vinagre e azeite para o coelho*, enfadou-se dèles, e mandou-os matar.

A maneira de sua morte, sendo dita pelo miúdo, seria mui estranha e crua de contar;

porque mandou tirar o coração pelos peitos a Pêro Coelho, e a Álvaro Gonçalves pelas espáduas. E quais palavras houve, e aquele que lhos tirava, que tal ofício havia pouco em costume (1), seria bem dorida cousa de ouvir. Em-fim, mandou-os queimar.

¡ E tudo feito ante os paços onde êle pousava, de guisa que, comendo, olhava quanto mandava fazer !...

Muito perdeu El-rei de sua boa fama por tal escambo como êste, o qual foi havido, em Portugal e em Castela, por mui grande mal; dizendo todos os bons que o ouviam, que os reis erravam mui muito (2), indo contra suas verdades (3), pois que estes cavaleiros estavam, sôbre segurança, acoutados em seus reinos.

(*Crónica de D. Pedro I*, Cap. XXXI).

---

(1) O sentido parece ser: *quais palavras insultuosas o Rei dirigia aos supliciados e que imperícia mostrava o algoz encarregado de lhes arrancar os corações...*

(2) Mui muito = *muitíssimo*. Fernão Lopes não emprega ainda, ou raramente emprega o superlativo-absoluto alatinado.

(3) = *promessas.*

X

COMO D. JOÃO FOI FEITO MESTRE DE AVIS

Vós ouvistes, no primeiro capítulo desta história, como depois da morte de D. Inês, El-rei sendo infante (1), nunca mais quis casar, nem depois que reinou quis receber mulher, mas houve um filho de uma dona, a que chamaram D. João. Dêste moço deu El-rei cargo a D. Nuno Freire, mestre de *Christus* (2), que o criava e tinha em seu poder, e que, criando-o êle assim, sendo em idade até sete anos, veio-se a finar o mestre de Avis, D. Martim de Avelal.

O mestre de *Christus*, como isto soube, foi-se logo a el-rei D. Pedro, que então pou-

---

(1) Hoje dir-se-ia: *sendo El-rei (ainda) infante,* pospondo ao gerúndio o respectivo sujeito.

(2) *Christus* era a designação abreviada da Ordem de Cristo.

sava na Chamusca, e pediu-lhe aquele mestrado para o dito seu filho, que levava em sua companhia; e El-rei foi mui ledo do requerimento, e muito mais ledo de lho outorgar.

Então tomou o Mestre o moço nos braços; e, tendo-o em êles, lhe cingiu El-rei a espada e o armou cavaleiro, e beijou-o na bôca, lançando-lhe a bênção, dizendo que Deus o acrescentasse de bem em melhor, e lhe desse tanta honra em feitos de cavalaria, como dera a seus avós: a qual bênção foi em êle bem cumprida, como adiante ouvireis.

E disse então El-rei contra o Mestre:

— Tenha êste moço isto por agora, pois sei que mais alto há-de montar, se êste é o meu filho João, de que me a mim algumas vezes falaram (como quer que eu queria antes que se cumprisse (1) no infante D. João, meu filho, que nêle). Porque a mim disseram que eu tenho um filho João, que há-de montar muito alto, e por que (2) o reino de Portugal há-de haver mui grande honra. E porque eu

---

(1) = *se cumprisse a profecia (ou o sonho de que fala adiante).*

(2) = *por quem.*

não sei qual dêstes Joões há-de ser, nem o podem saber em certo, eu azarei como sempre acompanhem ambos, estes meus filhos, pois que ambos são de um nome; e escolha Deus um dêles para isto, qual sua mercê fôr. Como quer que muito me suspeita a vontade que êste há-de ser, e outro nenhum não; porque eu sonhava uma noite o mais estranho sonho que vós vistes: a mim parecia, em dormindo, que eu via todo Portugal arder em fogo, de guisa que todo o Reino parecia uma fogueira; e estando assim espantado, vendo tal cousa, vinha êste meu filho João, com uma vara na mão, e com ela apagava aquele fogo todo. E eu contei isto a alguns, que razão teem de entender em tais cousas, e disseram-me que não podia ser, salvo (1) que alguns grandes feitos lhe haviam de sair de entre as mãos.

Ora, assim aveio depois, como dizemos, que, isto feito, tornou-se o mestre de *Christus* para a vila, e mandou seu recado aos comendadores da ordem de Avis, que viessem logo ali, por haver de falar com êles;

(1) = *senão.*

que queria tomar cargo de lhes dar Mestre que os houvesse de reger segundo sua regra mandava; e que para ser seu mestre lhes dava D. João, filho de el-rei D. Pedro, que èle criava; que entendia que era tal senhor, que os regeria como cumpria a serviço de Deus e prol de sua Ordem.

E se alguns quiserem dizer que os poucos anos de sua idade e não-legítima nascença embargavam de não poder ser Mestre, a tais se responde que o Papa dispensou com èle (1) que, pôsto-que provido fôsse antes do tempo, e nado de não-legítimo matrimónio, que seus bons costumes, e honroso proveito que dèle vinha à Ordem, corrigiam tudo isto.

(Crónica de D. Pedro I, Cap. XLIII)

(1) *Dispensou com èle* é a forma geralmente usada por Fernão Lopes para significar *concedeu-lhe dispensa.*

XI

TRASLADAÇÃO DE DONA INÊS E MORTE DE EL-REI

Porque semelhante amor, qual el-rei D. Pedro houve a Dona Inês, raramente é achado em alguma pessoa, por isso disseram os antigos que nenhum é tão verdadeiramente achado, como aquele cuja morte não tira da memória o grande espaço do tempo (1). E se algum disser que muitos foram já, que tanto e mais que êle amaram, assim como a Adriana (2), e a Dido, e a outras

---

(1) Isto é: *nenhum pode ser considerado tão verdadeiro como aquele amor que resiste à morte e ao tempo.*

(2) = *Ariadna*, filha de Minos, rei de Creta, apaixonada por Teseu e por êle abandonada. As *epistolas*, de que logo adiante se fala, são as que Ovídio atribui a estas e outras grandes apaixonadas da Antiguidade. A 7.ª, de Dido a Eneas, encontra-se traduzida em décimas por João Rodri-

que não nomeamos, segundo se lê em suas *Epístolas,* responde-se que não falamos em amores compostos (1), os quais alguns autores abastados de eloqüência, e florescentes em bem ditar, ordenaram segundo lhes prouve, dizendo em nome de tais pessoas razões que nunca nenhuma delas cuidou; mas falamos daqueles amores que se contam e leem, nas histórias que seu fundamento teem sôbre verdade.

Êste verdadeiro amor houve el-rei D. Pedro a Dona Inês, como (2) se dela namorou, sendo casado e ainda infante; de guisa que, pôsto-que dela no comêço perdesse vista e fala, sendo alongado (3), como ouvistes, (que é o principal azo de se perder o amor), nunca cessava de lhe enviar recados, como em seu lugar tendes ouvido. Quanto depois trabalhou por a haver; e o que fêz por sua morte; e quais justiças naqueles que nela foram culpados, indo contra seu ju-

---

gues de Sá e Meneses, no *Canc. de Resende,* pág. 245 e ss. do tômo III da ed. do dr. Gonçalves Guimarães.

(1) = *inventados, fantasiados.*

(2) = *logo que.*

(3) = *ausente ; longe de «vista e fala».*

ramento, bem é testemunho do que nós dizemos.

E sendo lembrado (1) de lhe honrar seus ossos, pois lhe já mais fazer não podia, mandou fazer um moimento de alva pedra, todo mui subtilmente obrado, pondo elevada sôbre a campa de cima a imagem dela, com corôa na cabeça, como se fôra rainha. E êste moimento mandou pôr no mosteiro de Alcobaça, não à entrada, onde jazem os reis, mas dentro na igreja, à mão direita, a-cêrca (2) da capela-mor.

E fêz trazer o seu corpo do mosteiro de Santa Clara de Coimbra (onde jazia), o mais honradamente que se fazer pode; pois ela vinha em umas andas, muito bem corrigidas para tal tempo, as quais traziam grandes cavaleiros, acompanhadas de grandes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e donzelas e muita clerezia.

Pelo caminho estavam muitos homens com círios nas mãos, de tal guisa ordenados, que sempre o seu corpo foi, por todo o caminho, por entre círios acesos ; e assim chegaram até o dito mosteiro, que era dali dezas-

---

(1) Pode significar que *lhe lembraram* ou que *êle próprio se lembrou.*

(2) = *perto.*

sete léguas, onde com muitas missas e gram solenidade foi pôsto seu corpo naquele moimento. E foi esta a mais honrada trasladação que até aquele tempo em Portugal fôra vista.

Semelhàvelmente mandou El-rei fazer outro tal moimento, e tão bem obrado, para si; e fê-lo pôr a-cêrca do seu dela, para quando acontecesse de morrer, o deitarem nêle.

E estando êle em Estremoz, adoeceu de sua postumeira dor. E, jazendo doente, lembrou-se como, depois da morte de Álvaro Gonçalves e Pêro Coelho, êle fôra certo que Diogo Lopes Pacheco não fôra em culpa da morte de Dona Inês; e perdoou-lhe todo queixume que dêle havia, e mandou que lhe entregassem todos seus bens. E assim o fèz depois el-rei D. Fernando, seu filho, que lhos mandou entregar todos, e lhe alçou a sentença que El-rei seu padre contra êle passara, quanto com direito pôde.

E morreu el-rei D. Pedro uma segunda-feira de madrugada, dezoito dias de janeiro da era de mil e quatrocentos e cinco anos (1),

---

(1) Fernão Lopes data sempre segundo a era de César, à qual se devem descontar 38 anos para achar o ano correspondente do nascimento de Cristo. (Aqui, 1367).

havendo dez anos e sete meses e vinte dias que reinava, e quarenta e sete anos e nove meses e oito dias de sua idade. E mandou-se levar àquele mosteiro que dissemos, e lançar em seu moimento, que está junto com o de Dona Inês.

E diziam as gentes, que tais dez anos nunca houve em Portugal, como êstes que reinara el-rei D. Pedro.

(*Crónica de D. Pedro I,* Cap. XLIV).

CRÓNICA DE D. FERNANDO

I

EL-REI D. FERNANDO

Reinou o infante D. Fernando, primogénito filho de el-rei D. Pedro, depois de sua morte, havendo então de sua idade vinte e dois anos e sete meses e dezoito dias: mancebo valente, ledo e namorado, amador de mulheres e achegador a elas.

Havia bem composto corpo e de razoada altura, formoso em parecer e muito vistoso; tal que, estando cêrca de muitos homens, pôsto-que conhecido não fôsse, logo o julgariam por rei dos outros.

Foi gram criador de fidalgos, e muito companheiro com êles; e era tão amavioso de todos os que com êle viviam, que não chorava menos por um seu escudeiro, quando morria, como se fôsse seu filho. De nenhum a que bem quisesse podia crer mal que lhe dêle fôsse dito; mas amava êle e tôdas suas cousas muito de vontade.

Era cavalgante e torneador, grande justador e lançador a tavolado (1). Era muito braceiro (2), que não achava homem que o mais fôsse; cortava muito com uma espada e remessava bem a cavalo.

Amava justiça e era prestador e grado (3), muito liberal a todos, e grande agasalhador dos estranjeiros. Fêz muitas doações de terras aos fidalgos de seu reino, tantas e muitas mais que nenhum rei que ante êle fôsse. Amou muito seu povo, e trabalhava de o bem reger; e tôdas as cousas que por seu serviço e defensão do Reino mandava fazer, tôdas eram fundadas em boa razão e muito justamente ordenadas.

Desfaleceu isto, quando começou a guerra e nasceu outro mundo novo, muito contrário ao primeiro, passados os folgados anos do tempo que reinou seu pai. E vieram depois dobradas tristezas, com que muitos choraram suas desaventuradas mesquindades (4).

---

(1) *Lançar a tavolado* era um jôgo ou exercício militar que consistia em lançar por terra um castelo de madeira com tiros de arremêsso.

(2) = *forte de braço.*

(3) = *grato, nobre, liberal.*

(4) = *infortúnios.*

Se se contentara viver em paz, abastado de suas rendas, com grandes e largos tesouros que lhe de seus avós ficaram, nenhum no mundo vivera mais ledo, nem gastara seus dias em tanto prazer. Mas, porventura, não era ordenado de cima...

Era ainda el-rei D. Fernando muito caçador e monteiro, em guisa que nenhum tempo azado para isso deixava, que o não usasse (1).

A ordenança como êle partia o ano em tais desenfadamentos, contado tudo pelo miúdo, seria longo de ouvir; porque êle mandava chamar todos seus monteiros, no tempo para isso pertencente, e não se partiam de sua casa até que os falcões saíam da muda; e então, desembargados (2), iam-se para onde viviam, e vinham os falcoeiros, e outros que de fazer (3) aves tinham cuidado. Êle trazia quarenta e cinco falcoeiros de bêsta, afora outros de pé e moços de caça. E dizia que não havia de folgar (4), até que po-

---

(1) Isto é: *não perdia nenhuma ocasião boa para a caça.*

(2) = *desocupados.*

(3) = *tratar de.*

(4) = *descansar.*

voasse em Santarém uma rua em que houvesse cem falcoeiros.

Quando mandava fora da terra por aves, não lhe traziam menos de cinqüenta, entre açores e falcões, nevris e girofalcos—todos primas (1). Com êle andavam Mouros que aprazavam (2) garças e outras aves; e estes nadavam os pegos e paúis, se os falcões caíam nêles.

Quando El-rei ia à caça, tôdas as maneiras de aves e cães que se cuidar podem para tal desenfadamento, tôdas iam em sua companha; em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, pôsto que fôsse grou e betarda, até o pardal e pequena folosa, que, antes que suas ligeiras penas a pudessem pôr em salvo, primeiro era presa do seu contrário. Nem as simples pombas, que a nenhum fazem impecimento, em semelhante caso não eram isentas de seus inimigos.

---

(1) *Nevris* ou *nebris*, *girofalcos* ou *gerifaltes*, são espécies de falcões. O *falcão-prima* era o primeiro da ninhada, considerado melhor que os outros para a caça.

(2) Aprazar a caça = *fazê-la acantoar, para se caçar mais fàcilmente.*

Para coelhos, raposas, e lebres, e outras semelhantes selvagens monteses, levava El-rei tantos cães de seguir suas pègadas e cheiro, que nenhuma arte nem multidão de covas lhes prestar podia, que logo não fôssem tomadas. E por isso nunca El-rei ia vez alguma à caça, que sempre nela não houvesse grande sabor e desenfadamento.

*

* *

Êste rei D. Fernando começou de reinar o mais rico rei que em Portugal foi, até o seu tempo; pois êle achou grandes tesouros que seu pai e avós guardaram; em guisa que, sòmente na torre do Haver, do castelo de Lisboa, foram achadas oitocentas mil peças de ouro e quatrocentos mil marcos de prata — afora moedas e outras cousas de grande valor que aí estavam, e mais todo o outro haver, em grande quantidade, que em certos lugares pelo Reino era pôsto.

Havia outro-sim mais em Lisboa estantes (1) de muitas terras, não em uma só casa, mas muitas casas de uma nação, assim

(1) = *residentes* (estranjeiros estabelecidos).

como Genoveses, e Prazentins (1), e Lombardos, e Catalães de Aragão, e de Maiorca, e de Milão, que chamavam Milaneses; e Corcins (2), e Biscainhos; e assim de outras nações, a que os reis davam privilégios e liberdades, sentindo-o por seu serviço e proveito.

E estes faziam vir e enviavam do Reino grandes e grossas mercadorias, em guisa que, afora as outras cousas de que nessa cidade abastadamente carregar podiam, sòmente de vinhos foi um ano achado que se carregaram doze mil tonéis, afora os que levaram depois os navios, na segunda carregação de março.

E portanto vinham de desvairadas partes muitos navios a ela; em guisa que, com aqueles que vinham de fora e com os que no Reino havia, jaziam muitas vezes ante a cidade quatrocentos e quinhentos navios de carregação; e estavam à carga no rio de Sacavém, e à ponta do Montijo, da parte de Riba-Tejo, sessenta e setenta navios em cada lugar, carregando de sal e de vinhos; e por a grande espessura de muitos navios que assim jaziam ante a cidade, como dizemos, iam antes as barcas de Almada apor-

---

(1) Homens de Placência (Itália).
(2) = *Corsos, naturais da Córsega.*

tar a Santos, que é um grande espaço da cidade, não podendo marear por entre êles. E receando os vizinhos de Lisboa, que ainda então não era cercada, que gentes de desvairadas misturas, e tantas, podiam fazer alguns danos e roubos na cidade, ordenaram que cada noite certos homens de pé e de cavalo guardassem as ruas, quando tais navios jaziam ante ela.

E porque Lisboa é grande cidade, de muitas e desvairadas gentes, e (1) ser purgada de furtos e roubos, e de outros malefícios que nela faziam, os quais presumiam que eram feitos por homens que não viviam com senhores, nem hão bens nem rendas, nem outros mesteres, e jogam e gastam em grande abundância: por isso mandava El-rei que em cada uma freguesia houvesse dois homens-bons, que cada mês inquirissem e soubessem que vivenda faziam os que moravam nela, e os que se com êles colhiam de que fama eram; e se achavam alguns que não usavam como deviam, faziam-no saber em segrêdo a Estevam Vasques e a Afonso Furtado, seus escudeiros, que disto

(1) Subentenda-se *por (para)*.

tinham cargo, e êles os mandavam prender por seus homens e entregavam à justiça, para se fazer deles cumprimento de direito; dizendo (1) que sua vontade era que pessoas que mester não houvessem, nem vivessem com senhores continuadamente, que tais como estes (2) não morassem nas vilas e lugares de seu senhorio; e que, pois êle era teúdo de manter seus povos em direito e justiça, que, recebendo êles dano e sem-razão, e êle aí não tornasse (3), daria a Deus disso grave conta.

(Do prólogo da *Crónica de D. Fernando*).

(1) Subentenda-se *El-rei*.
(2) = *semelhante gente*.
(3) = *e êle não reagisse contra isso*.

II

CORRERIA DE GIL FERNANDES POR CASTELA DENTRO

ASSIM aveio nesta sazão (1) que em Elvas havia um escudeiro bem mancebo (2), chamado por nome Gil Fernandes, filho de Fernão Gil, neto de Gil Lourenço, prior que fôra de Santa Maria do dito lugar, o qual foi homem de bom esfôrço e para muito, segundo dissemos na história de el-rei D. Afonso o Quarto.

E êste Gil Fernandes, saindo a seu avô nas condições e ardideza fêz muitos e mui bons feitos, por que depois foi mui nomeado nas guerras que se seguiram, como adiante ouvireis; e o primeiro foi no comêço desta guerra (3), antes que Gonçalo Mendes de Vasconcelos viesse a Elvas por fronteiro.

---

(1) = *nesta ocasião aconteceu...*

(2) = *valente.*

(3) A segunda das guerras com Castela, levianamente provocadas por D. Fernando.

E foi assim que êle se trabalhou de juntar, de seus parentes e amigos, setenta homens de armas e quatrocentos homens de pé, e passou por Badalhouce (1) e foi correr a terra de Medelim, e apanhou mui grande cavalgada de gados e bêstas, e de prisioneiros.

E o roubo era tão grande que ádur o entendiam todos (2) de trazer a Portugal, mòrmente havê-lo de defender a quem lho tolher quisesse. Isto entendiam êles de gravemente (3) poder fazer, em tanto que (4) disseram muitos a Gil Fernandes (porquanto era homem novo e não ainda usado em guerra) que fizera mal de os pôr em perigo, alongando-se tanto por terra de seus inimigos.

Gil Fernandes, a que natureza (5) provera de bom esfôrço e ardimento, afoitamente começou de dizer:

— Amigos: esforçai, e não hajais temor. E se algumas gentes vierem a nós,

(1) = *Badajoz.*
(2) = *poucos julgavam possivel.*
(3) Hoje diríamos *e tanto que.*
(4) = *dificilmente.*
(5) = *a quem a natureza.*

com ousança e sem receio pelejemos com êles.

Então usou de uma arteira sajaria (1) e bom avisamento, neste modo:

Porquanto (2) o infante D. João era fronteiro-mor daquela comarca, disse (3) a um seu tio, que diziam Martim Anes, que se chamasse (4) infante D. João, e que êles em tal conta o trariam. E fêz logo aos prisioneiros que lhe beijassem a mão como a seu senhor; e êle tal jeito lhes mostrava, mandando soltar dêles (5), para darem fama pela terra que êle era o infante D. João.

E foi assim, de feito, que os prisioneiros que deixavam ir juravam a quaisquer outros que aquele era o infante D. João, que levava aquela cavalgada, afirmando que lhe beijaram a mão. Os Castelhanos que o ouviam, receando seu nome e poder, não ousavam de sair a êles; e desta guisa veio

---

(1) = *habilidade* (Cf. o francês *sage).*

(2) = *como.*

(3) O sujeito do verbo é *êle, Gil Fernandes.*

(4) = *fingisse ser.*

(5) Epifânio Dias *(Synt. Hist. Port.)* chama a isto *expressões elipticas arcaicas (d les = alguns d les*). A prep. *de* dá aqui ao pronome sentido partitivo.

aquele roubo a Portugal, sem achar quem lhe fizesse nojo.

E era a cavalgada tão grande, que trazia mais de uma légua em longo.

(Cap. XXXVII).

III

COMO EL-REI SE NAMOROU DE D. LEONOR TELES E CASOU ESCONDIDAMENTE

Em tempo de El-rei D. Afonso o Quarto e de El-rei D. Pedro, seu filho, não havia em Portugal mais que um conde, o qual se chamava de Barcelos; e êste condado deu o dito rei D. Pedro a D. João Afonso Telo, de que já é em cima feita menção.

Êste D. João Afonso houve um filho que foi conde de Viana, e foi casado com uma filha de João Rodrigues Porto-Carreiro, e houve dela um filho que chamaram o conde D. Pedro, que foi governador da cidade de Ceuta no tempo do mui nobre rei D. João, como adiante ouvireis.

Êste dito conde D. João Afonso Telo havia um irmão a que diziam Martim Afonso Telo, o qual houve dois filhos e três filhas, a saber: D. João Afonso Telo, que foi conde

de Barcelos; o conde D. Gonçalo, que foi conde de Neiva e de Faria; e as filhas, uma, bastarda, houve nome D. Joana, que foi comendadeira de Santos e deixou a comenda, (como o fazer podia segundo sua Ordem) e casou com João Afonso Pimentel; e a outra foi D. Maria Teles, casada com Lopo Dias de Sousa; e a outra chamaram D. Leonor Teles, mulher que foi de João Lourenço da Cunha, filho de Martim Lourenço da Cunha, senhor do morgado de Pombeiro.

Ora, assim aveio nesta ocasião que, reinando el-rei D. Fernando, como dissemos, mancebo e ledo, e homem de prol (1), trazia sua irmã D. Beatriz, filha que fôra de D. Inês e de El-rei D. Pedro seu pai, gram casa de donas e de donzelas, filhas de algo e de linhagem, porque aí não havia rainha nem outra infante, por então, a cuja mercê se houvessem de acostar.

E estando el-rei D. Fernando em Lisboa, aconteceu de vir a sua côrte, da terra da Beira onde então estava, D. Leonor Teles, mulher de João Lourenço da Cunha, que já dissemos, por espaçar alguns dias com D.

(1) = *gentil; gentil-homem.*

Maria sua irmã, que andava em casa da Infante e sua morador (1).

El-rei D. Fernando, como era muito costumado de ir ver a miúde a infante sua irmã, quando viu D. Leonor em sua casa, louçã e aposta (2), e de bom corpo, pôsto que a de antes houvesse bem conhecida, por então mui aficadamente esguardou (3) suas formosas feições e graça, em-tanto (4) que, deixada tôda bem-querença e contentamento que doutra mulher poderia haver, desta se começou de namorar maravilhosamente. E, ferido assim do amor dela, em que seu coração de todo era pôsto, de dia em dia se acrescentava mais sua chaga, não descobrindo porém a nenhuma pessoa esta bem-querença tão grande, que em seu coração novamente (5) morava.

Nisto, não tardou muito que João Lou-

---

(1) No tempo de Fernão Lopes era ainda comum-de-dois o sufixo *or*, aplicando-se aos dois géneros os substantivos e adjectivos como *senhor, pastor, morador, lavrador*, etc.

(2) = *bem posta, graciosa, elegante.*

(3) = *considerou, examinou atentamente.*

(4) = *de tal modo que.*

(5) = *recentemente.*

renço mandou recado a sua mulher, que se fôsse para êle. Da qual já tinha um filho, que chamavam Álvaro da Cunha.

*

* *

El-rei D. Fernando, quando ouviu que João Lourenço mandava por ela, foi muito anojado de tal embaixada, como aquele de que se nunca partia desejo de cumprir seu pensamento. E, sendo forçado de o descobrir, falou em gram segrêdo com D. Maria sua irmã (1), dizendo-lhe que azasse de guisa como D. Leonor não partisse dali, fingindo-se ser ela muito doente; e que com tal recado se tornassem a seu marido os que por ela vieram.

E falando claramente seu desejo com D. Maria, disse que sua vontade era de a haver antes por mulher, que quantas filhas de reis no mundo havia...

D. Maria era sisuda e corda (2), e foi muito turvada quando lhe isto ouviu dizer. E, vendo que por tal azo El-rei queria desen-

---

(1) Irmã de D. Leonor.

(2) = *cordata, prudente.*

caminhar seu casamento, que feito tinha com a infante de Castela, mòrmente sendo sua irmã casada, e mulher de bom fidalgo como era, e ser (1) seu vassalo, começou de lho contradizer assaz muito.

El-rei respondia a todos os seus ditos. E em razão do casamento dela, disse que êle azaria como ela fôsse quite de seu marido; e ela disse que, pôsto-que descarada fôsse, que não cuidasse êle que ela havia de ser a sua barregã. E El-rei, preso do amor dela, jurou a D. Maria que depois do quitamento a receberia por mulher.

Sôbre isto correram muitas razões, de guisa que quanto ela trabalhava por lhe desfazer seus amores e mudar de seu propósito, nenhuma cousa aproveitava, antes lhe parecia que cada vez cresciam mais.

Então falou com ela (2) tudo o que com El-rei aviera. E uma com outra houveram acôrdo de o falarem com seu tio; e depois que ambas falaram com o conde, falou êle sôbre isto a El-rei; e nenhum bom conselho, que lhe dar pudesse neste feito, veio a fim (3)

---

(1) = *por ser.*
(2) Contou D. Maria Teles a sua irmã D. Leonor.
(3) = *conseguiu.*

de o turvar do que em vontade tinha de fazer.

Por conselho de todos, por fazerem prazer a El-rei, azaram como buscasse caminho de ser quite de seu marido por azo de cunhadia, que é ligeira (1) de achar entre os fidalgos, como quer que muitos afirmavam que João Lourenço houvera dispensação do Papa antes que com ela casasse; mas, vendo (2) que lhe não cumpria porfiar muito em tal feito, deu à demanda lugar que se vencesse cedo, e foi-se para Castela, por segurança de sua vida...

(Do Cap. LVII).

(1) — *fácil.*
(2) Sujeito: *João Lourenço.*

IV

O POVO E O REI

Da bem-querença e amores que el-rei D. Fernando tomou em Lisboa com D. Leonor Teles, como já dissemos, foi logo fama por todo o Reino, afirmando que era sua mulher, e que a tinha recebida a furto. E desprouve muito, a todos os da terra, da maneira que El-rei nisto teve; e não sòmente aos grandes e fidalgos, que amavam seu serviço e honra, mas ainda ao comum povo, que disto teve gram sentimento.

E não prestou razões (1) que lhe sôbre isto falassem os de seu conselho, dizendo que não era bem casar com tal mulher como aquela, sendo mulher de seu vassalo, e deixar tais casamentos de infantes filhas

---

(1) = *de nada valeram as razões.*

de reis, como achava, assim como de el-rei d'Aragão e de el-rei de Castela, com tanta sua honra e acrescentamento do Reino. E vendo que seu conselho não aproveitava, cessavam de lhe falar mais nisto.

Os povos do Reino, arrazoando em tais novas, cada uns em seus lugares, juntaram-se em magotes, como é usança, culpando muito os privados de El-rei e os grandes da terra, que lho consentiam; e que pois lho êles não diziam, como cumpria, que era bem que se juntassem os povos, e que lho fôssem dizer.

E entre os que se principalmente disto trabalharam, foram os da cidade de Lisboa, onde El-rei então estava; os quais, falando nisto, foram tanto por seu feito em diante, que se firmaram todos em conselho de lho dizer, elegendo logo por seu capitão, e propoedor (1) por êles, um alfaiate que chamavam Fernão Vasques, homem bem razoado e jeitoso para o dizer. E juntaram-se um dia bem três mil, entre mesteirais de todos mesteres, e bèsteiros, e homens de pé.

---

(1) = *proponente; o que havia de propor (expor) as razões do povo.*

E todos, com armas, se foram aos paços onde El-rei pousava, fazendo grande arruído em falando sôbre esta cousa.

El-rei, quando soube que aquelas gentes ali estavam, e a razão por que vinham, mandou-os preguntar, por um seu privado, que era o que lhes prazia, e a que eram ali assim vindos. E Fernão Vasques respondeu em nome de todos, dizendo:

—Que êles eram ali vindos, porquanto lhes era dito que El-rei, seu senhor, tomava por sua mulher Leonor Teles, mulher de João Lourenço da Cunha, seu vassalo; e, porquanto isto não era sua honra, mas antes fazia gram nojo a Deus, e a seus fidalgos, e a todo o povo, que êles, como verdadeiros Portugueses, lhe vinham dizer que tomasse mulher filha de rei, qual convinha a seu estado. E que, quando com filha de rei casar não quisesse, que tomasse uma filha dum fidalgo de seu Reino, qual sua mercê fôsse, de que houvesse filhos legítimos, que reinassem depós êle; e não tomasse mulher alheia, pois era cousa que lhe não haviam de consentir. Nem êle não havia por que lhes ter isto a mal, porque não queriam perder

um tão bom rei como êle, por uma má mulher que o tinha enfeitiçado...

A gente era muita, que isto dizia por desvairadas maneiras, não embargando que Fernão Vasques propunha por todos; e El-rei lhes fêz responder:

— Que lhes agradecia muito sua vinda e as razões que por seu serviço diziam; que no caso entendia que faziam como bons e leais Portugueses, amadores de sua honra; e que ela não era sua mulher recebida, nem Deus não quisesse; mas que, porquanto lhes êle por logo não podia responder como cumpria, a qual resposta havia mester de ser com bom conselho, segundo êles viam que era razão: que em outro dia fôssem todos ao mosteiro de S. Domingos, dessa cidade; e que ali lhes falaria sôbre aquilo, e haveria seu acôrdo com êles...

Fernão Vasques disse a todos que aquilo era mui bem dito; e que assim o fizessem em outro dia.

Partiram-se então todos, contentes da resposta, jurando e dizendo que, se a El-rei partir de si não quisesse (1), que êles lha

(1) = *se El-rei não quisesse apartar Leonor de si.*

tomariam por fôrça, e fariam de guisa que nunca a El-rei mais visse; e que, se muitos vieram então, que muitos mais viriam em outro dia, armados.

(Cap. LX)

V

O REI FOGE AO POVO E CASA COM D. LEONOR PÚBLICAMENTE

Foram em outro dia muitas gentes juntas, no alpendre daquele mosteiro de S. Domingos, onde El-rei havia de vir ouvir, por parte do povo, as razões que lhe haviam de dizer a (1) êste casamento não ser bom; e entre os muitos que ali vieram, estavam aí os do Desembargo de El-rei (2), todos; e Fernão Vasques, que havia de propor, em-quanto El-rei não vinha, começou de dizer contra êles:

— Senhores: a mim deram cárrego, estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas a El-rei, nosso senhor, que

(1) = *a respeito de.*

(2) Os do Desembargo de El-Rei, ou do Paço, eram os mais altos magistrados.

entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escrito que, sendo as partes principais presentes, que o ofício do procurador deve de cessar no que êles bem souberem dizer, vós-outros, que sois principais partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, devíeis dizer isto, e eu não; porém, não embargando que assim seja, eu direi aquilo de que me deram cárrego, pois vós outros nisso não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço de El-rei, nosso senhor.

Aguardando êles todos ali, e falando muitas e desvairadas razões neste feito, soube-o El-rei em seus paços, onde estava; e, vendo como todos estavam alvoroçados, e as razões que geralmente diziam, a contradizer aquele casamento, não quis lá ir, e partiu-se da cidade, com D. Leonor, o mais escusamente que pôde. E ia dizendo pelo caminho:

—¡Olhai aqueles vilões traidores, como se juntavam! Certamente, prender-me quiseram, se lá fôra!...

Os que estavam no mosteiro aguardando, quando souberam que se El-rei partira da-

quela guisa, tiveram-se por escarnidos, cheios de melancolia (1) e palavras desonestas contra êste casamento; e não sòmente em Lisboa, mas em Santarém, e em Alenquer, e em Tomar, e Abrantes, e outros lugares do Reino, falando as gentes dêste casamento quanto lhes parecia feio e não para ser.

D. Leonor, a que dêste feito muito pesava, receando-se que, por azo de tais ajuntamentos e falas, poderia ser que a deixaria El-rei, dizem que mandava saber, por inculcas, quais eram os que nisto mais falavam contra ela, razoando mal de tal casamento; e havia com El-rei (2) que os mandasse prender e fazer nêles justiça.

E foi assim, de feito, que em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques, aquele alfaiate que ouvistes, e outros; e foram decepados, e tomados os bens dêles, e fugiram. E assim em alguns lugares do Reino.

E a muitos que andavam fugidos por esta razão, perdoou El-rei depois, e não houveram pena.

---

(1) = *indignação.*
(2) = *obtinha de El-rei.*

*

*   *

Andou El-rei por seu reino folgando, trazendo consigo D. Leonor, até que chegou, Entre-Douro-e-Minho, a um mosteiro que chamam Leça, que é da ordem do Hospital. E ali determinou El-rei de a receber de praça (1); e em um dia para isto assinado foi a todos proposto (2) por sua parte, dizendo nesta guisa:

— Amigos: bem sabeis como a ordem do casamento é um dos nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou, para não sòmente os reis, mas ainda os outros homens, viverem em estado de salvação, e os reis haverem por lídima linhagem quem depós êles suceda o reino e regimento real que lhes Deus deu. Porende (3), El-rei nosso senhor, querendo viver neste estado, segundo a êle pertence, e considerando como a mui nobre D. Leonor Teles, filha de D. Martim Afonso Telo e de D. Aldonça de Vasconcelos, descende de linhagem dos

(1) = *pùblicamente.*
(2) = *publicado, exposto.*
(3) = *pelo que.*

reis, dês-aí, como todos os grandes e mores fidalgos dêstes reinos teem com ela grande divido (1) de parentesco; os quais, recebendo de El-rei honra, como é aguisado, sejam por isso mais teúdos (2) de o ajudar a defender a terra; e olhando outro-sim como a dita D. Leonor é mulher mui convinhável para êle, pelas razões sobreditas, tem tratado com ela seu casamento, e portanto a quer receber de praça, por palavras de presente, como manda a Santa Igreja de Roma; e lhe entende de dar tais vilas e lugares de seu senhorio, por que ela possa manter honroso estado de rainha, como lhe pertence.

Então a recebeu El-rei perante todos, e foi notificado pelo Reino como era sua mulher, de que os grandes e pequenos houveram mui gram pesar.

E deu-lhe El-rei logo Vila Viçosa, e Abrantes, e Almada, e Sintra, e Tôrres-Vedras, e Alenquer, e Atouguia, e Óbidos, e Aveiro, e os Reguengos de Sacavém, e Frielas, e Unhos, e a terra de Merles em Riba-de-Douro.

---

(1) *Divido* significa o mesmo que *parentesco.*
(2) = *obrigados*

E dali em diante foi chamada Rainha de Portugal, e beijaram lhe a mão, por mandado de El-rei, quantos grandes no Reino havia, assim homens como mulheres, recebendo-a por Senhora tôdas as vilas e cidades de seu senhorio — afora o infante D. Denis (pôsto que menos fôsse que o infante D. João), que nunca lha quis beijar; por a qual razão el-rei D. Fernando lhe quisera dar com uma adaga, se não fôra Gil Vasques de Resende, seu aio, e Aires Gomes da Silva, aio de el-rei D. Fernando, que desviaram El-rei de o fazer, dizendo El-rei sanhudamente contra êle:

—Que não havia vergonha nenhuma beijarem a mão à rainha sua mulher, o infante D. João, que era maior que êle, e isso-mesmo seu irmão, e todos os outros fidalgos do Reino, ¡e êle, sòmente, dizer que lha não beijaria, mas que lha beijasse ela a êle!...

E desta guisa andava o infante D. Denis assim como homiziado da Côrte; e o infante D. João ficou com El-rei e com a Rainha, muito amado e bem-quisto; porque, sendo o maior no Reino, se oferecera de bom grado de beijar a mão à Rainha, e fôra azo e

caminho a outros muitos de grande estado. Porém, todos os do Reino, de qualquer condição que fôssem, eram disto mui mal contentes.

(Dos Caps. LXI e LXII).

VI

COMENTÁRIOS (1)

QUANDO foi sabido pelo Reino como El-rei recebera de praça D. Leonor por sua mulher, e lhe beijaram (2) a mão todos por Rainha, foi o povo todo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira (3). Porque antes disto, não embargando que o alguns suspeitassem, pelo grande e honroso jeito que viam a El-rei ter com ela, não eram porém certos se era sua mulher ou não; e muitos, duvidando, cui-

---

(1) Não admira que neste capítulo, como noutros passos em que Fernão Lopes se dispõe a filosofar, a expressão seja mais confusa do que em geral se apresenta na prosa meramente expositiva ou narrativa. Lembremo-nos de que o mesmo acontece ainda a João de Barros, apesar de escrever um século mais tarde.

(2) = *tinham beijado.*

(3) = *da primeira vez que o caso constou.*

davam que se enfadaria El-rei dela, e que depois casaria segundo pertencia a seu real estado.

E, uns e os outros, todos falavam desvairadas razões sôbre isto, maravilhando-se muito de El-rei não entender quanto desfazia em si por se contentar de tal casamento. E dêles (1) diziam que melhor fizera El-rei tê-la por tempo, e depois casar com outra mulher; mas que isto era cousa que mui poucos ou nenhum, pôsto que entendessem que tal amor lhes era danoso, o deixavam depois e desamparavam, mòrmente nos mancebos anos (2).

E deixadas as falas de alguns simples, que em favor dêle razoavam, dizendo que não era maravilha o que El-rei fizera, e que já a outros acontecera semelhável êrro, havendo grande amor a algumas mulheres—dos ditos dos entendidos, fundados em siso, alguma cousa digamos em breve.

---

(1) V. nota 5 da página 83.

(2) A redacção é incorrecta ou foi estropiada. A ideia parece ser esta: poucos ou nenhuns teem energia para dar de mão a tais amores, mòrmente em verdes anos, embora reconheçam que lhes são danosos.

Os quais, falando nisto o que lhes parecia, diziam que tal bem-querença era muito de enjeitar, mòrmente nos reis e senhores, que mais que nenhuns dos outros desfaziam em si por aliança de tais amores; porque, pois que os antigos deram por doutrina que o Rei, na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia de esguardar nobreza de geração mais que outra alguma cousa, que aquele que o contrário disto fazia, não lhe vinha de bom siso, mas de sandice, salvo se usança dos homens em tal feito lhe emprestasse nome de sisudo. E pois que el-rei D. Fernando deixava filhas de tão altos reis, com que lhe davam grandes e honrosos casamentos, e tomava D. Leonor, que tantos contrários tinha para o não ser (1), que bem devia de ser pôsto no conto de tais.

Outros diziam que isto era assim como dôr (2), da qual ao homem prazia e não prazia, dizendo que todos os sabedores concordavam que todo homem namorado tem uma espécie de sandice, e isto por duas razões:

---

(1) Subentendimento forçado: *que tantos inconvenientes tinha para não ser tomada (em casamento).*

(2) = *doença*

a primeira, porque aquilo que em alguns é causa intrínseca das outras maneiras de sandice, é nestes causa de tais amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é imperatriz das outras potências da alma àcêrca das cousas sensíveis, é tão doente em tais homens, que não julga o objecto da cousa que vê tal qual êle é, mas tal qual a êle parece; pois êle julga a feia por formosa, e aquela que traz dano ser (1) a êle proveitosa. E portanto todo juizo da razão é subvertido ácêrca de tal objecto, em-tanto que (2) qualquer outra cousa que lhe aconselhem pudera bem receber; mas, (quanto ácêrca de tal mulher a êle prazível), cousa que lhe digam de bom conselho — não recebe.

Se o conselho é que a deixe e não cure dela, antes lhe faz um acrescentamento de dôr, que é fora de todo bom juízo, de guisa que, se é tal pessoa, o que o aconselhou, de que possa tomar vingança, toma-a, assim como fêz el-rei D. Fernando, que mandou fazer justiça em alguns do seu povo, que o bem aconselhavam em semelhante caso, segundo já tendes ouvido.

(*Cap. LXIII*).

---

(1) = *por ser (como sendo, como se fôsse).*
(2) = *de modo que.*

VII

EL-REI DIZ-SE ARREPENDIDO... E A RAINHA CONSOLIDA-SE

Trazendo el-rei D. Fernando D. Leonor consigo (1) antes que a recebesse de praça, como ouvistes, falava algumas vezes com alguns seus privados, dizendo como tinha em vontade de a receber por mulher, e que dissessem o que lhes parecia, —para ver se acharia alguns que lhe aconselhassem que o fizesse. E um dia falou com dois dêles, como sua vontade era de a tomar por rainha; porém, antes que o pusesse em obra, queria haver com êles conselho.

—Senhor, disseram êles, a nós não convém falar nisto, porque vos vemos já liado com ela em tal maneira, que entendemos que nunca outra mulher haveis de haver, se-

---

(1)=*andando já com ela como casado.*

não ela; e ainda nos certificam alguns que a tendes já recebida por mulher; e quanto é (1) por nosso conselho, nem de outro nenhum que vosso serviço e honra deseje, não vos aconselhara tal casamento, por muitas razões; mas, se tendes em vontade de a todavia receber por mulher, nenhum bom conselho presta nisto...

A cabo de poucos dias, a recebeu El-rei, como dissemos. E depois, logo cêrca, disse um dia a um de seu conselho como se repreendia de ter casado com ela. O outro, respondendo, disse:

— Isto foi por vossa culpa, e por vós haverdes vontade de o fazer, mas não por vós não serdes aconselhado por muitos que o não fizésseis.

— Verdade é, disse êle, que mo desdisseram muitos; mas eu quisera que fizeram êles a mim, ainda que eu vontade houvesse, como fizeram os privados de el-rei D. Afonso, meu avô, a êle.

— ¿E como foi isso, senhor?

---

(1) Note-se esta expressão, ainda hoje corrente no povo (*quant' é, cant' é*) para significar *pelo que diz respeito a*.

— Eu vos direi, disse El-rei. Meu avô, quando começou de reinar, tinha mais sentido nas cousas em que havia prazer, como homem novo que era, mais que naquilo que pertencia a regimento do Reino; e estando todos os do conselho em Lisboa juntos, falando nas cousas que pertenciam a regimento do Reino e prol do povo, êle deixou o conselho e foi-se à caça, a têrmo de Sintra, e durou lá bem cêrca de um mês. Os do conselho, quando viram que êle tão pouco sentido tinha, em comêço de seu reinado, das cousas que havia de ordenar por seu serviço e bem do povo, houveram-no por mau comêço. E quando El-rei veio e foi ao conselho, depois que falaram na caça em que andara, disse-lhe um dêles, por acôrdo dos outros:

— «Senhor, seja vossa mercê não terdes «tal jeito como êste que ora tivestes: — dei«xardes vosso conselho por tantos dias, onde «tão necessário é de estardes, e irdes-vos à «caça há já um mês, e nós estarmos aqui «sem vós, com pouco vosso proveito e ser«viço. Por mercê, tende outra maneira nisto «daqui em diante, se não...

— «¿Como, se não?... disse êle.

— «A la fé, (disseram) se não... buscare-

«mos nós outro que reine sôbre nós, que
«tenha cuidado de manter o povo em direito
«e em justiça, e não deixe as cousas que
«tem de fazer, de sua fazenda (1), para ir ao
«monte, e à caça andar um mês.

El-rei houve disto grande melancolia, e disse, bradando:

—«¿E como?... Os meus me hão a mim
«de dizer *se não?*... E êles me hão a mim
«de fazer isso?...

—«¡Os vossos! disseram êles, quando vós
«fizerdes o que não deveis.

El-rei saíu-se mui queixoso do conselho e foi-se; e depois cuidou nisto, e achou que lho diziam por seu serviço, e perdeu queixume dêles, e houve-os por bons servidores. E eu assim quisera que vós outros do meu conselho fizéreis a mim. Pois que víeis que não era minha honra tal casamento, não me consentísseis que o fizesse...

O privado, que entendeu que El-rei mais lhe dizia isto para ver que resposta lhe daria, que por ter em vontade o que lhe falava, respondeu e disse:

— Senhor: vós o dizeis agora mui bem;

(1) = *obrigação.*

mas pudera ser que, se os do vosso conselho vo-lo contradisseram dessa guisa que vós dizeis, que houveram de vós pior resposta, com obra, da que houveram êsses outros del-rei D. Afonso, vosso avô.

E El-rei dizendo que não, mas que o houvera por bem feito, cessaram daquesto e falaram em al (1).

*

* *

Esta rainha D. Leonor, ao tempo que a El-rei tomou por mulher, era bem manceba em fresca idade, e igual em grandeza de corpo.

Havia loução e gracioso gesto, e tôdas as feições do rosto quais o direito da formosura outorga; tal que nenhuma, por então, era a ela semelhável em bem-parecer e dulcidão de fala, sofrendo-nos porém de a prasmar (2) de algumas cousas em que, não honesta e mui sôltamente, houve grande e vivo entendimento por afortalezar seu estado, trazendo a seu amor e bem-querença

(1) = *deixaram-se disto e falaram noutra cousa.*

(2) Sofrendo-nos de a prasmar = *permitindo-nos repreendê-la, censurá-la.*

assim as grandes pessoas como as pequenas, mostrando a todos lêda conversação, com grada prestança e muitas bem-feitorias.

E porquanto ela era certa de que não prazia às gentes miudas de ela ser rainha, segundo se mostrara em Lisboa e em outros lugares, e ainda de alguns grandes duvidava muito, trabalhou-se de haver da sua parte todos os mores do Reino, por casamentos e grandes ofícios e fortalezas de lugares que lhes fêz dar, como adiante ouvireis.

E porque Lisboa é principal lugar do Reino, e quem a tiver por sua entende que tem todo o Reino, fêz ela dar depois o castelo dessa cidade ao conde D. João Afonso Telo, seu irmão; e fêz que quantos grandes e bons havia na cidade, que todos fôssem seus vassalos.

E fêz muitos casamentos e acrescentamentos, em muitos fidalgos e grandes do Reino, para lhe haverem todos bom desejo e não caír em sua mal-querença; de guisa que não era nenhum que de sua bem-feitoria e acrescentamento não houvesse parte.

Era mui grada e liberal a quaisquer que lhe pediam, em-tanto que nunca a ela chegou pessoa, por lhe demandar mercê, que de ante ela partisse com vã esperança.

Era ainda de muita esmola e muito caridosa a todos; mas, quanto fazia, tudo danava, depois que conheceram nela que era lavrador de Vénus e criada em sua côrte; e falando os maldizentes, prasmavam-na, dizendo «que tôdas as criadas daquela senhora se fingem sempre muito amaviosas, portanto (1) que o manto da caridade que mostram seja cobertura dos seus desonestos feitos.»

(Dos Caps. LXIV e LXV).

---

(1) = *se bem, não embargando.*

VIII

O CASTELO DE FARIA

Jazendo Lisboa cercada pelos Castelhanos, entrou entre Douro e Minho Pero Rodrigues Sarmento, adiantado em Galiza, e João Rodrigues de Bema, e outros fidalgos daquela terra; e chegaram até Barcelos. E gentes de Portugal, daquela comarca, se juntaram para pelejar com êles.

Quando os Castelhanos isto souberam, ordenaram de os atender, e lançaram uma grossa cilada de muita gente em um lugar escuso, de que os Portugueses não souberam parte (1); e, começada a peleja, levavam os de Portugal a melhor de seus inimigos.

Nisto, saiu o Castelhano João Rodriguez de Bema da cilada onde jazia, e fêz

---

(1) Saber parte = *ter noticia.*

grande som como eram muitos (1); e começou logo de fugir a cavalo um escudeiro, com a bandeira de Henrique Manuel; e os seus começaram de bradar contra êle, dizendo:

— ¡ Vai-se a bandeira, vai-se a bandeira !

— Amigos, disse êle, não cureis da bandeira, que é um pouco de pano que se vai; mas curai do meu corpo, que aqui está, em que deveis ter mor esfôrço que nela; por isso pelejemos todavia por vencer, e não cureis da bandeira.

Então, pelejaram até que se venceram (2) e foram de todo desbaratados.

*

* *

Nuno Gonçalves, que tinha o Castelo de Faria, quando viu ir os Portugueses para esta peleja, saiu do lugar com alguns dos que tinha, cuidando de dar de suspeita (3) nos inimigos, e que uns duma parte, outros da

---

(1) ¿Fêz grande arruído, pois que eram muitos? Ou ¿Fêz grande arruído, fingindo que eram muitos?

(2) = *foram vencidos.*

(3) = *de surpresa.*

outra, que os colhessem na metade (1). E os Castelhanos, que tinham já vencidos os primeiros, voltaram sôbre êle, e foi vencido e preso.

E foi ali morto João Lourenço Bubal, e presos Nuno Viegas e Fernão Gonçalves de Meira; e Henrique Manuel fugiu para Ponte de Lima. E foram presos, de homens de armas e de pé, até cento; e mais alguns cidadãos do Pôrto, entre os quais foi preso Domingos Peres das Eiras, que era um dos honrados do lugar, e pagou por si, de rendição, dez mil francos de ouro; e naquela semana que foi sôlto chegou uma sua nau de Flandres, que em frete e mercadorias trouxe dez mil francos para seu dono. E assim houveram os Castelhanos muitas rendições de outros alguns que aí foram presos.

*

*   *

O bom escudeiro de Nuno Gonçalves (2),

---

(1) = *os apanhassem no meio.* (Cf. *Lusíadas,* VI, 81, 4: «*Por metade das agoas Erythreas*»).

(2) No português moderno, em geral, a prep. *de,* quando tem êste sentido definitivo, só se emprega combinada com o artigo. (Ex.: *o bom do velho).*

que foi preso nesta peleja que ouvistes, tendo gram sentido do Castelo de Faria, que deixara encomendado a seu filho, cuidou aquilo que arrazoadamente era de presumir, a saber: que aqueles que o tomaram, o levariam ante o lugar; e, dando-lhe alguns tormentos ou ameaça dêles, que o filho, vendo-o, haveria piedade dêle e seria demovido a lhes dar o castelo. E porque não tinha maneira como o disto pudesse perceber (1), disse a Pero Rodriguez Sarmento que o mandasse levar ao castelo, e que êle diria a seu filho, que nêle ficara, que lho entregasse.

Pero Rodriguez foi disto mui ledo e mandou que o levassem logo; e êle, chegando ao pé do lugar, chamou pelo filho, o qual veio à pressa; e êle, em vez de dizer que desse o castelo àqueles que o levavam, disse ao filho nesta guisa:

— Filho: bem sabes como êsse castelo me foi dado por el-rei D. Fernando, meu senhor, que o tivesse por êle (2), e lhe fiz por êle menagem; e, por minha desaventura, eu saí dêle, cuidando de o servir; e sou ora preso em poder de seus inimigos, os quais

---

(1) = *prevenir.*

(2) = *o guardasse e defendesse em seu nome.*

me trazem aqui para te mandar que lho entregues. E porque isso é cousa que eu fazer não devo, guardando minha lealdade; por isso te mando, sob pena de minha bênção, que o não faças, nem o dês a nenhuma pessoa, senão a El-rei, meu senhor, que mo deu. Pois para te perceber disto me fiz aqui trazer; e, por tormentos e morte que me vejas dar, não o entregues a outrem senão a El-rei, meu senhor, ou a quem to êle mandar entregar por seu certo recado.

Os que o preso levavam, quando isto ouviram, ficaram espantados de suas razões; e preguntaram-lhe se dizia aquilo de jôgo, ou se o tinha assim na vontade. E êle respondeu que para o perceber disto se fizera ali trazer; e que assim lho mandava, sob pena de sua bênção. Êles, tendo-se por escarnidos, com queixume disto, em presença do filho o mataram nessa hora, de cruéis feridas; e não cobraram porém o castelo.

E porque aquela terra é muito povoada, não podiam todos caber no castelo, e acolhiam-se dêles (1) entre o muro e a barba-

(1) V. nota 5 da pag. 83.

can, em choças cobertas de colmo que ali fizeram; e, ventando então um vento suão, tomou um daqueles que estavam fora um colmeiro aceso, pôsto em uma lança, e deitou-o dentro, em cima das choças. E começaram de arder.

Os do Castelo, muito anojados pela morte de Nuno Gonçalves, que lhe assim viram dar, não tiveram mentes (1) no fogo que deitaram, estando muito espantados das razões que dissera ao filho.

O fogo era grande, por azo do vento, a que se remédio não podia pôr. E arderam tôdas as choças, com quanto nelas estava, e muita gente nelas.

E o filho de Nuno Gonçalves manteve o castelo, como lhe seu pai mandou; e depois lhe deu El-rei um mui honrado benefício, porquanto lhe prouve escolher vida de clérigo.

(Caps. LXXVIII e LXXIX).

---

(1) = *não repararam, não notaram.*

IX

O VENCEDOR E O VENCIDO

Firmadas as pazes entre D. Fernando e D. Henrique, foi ordenado que os reis se vissem no rio do Tejo, em batéis, para falarem algumas cousas e firmarem outra vez suas avenças, segundo já por êles eram outorgadas.

Então partiu el-rei D. Henrique de Lisboa, com tôda sua hoste, caminho de Santarém, porém (1) que muitos seus se foram nas galés, em que levaram muitas alfaias, do roubo da cidade. E quando el-rei D. Henrique chegou a Santarém, pousou em uns paços que chamam Valada, em um espaçoso campo junto com o rio, meia légua do lugar.

---

(1) = *ao passo.*

E o cardial (1) fêz fazer prestes três barcas pequenas: duas em que fôssem os reis, com certos que consigo haviam de levar, sem nenhumas armas; e outra em que êle fôsse (que havia de ser fiel (2) entre êles), e os notários, para darem fé de todo o que se ali passasse.

E antes que el-rei de Castela viesse, para entrar na barca em que havia de ir, teve conselho se falaria primeiro a el-rei D. Fernando, como se vissem nos batéis; ou se atenderia (3) que lhe falasse el- rei D. Fernando primeiro. E os do conselho disseram que atendesse que lhe falasse el-rei D. Fernando primeiro, porque êle era mais honrado (4) rei que êle, por ser êle rei de Castela e o outro de Portugal; de mais, por estar em sua terra com seu poderio e hoste; e que portanto não lhe falasse primeiro.

El-rei D. Henrique era muito mesurado e

---

(1) D. Guido, cardial de Bolonha, bispo do Pôrto e delegado da Sé Apostólica, pelo Papa mandado a Espanha, para pôr paz entre os dois reis.

(2) = *fiel da balança.*

(3) = *esperaria.*

(4) = *importante.*

de boa condição, e preguntou aos de seu conselho se por êle falar primeiro a el-rei de Portugal por aí perdia sua honra, se a tinha; e êles disseram que a não perdia; mas que o não devia fazer, pelo que dito era. El-rei respondeu a isto e disse:

— Pois que eu de minha honra não perco nada, não faço fôrça (1) de lhe falar primeiro, para usar de mesura.

Então partiu el-rei de Castela dos paços de Valada, com muitas gentes de armas consigo, em guisa que gram parte do campo era cheio, assim por defensão e guarda de El-rei, como para verem como os reis falavam. Isso-mesmo partiu el-rei D. Fernando dos paços de Santarém, que são no castelo, acompanhado de muita gente de armas; e veio-se à Ribeira, onde chamam Alfange. E entre aqueles que haviam de ir com êle no barco havia de ser um o infante D. João, seu irmão; e o mestre de S. Tiago, e D. João Afonso, conde de Ourém; e Aires Gomes da Silva, e poucos mais.

E o cardial, que tinha cargo de buscar (2) aqueles que haviam de ir com os reis, que

---

(1) = *não tenho dúvida, não me custa.*
(2) = *revistar.*

não levassem armas, achou que o infante D. João levava uma adaga, e disse-lhe que a não levasse, que bem sabia que tal era a ordenança entre os reis; e o Infante deixou-a então e não a levou; e buscou o cardial os que iam com el-rei de Castela e não lhes achou arma nenhuma.

Então moveram os batéis com os reis, em direito do cubelo (1) que está na água em Alfange; e como foram juntos, disse el-rei D. Henrique a el-rei D. Fernando:

— Mantenha-vos Deus, senhor. Muito me praz de vos ver, porque esta foi uma das cousas que eu muito desejei: de vos ver como ora vejo.

E el-rei D. Fernando respondeu a el-rei de Castela por semelhantes razões e bem mesuradas (2). E o batel do cardial estava em meio, entre os batéis dos reis, prazendo-lhe muito da boa avença que via entre êles. E jurados ali os tratos pelos reis, os quais já tendes ouvido; e faladas tôdas as cousas que lhes cumpriam, despediram-se um do outro, e remaram os batéis cada um para onde partira.

(1) = *torreão.*

(2) Semelhantes razões e bem mesuradas = *análogas amabilidades.*

E quando el-rei D. Fernando chegou a terra, entre os seus, disse com gesto ledo contra êles:

— ¡ Quanto eu *henricado* venho!...

E isto dizia êle, porque a todos os que tinham (1) com el-rei D. Henrique chamavam *henricados;* e êle achara tantas boas razões e mesuras nêle, que queria dar a entender que tinha da sua parte (2).

(Do Cap. LXXXIII).

(1) Ter com alguém = *estar ligado a êle.*
(2) = *que se sentiu cativado por êle.*

X

PROTECÇÃO DA AGRICULTURA E DA MARINHA MERCANTE

Ainda que El-rei visse nesta ocasião que o Reino tinha muitos azos de ser minguado de mantimentos e de outras cousas necessárias, pelo que dito havemos, pero tão estranha lhe pareceu sua míngua, em respeito da abundância (1) que nêle soía de haver, que com aficado desejo começou de cuidar como e por que maneira tal míngua de mantimentos podia ser recobrada, e mais não poder vir tal desfalecimento.

E pôsto-que lhe tal cousa parecesse muito convinhável, e de todo em todo determinasse de a pôr em obra, pero por que maneira isto poderia vir a bom fim, entendeu

(1) = *comparada com a abundância.*

que lhe cumpria tomar conselho. E porque era cousa que pertencia a todo o Reino, fêz chamar condes, e prelados, e mestres, e outros fidalgos e cidadãos de sua terra; e, feito um dia ajuntamento de todos, para ouvir porque eram chamados, propôs um por sua parte (1), dizendo:

«Que entre tôdas as obras da polícia e regimento do mundo não fôra achada nenhuma arte melhor, nem mais proveitosa, para mantimento e vida dos homens, que era a agricultura; e não sòmente, disse êle, para os homens, e alimárias que o Senhor Deus criou para serviço dêles, mas ainda para ganhar algo, e boa fama sem pecado, esta é a mais segura.

«Ora assim é, que El-rei nosso senhor, que aqui está, considerando como por tôdas as partes de seu reino há gram falecimento (2) de trigo, e cevada, e outros mantimentos, de que, entre tôdas as terras do mundo, êle soía de ser mais abastado: e êsse pouco mantimento que aí há é pôsto em tanta carestia, que aqueles que hão-de manter fazenda e estado não podem chegar a haver

(1) = *disse um por parte de El-rei.*
(2) = *falta.*

essas cousas sem gram desbarato daquilo que hão;

«E vendo e esguardando que, entre as razões por que êste falhamento vem, a mais especial é por míngua das lavras, que os homens deixam e desamparam, lançando-se a outros mesteres, que não são tão proveitosos ao bem comum; por cujo azo as terras que são convinháveis para dar frutos são lançadas em rossios (1) bravos e montes maninhos:

«Por isso, êle, considerando que, sendo a isto pôsto remédio, a terra tornaria a seu grande abundamento, como soía, que é uma das bem-aventuranças que o Reino pode haver:—propôs de vos chamar todos, para vos notificar o que neste feito entende de fazer, e com vosso bom acôrdo e conselho ordenar como melhor e mais proveitosamente se possa dar a execução.

Isto assim proposto, louvaram todos seu bom desejo; e depois de muitas razões que sôbre isso faladas foram, com seu conselho

(1) São lançadas em rossios = *ficam em maninhos ou baldios, incultas.*

e acôrdo dêles, ordenou El-rei que se fizesse por esta guisa:

Mandou que todos os que tivessem herdades suas, próprias, e emprazadas, ou por outro qualquer título, que fôssem constrangidos para as lavrar e semear; e se o senhor das herdades as não pudesse lavrar, por serem muitas, ou em desvairadas partes, que lavrasse por si as que lhe mais aprouvesse e as outras fizesse lavrar por outrem, ou desse a lavrador por sua parte; de guisa que tôdas as herdades que eram para dar pão, tôdas fôssem semeadas de trigo, e cevada, e milho.

E que fôssem constrangidos cada uns que tivessem tantos bois quantos cumpriam para as herdades que tinham, com as cousas que à lavoura pertencem; e, se aqueles que houvessem de ter estes bois não os pudessem haver senão por mui grandes preços, mandava que lhos fizessem dar as justiças, por arrazoados preços, segundo o estado da terra.

E que fôsse assinado tempo aguisado, aos que houvessem de lavrar, para começarem de aproveitar as terras, sob certas penas; e, quando os donos das herdades as não

aproveitassem ou dessem a aproveitar, que as justiças as dessem, por certa cousa, a quem as lavrasse por sua ração (1); a qual seu dono não houvesse, mas fôsse despesa (2) em proveito comum, onde essas herdades fôssem.

E que todos os que eram ou sabiam (3) ser lavradores, e isso-mesmo os filhos e netos dos lavradores, e quaisquer outros que em vilas e cidades ou fora delas morassem, usando de ofício que não fôsse tão proveitoso ao bem-comum como era o ofício da lavra, que tais como estes fôssem constrangidos para lavrar, salvo se houvessem de seu valor de quinhentas libras (que seriam umas cem dobras); e, se não tivessem herdades suas, que lhes fizessem dar das outras para as aproveitarem, ou que vivessem por soldadas com os que houvessem de lavrar, por soldada arrazoada.

E, porquanto para lavrar a terra são muito

---

(1) = a cota de frutos da terra que o rendeiro devia pagar ao senhorio, e que neste caso revertia em proveito comum do lugar.

(2) = *despendida.*

(3) O sujeito de *sabiam* é: *as justiças encarregadas da execução destas leis.*

necessários mancebos que sirvam, assim em guarda do gado como para as outras necessidades da lavoura, os quais haver não poderiam (1) por se lançarem muitos a pedir, não querendo fazer serviço senão buscar azo para viver ociosos sem afan; dês-aí, pois que a esmola não era devida salvo àqueles que o ganhar não podem, nem por serviço de seu corpo podem merecer por que vivam; e, segundo ainda o dito dos santos, *mais justa cousa é castigar o pedinte sem necessidade, que lhe dar esmola*, que é devida a envergonhados, e pobres que não podem fazer serviço: — por isso mandou El-rei que quaisquer homens ou mulheres que andassem alrotando (2) e pedindo, e não usassem de mester, que tais como estes fôssem vistos e catados pelas justiças de cada um lugar; e se achassem que eram de tais corpos e idades que podiam servir em algum mester ou obra de serviço, pôsto-que em algumas partes do corpo fôssem minguados, porém com tôda essa míngua poderiam fazer algum serviço — que fôssem constrangidos

(1) = *não poderiam obter.*
(2) = *chamando, bradando pela esmola.*

para servir naquelas obras que padessem fazer, por suas soldadas e mantimentos, segundo lhes fôssem taxados, assim no mester da lavra como em outra qualquer cousa.

Outro-sim mandava que quaisquer que achassem andar vadios, chamando-se escudeiros e moços de El-rei, ou da rainha e dos infantes, e de quaisquer outros senhores, e não fôssem notòriamente conhecidos por seus, ou mostrassem certidão como andavam por serviço daqueles cujos se chamavam (1), que fôssem logo presos e recadados pelas justiças dos lugares onde andassem, e constrangidos para servir na lavoura ou em outra qualquer cousa.

Ainda mais mandava que quaisquer que andassem em hábito de ermitães, pedindo pela terra, sem trabalhando (2) por suas mãos em cousa por que vivessem, que lhes mandassem e fôssem constrangidos que usassem do mester da lavoura, ou servissem os lavradores; e se o estes fazer não quisessem, ou os pedintes a que mandado fôsse, e isso-mesmo os que se chamassem de El-rei ou da

(1) = *de quem se diziam criados.*

(2) No português arcaico era freqüente esta construção de *sem* com gerúndio.

rainha e o não fôssem — que os açoitassem, pela primeira vez, e constrangessem-nos todavia que lavrassem ou servissem; e se o daí em diante fazer não quisessem, que os açoitassem outra vez pùblicamente com pregão, e deitassem fora do Reino, dizendo El-rei que não queria que nenhum em seu senhorio fôsse achado, que vivesse sem mester ou serviço.

Aos fracos, e velhos, e doentes, que nenhuma cousa podiam fazer, mandava que dessem alvarás por que pudessem seguramente pedir; e qualquer que alvará não trazia havia a pena sobredita.

Assim que, quantos na terra havia, e os que viessem de fora do Reino, todos haviam de ser sabidos, pelas vintaneiras (1), que homens eram e que jeito tinham de viver, e dito logo às justiças, e postos todos em escrito; e qualquer pessoa, por poderosa que fôsse, que se trabalhasse de defender alguns dos que assim fôssem constrangidos, se fôsse fidalgo, que pagasse quinhentas libras e fôsse degredado do lugar onde vivesse e

---

(1) = *juntas de vinteneiros*, isto é: de *vinte* vizinhos, encarregados dêste serviço e de outros semelhantes, como o recrutamento, etc.

donde El-rei estivesse, a seis léguas; e se fidalgo não era, pagasse trezentas, e mais outro tal degrêdo, encarregando muito as justiças que logo isto dessem a execução.

Nos lugares onde se costuma de haver ganha-dinheiros (1), que se escusar não podem, mandavam deixar por número certo os que se escusar não pudessem, e os outros constrangiam para servir.

E em cada uma cidade, e vila, ou lugar, havia de haver dois homens-bons que vissem as herdades para dar pão, e as fizessem aproveitar por grado ou constrangimento, taxando entre o dono delas e o lavrador o que razoado fôsse de lhes dar; e quando o senhor da herdade não quisesse convir em cousa que arrazoada fôsse, que a perdesse por sempre; e a renda dela fôsse para o comum onde jouvesse (2).

Na criação e trazimento dos gados, mandava que nenhum não trouxesse gados seus nem alheios, salvo se fôsse lavrador ou mancebo de lavrador, que morasse com êles; e se os outrem quisesse trazer, havia-se de

(1) = *jornaleiros.*

(2) = *para o concelho onde jazesse, estivesse situada.*

obrigar de lavrar certa terra; doutra guisa perdia o gado, para proveito comum dos lugares onde era filhado (1).

Estas e outras cousas, para se manter esta ordenança, mandava El-rei assim guardar (2), que nenhum era assim ousado passar seu mandado. Por cujo azo a terra começou de ser aproveitada e crescer em abundância de mantimentos.

*

* *

Vendo o mui nobre rei D. Fernando como não sòmente desta santa e proveitosa ordenação que assim fizera se seguia gram proveito a êle e a todo o povo do Reino, mas ainda das mercadorias muitas que dêle eram levadas, e trazidas outras, havia grandes e mui grossas dízimas; e que o proveito que haviam dos fretes os navios estranjeiros era melhor para os seus naturais, dês-aí muito maior honra da terra havendo nela muitas naves, as quais o Rei podia ter mais prestes, quando cumprissem a seu ser-

(1) — *encontrado, capturado.*

(2) — *mandara El-rei cumprir com tanto rigor, que...*

viço, que as das províncias dêle alongadas: ordenou, para os homens haverem mor vontade de as fazer de novo ou comprar feitas, (qual mais sentissem por seu proveito) que aqueles que fizessem naus de cem tonéis a-cima pudessem talhar e trazer para a cidade, de quaisquer matas que de El-rei fôssem, quanta madeira e mastros para elas houvessem mester, sem pagar nenhuma cousa por ela; e mais, que não dessem dízima de ferro, nem de fulame (1), nem doutras cousas que de fora do Reino trouxessem para elas; e quitava todo o direito que havia de haver (2) aos que as compravam e vendiam feitas.

Outro-sim, dava aos senhores dos ditos navios, da primeira viagem que partiam de seu Reino carregados, todos os direitos das mercadorias que levavam, assim de sal como

---

(1) *Fulame* ou *Fullame* é têrmo de significação duvidosa. Morais supõe-no derivado do ingl. *full (cheio)* e atribui-lhe o sentido de *abastança, enchimento*. Comparando a lei de D. Fernando com outra similar de D. Afonso V (1474), pode conjecturar-se que *fulame* significará aqui o mesmo que *pano para velas* ou *velame*.

(2) = *de cobrar*.

de quaisquer outras cousas, tanto de portagem, como de siza, como de outras imposições, assim das mercadorias que seus donos nas naus carregassem, como dos outros mercadores.

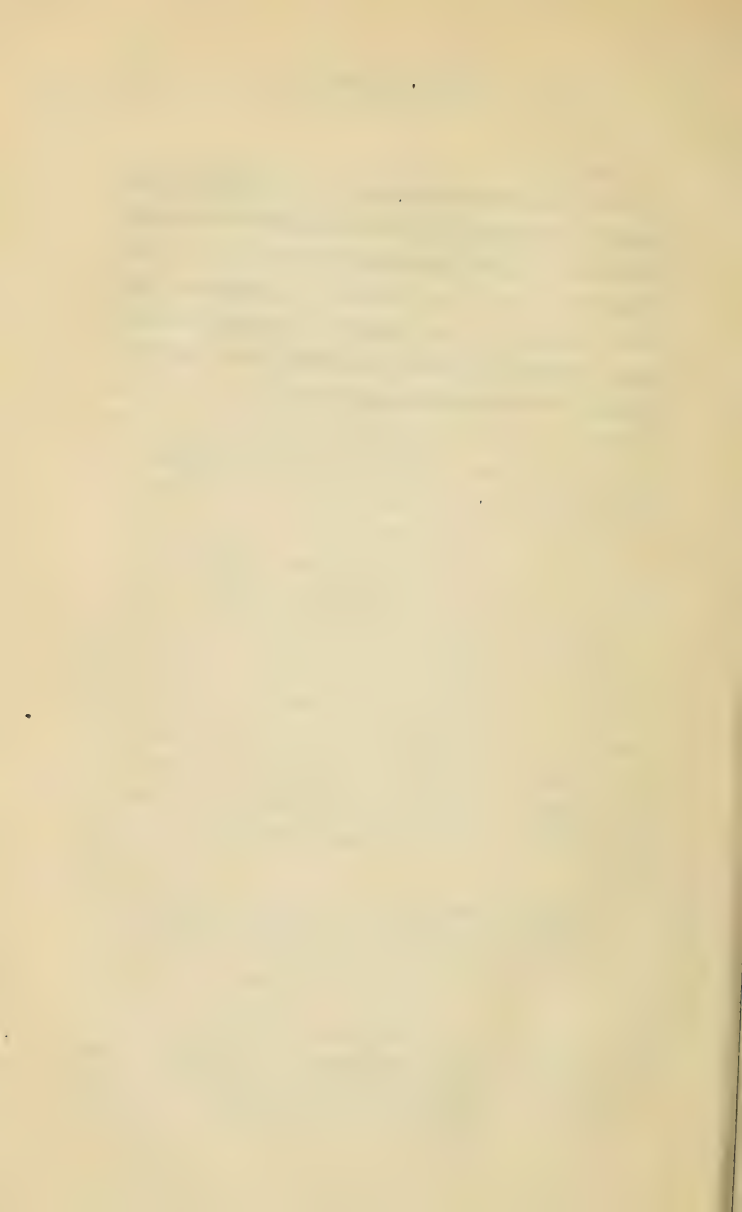
Dava mais aos donos das naus metade da dízima de todos os panos, e de quaisquer outras mercadorias, que da primeira viagem trouxessem de Flandres ou doutros lugares, assim das cousas que êles carregassem, como das que outros carregassem nelas.

Além disto, mandava que não tivessem cavalos, nem servissem por mar nem por terra, com concelho nem sem êle, salvo com seu corpo (1); e que não pagassem em fintas, nem talhas, nem sizas que fôssem lançadas, para êle nem para o concelho, nem em outra nenhuma cousa, salvo nas obras dos muros onde fôssem moradores, e das herdades que aí tivessem; e doutras nenhumas não.

E, acontecendo que os navios assim feitos ou comprados perecessem da primeira

(1) Nem com os contingentes militares a que eram obrigados os concelhos, nem de qualquer outro modo, *salvo com seu corpo*, isto é: só na hipótese de ir o Rei em pessoa com a hoste.

viagem, mandava que estes privilégios durassem aos que os perdessem três anos seguintes, fazendo ou comprando outros; e assim por quantas vezes os fizessem ou comprassem; e se dois em companhia faziam ou compravam alguma nau, ambos haviam estas mesmas graças.

(Caps. LXXXIX e XC).

XI

OS MAL-CASADOS

O não honesto e forçoso poderio faz às vezes, para cumprir vontade, casamento de algumas pessoas, em que muito condena sua consciência, fazendo-lhes outorgar a tais (1) cousa contrária a seu desejo, quando um no outro, recebendo-o (2) por tal modo, livremente nunca consente. Assim que, quanto a Deus, nunca são casados, pôsto-que ambos longamente vivam.

E desta guisa aveio ao conde D. Afonso, filho de el-rei D. Henrique, com D. Isabel, filha de el-rei D. Fernando, a qual recebeu em Santarém. Porque no comêço e logo

---

(1) = *aceitar a tais pessoas.*

(2) = *casando-se com êle.* Melhor seria: *recebendo-se.*

depois, não lhe prazendo (1) de tais esposórios, sempre mostrou por gesto e palavras que sua vontade não era contente; pois êle, pelo caminho, e depois em Castela, nunca lhe falou, nem chamou espôsa, nem lhe deu sòmente uma jóia. E assim andou ela em casa de El-rei, até que cumpriu os anos para poder casar (2).

Então, disse El-rei ao conde que a recebesse pùblicamente e fizesse suas bodas, segundo lhe cumpria; e êle o contradisse e o não quis fazer. E por êste azo se recresceram tão ásperas palavras entre El-rei e o conde seu filho, que êle, receando-se de prisão ou desonra, fugiu do Reino e andou em França e em Avinhão, querelando-se (3) ao rei de França e ao papa Gregório, como El-rei seu pai o constrangia que casasse com aquela filha de el-rei de Portugal, com quem vontade nunca houvera.

El-rei, vendo o talante (4) que seu filho

---

(1) Êste *lhe* refere-se a êle.

(2) Para poder consumar-se o casamento, pois D. Isabel era ainda criança, quando se desposou em Santarém.

(3) = *queixando-se.*

(4) = *vontade, teimosia.*

em tal feito mostrava, mandou-lhe tomar as rendas e terras que havia, e deu algumas delas ao duque seu irmão; e isso-mesmo mandou tomar os bens a alguns dos que se foram com êle fora do Reino.

A condessa, vendo tudo isto, estando El-rei em Valhadolide, no mês de fevereiro, um dia à tarde, em um lugar que chamam o *Paraíso,* presente a rainha D. Joana e outros muitos que dizer não curamos, reclamou os esponsórios e casamento que havia feito com o conde, dizendo que, se lhe a êle não prazia de casar com ela, tão pouco prazia a ela de casar com êle. E tomou disto assim instrumentos (1).

El-rei havia disto grande queixume; e mandou dizer ao conde que viesse todavia para receber sua espôsa; senão, que o deserdaria de todo e deixaria em seu testamento maldição ao infante seu filho (2), se nunca (3) lhe perdoasse, nem lhe desse

(1) = *autos, testemunhos.*

(2) Ordenaria ao infante seu filho e sucessor, por testamento e sob pena de maldição, que nunca perdoasse ao irmão, nem lhe desse os bens que êle, rei, lhe havia tomado.

(3) = *jàmais, algum dia.*

cousa alguma das que lhe êle havia tomadas.

Então veio o conde a Burgos no mês de novembro, onde El-rei seu pai era, mais com receio e temor dêle, que com vontade de casar com ela.

E foi assim que o dia que os houveram de receber no castelo daquela cidade, estando El-rei e a Rainha presentes, e o infante seu filho, e outros muitos senhores e fidalgos — o arcebispo de Sant'Iago, que os de receber havia, preguntou ao conde se queria receber por sua mulher D. Isabel, que presente estava; e o conde não respondeu nada, até que lhe El-rei sanhudamente mandou que dissesse *sim*. E êle então, com receio do pai, disse que sim; porém o disse de tal guisa, que muitos dos que aí estavam entenderam bem nêle que de tal casamento era pouco contente; porém foram suas bodas feitas mui honradamente, e isso-mesmo a D. Pedro, filho do marquês de Vilhena, com D. Joana, filha outro-sim de El-rei D. Henrique.

Ora sabei, sem dúvida nenhuma, pôsto que vos pareça cousa estranha, que, como foi serão, o conde se foi para a condessa,

por receio que houve de El-rei, se o doutra guisa fizera; e usou êle de todo o contrário que a condessa razoadamente devia de esperar àquele tempo, privando êle então assim seus sentidos, que nenhum deixou usar de seu ofício qual cumpria; antes lhe foram todos tão escassos, que êle nunca a abraçou, nem beijou, nem se chegou a ela pouco nem muito, nem a tocou com o pé, nem com a mão, nem lhe falou tão só uma fala naquela noite, nem pela manhã, nem ela a êle isso-mesmo; nem nunca lhe chamou condessa, em jôgo nem em siso, nem comeu com ela a uma mesa; mas vinha-se cada dia ao serão dormir com ela, tendo tal jeito em tôdas as noites como tivera na noite primeira.

E esta vida continuou com ela (de que El-rei não sabia parte) em-quanto esteve em Burgos e em Palença, que seriam até dous meses. E, depois que El-rei partiu daquele lugar, o conde não curou mais dela, mas foi-se a outras partes, onde a ver não pudesse.

E assim andou, até que El-rei seu pai morreu, e foi dela quite por sentença, como adiante diremos.

(*Cap. XCV*).

XII

TRAGÉDIA DE MARIA TELES

Cessando dos feitos de el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique, e isso-mesmo com el-rei de Aragão, pois cousa nenhuma mais achar não podemos que de historiar necessária seja, convém que digamos doutras cousas pertencentes a nosso falamento, segundo aquilo que prometido temos no reinado de el-rei D. Pedro, onde dissemos que falaríamos dos infantes D. João e D. Denis, quando conviesse razoar de seus feitos.

Mas, para abreviar, deixando de todo o infante D. Denis, que já é em Castela, digamos qual foi o azo por que se o infante D. João depois partiu de Portugal e se foi para lá; e antes que disto façamos menção, não se agravem vossas orelhas de ouvir, em breve recontamento, algum pouco de seus jeitos e manhas, sequer por honra de sua pessoa.

Êste infante D. João era muito igual (1) homem em corpo e em gesto, bem composto em parecer e feições, e cumprido de muito boas manhas; muito mesurado e pàção (2), agasalhador de muitos fidalgos do Reino e estranjeiros, e muito grado e prestador a qualquer que nêle catasse côbro (3), dando-lhes cavalos, e mulas, e armas, e vestidos, e dinheiro, e aves, e alãos, e quaisquer outras cousas que em seu poder fôsse de dar.

Foi muito amigo de seu irmão D. João, mestre de Avis; de guisa que, como El-rei D. Pedro ordenara que sempre acompanhassem ambos, quando eram na Côrte, assim nunca eram partidos (4) de monte e de caça, e comer e dormir, e das outras conversações usadas daqueles que se bem amam.

Èle foi o homem de tôda a Espanha que melhor e mais apôsto desenvolvia um cavalo; de guisa que suas manhas más, nem braveza, lhe prestar podiam que o não aman-

(1) = *perfeito.*
(2) = *amável e palaciano.*
(3) = *pedisse mercê*
(4) = *separados.*

sasse (1); grande justador e torneador, e lançava muito a tavolado.

Era muito usado de saltar e correr, e remessar a cavalo e a pé; sofredor de grandes trabalhos a monte e a caça, e semelhantes desenfadamentos. Por dias e noites nunca perdia afan (2), levantando-se duas e três horas ante-manhã, aprazando (3) de noite por invernos e calmas, dês-aí cavalgar, e correr fragas e montes espessos, e saltar regatos e córregos de grandes cajões (4), caindo nêles, e os cavalos sôbre êle.

Em tanto era querençoso de montes (5), que nunca receava porco nem urso com que se encontrasse, a pé nem a cavalo; e de muitos perigos em semelhantes feitos o quis Deus guardar, que contados por miúdo seriam assaz saborosos de ouvir; mas, receando de vos fazer fastio, não ousaremos de contar mais de um ou dous de tais acontecimentos.

---

(1) = *de modo que as manhas e braveza do cavalo não impediam que o Infante o amansasse.*

(2) = *resistência, energia, fôrça.*

(3) = *caçando.*

(4) = *perigos.* Cajom, *no singular.*

(5) = *amador de caçadas.*

*
* *

Aconteceu um dia que o Infante se encontrou com um mui grande urso, e juntou-se tanto a êle, para o ferir a mão-tenente, que o urso firmou bem seus pés e levantou os braços, para o arrebatar da sela. O Infante, quando isto viu, empicotou-se tanto sôbre a sela, que foi de todo sôbre o arção dianteiro; e o urso, estendendo as pontas das mãos, para o filhar, alcançou o arção derradeiro da sela tavarenha (1), segundo então usavam, e arrancou o arção, com uma grande aljava, da anca do cavalo. E o Infante, por tudo isto, não o deixou; e assim, sem arção e com o cavalo ferido, voltou sôbre êle, para o remessar, e nunca se dêle quitou, até que sobrevieram outros e lho ajudaram a filhar nas ascumas (2).

---

(1) Não encontrámos explicação desta palavra em Morais, nem em Viterbo.« Considerado filològicamente, (comunica-nos a sr.ª D. Carolina M. de Vasconcelos) *tavarenha* podia estar por *taverenha*, e êste por *taveirenha = proveniente de Taveira, ou Taveiro, ou também de algumas das Talaveras de Espanha.*» ¿Não poderia ser também êrro de cópia, por *navarrenha (=navarra* ou *navarresa)*?

(2) = *lanças curtas.*

Outra vez lhe aconteceu que aprazou um porco mui grande, o qual achou com gram trabalho, fazendo-o andar longa terra entre dia e noite, de que ficou mui cansado; e depois que o houve cercado, mandou a um seu pagem, que lhe levava a ascuma, que fôsse depressa chamar os de cavalo e os monteiros, a tôda a vozaria, e que lhe trouxessem dois alãos, os quais amava tanto, que os lançava de noite consigo na cama e êle no meio dêles. Um havia nome *Bravor*, que lhe dera seu irmão, mestre de Avis; outro chamavam *Bravez*, que lhe enviara Fernão Peres de Andrade, tio de Rui Freire de Andrade, de Galiza.

Quando a companha foi tôda junta, fêz-se muito tarde, porque vinham de longe; e, depois que o Infante partiu as armadas (1) ficou êle em uma delas e mandou pôr os cães a achar; e, postos, não acharam nada, porque o porco se levantara em-tanto e não estava naquele lugar. E durou isto tão grande espaço, que o Infante, enfadado de quebranto, não se pôde sofrer que não dormisse.

(1) = *dividiu em secções ou piquetes a companha de monteiros.*

O pagem seu, que tinha os alãos, semelhàvelmente, forçando-o o sono, teve-lhe companha e adormeceu; e antes que adormecesse, porquanto não sentia vozes de monteiros, nem ladridos de cães no monte, cuidou de dormir de seu vagar, e atou as trelas dos alãos, uma na perna e outra de redor de si, pela cintura. Neste comenos, sobreveio o gram porco, seguro e desacompanhado de sabujos e de alãos, exudrado (1) pela gram calma que fazia; e veio nascer (2) pela bicada dum monte, junto com a armada onde jaziam o Infante e seu pagem dormindo.

Ora deveis de saber que aquele bom alão de *Bravor*, cumprido de ardimento e de bondades, segundo sua natureza, era assim acostumado que, sem trela, aguardava com o rosto na estribeira quanto o cavalo pudesse andar; e porco nem urso, nem outra alimária com que se encontrasse, não havia de travar nela, a menos de lho mandarem fazer.

E quando o porco assim nasceu, o outro

(1) = *excitado.*
(2) = *aparecer*

alão *Bravez* deu uma arrancada, e o *Bravor* teve-se quêdo; e quando *Bravez* viu que se o porco saía e que o não desatrelavam, fêz um grande arrancada por um mesto (1) mato, levando após si o pagem e o outro alão.

Ao som disto, acordou o Infante; e, quando viu o moço e os alãos ir desta guisa, e o porco que se punha em salvo, houve tão gram sanha, que maior ser não podia; e foi-se rijo com um cutelo de caça fora da bainha, e cortou as trelas que iam atadas ao pagem.

Os alãos, com as trelas cortadas, foram filhar o porco em um espêsso arvoredo; e, chegando o Infante a êle, o porco se queria espedir (2) dos alãos, que eram empeçados em umas curtas carvalheiras; e em saindo-se o porco, não querendo aguardar de justa (3), o Infante o remessou.

E então foi feita a mais formosa ascumada de seu braço, que até ali fôra vista nem ouvida entre monteiros; porque as cutelas de ascuma entraram pelos polpões da coxa, e cortaram os ossos e as juntas, e saíram

---

(1) = ¿basto; espêsso?
(2) = *escapar.*
(3) = *aguardá-lo de lança em riste.*

as cutelas com tôda a haste pelo conto da ascuma, da outra parte da caluga da espalda.

E muitas outras boas andanças, e delas contrárias, lhe aconteceram em seus montes (1), que seriam longas de contar, de que não curamos fazer menção.

*

* *

Vivendo o Infante desta guisa, ledo e a seu prazer, veio a pôr sua vontade em uma dona que chamavam D. Maria, irmã da rainha D. Leonor.

Esta D. Maria fôra mulher de Álvaro Dias de Souza, gram fidalgo de linhagem dos reis e bom cavaleiro e muito honrado; e, segundo alguns afirmam em suas histórias, el-rei D. Pedro de Portugal havia afazimento (2) com uma dona, com a qual Álvaro Dias foi culpado ; e, receando-se que a gram sanha que el-rei D. Pedro por esta razão havia quisesse dar alguma desonrada e perigosa execução, foi-se fora do Reino. E andando

---

(1) = *caçadas, montarias.*

(2) = *trato, relações.*

assim, por tempo morreu (1) de sua natural morte.

E ficou D. Maria viúva, assaz em boa idade de mancebia (2), formosa e aposta, e muito graciosa, achegada de (3) muitos fidalgos seus parentes e de quaisquer outros que bons fôssem, honrando-os muito, segundo cada um merecia, dando-lhes portanto grande gasalhado.

Era de gram casa de donas e donzelas, e camareiras, e outra gente miúda, afora escudeiros e muitos oficiais, e grada e prestador a todos. Havia coração e abastança para o fazer (4), porque o mestrado de Cristo lhe fôra dado para D. Lopo Dias, seu filho, e as rendas eram postas em seu poder, afora muitos herdamentos móveis e de raiz, e muito bem-fazer da Rainha, sua irmã.

O Infante, que a via a miúde, femençando (5) sua formosura e estado, e assim gra-

---

(1) Por tempo morreu = *veio a morrer mais tarde.*

(2) = *mocidade.*

(3) = *relacionada com.*

(4) = *para ser grada e prestador* (generosa e prestadia).

(5) = *atentando em.*

ciosa, o que a juízo de todos enhadia (1) muito nela, começou de a amar de vontade; e, revolvendo-se a miúde neste pensamento, secretàriamente lhe enviou descobrir seu amor.

Mas, a cumprir seu desejo, como êle queria, lhe eram muitas coisas contrárias; porque a dona era mui sisuda e corda, e discreta e bem guardada; e enviou-se-lhe defender com boas e mesuradas razões.

D. Maria, sendo bem sisuda, pela comum regra por que os homens em semelhantes feitos caem, entendeu que escorregaria o infante D. João; e que encaminhar por aquela estrada por que el-rei D. Fernando encaminhara com sua irmã, era muito azado e pequena maravilha.

E guisou como uma noite a fôsse ver o Infante escondidamente, não levando consigo mais dum escudeiro; e, além dela ser assaz de formosa e para cobiçar, ela corregeu si e sua câmara assim nobremente para tal tempo, que a nenhum homem seria ligeiro (2) apostar, com seu siso, que se partisse dali cedo.

---

(1) = *acrescentava*.
(2) = *fácil*

E, às horas que o Infante veio, foi recebido por uma mulher de sua casa (1), e levado escusamente onde D. Maria estava; e êle, quando entrou, viu ela e seus corregimentos assim dispostos para o receber por hóspede, que parecia que cada um corregimento o rogava que ficasse ali aquela noite. A qual cousa enhadiu àquela hora dobrado azo em sua bem-querença e amor; e depois das primeiras razões, como êle chegou (2), falou ela então e disse:

—Senhor: eu me maravilho muito de vós mandardes-me cometer (3) vossa bem-querença e amor, do jeito que mandastes; o qual devera ser para casar comigo e doutra guisa não, que bem vêdes vós que eu sou irmã da Rainha, de pai e de mãe, assim dos Telos como dos Meneses, que veem da linhagem dos reis; dês-aí sabeis que fui casada com Álvaro Dias de Souza, que foi mui honrado cavaleiro e da linhagem dos reis, de de quem tenho um filho que é mestre de Cristo, como vêdes, que é um dos honrados senhores de Portugal.

---

(1) = *da casa de D. Maria.*
(2) = *das frases que êle lhe dirigiu ao chegar.*
(3) = *declarar.*

«Pois, senhor, ¿ razão (1) vos parecia a vós, uma dona tal como eu, quererde-la vós desonrar desta guisa, como se fôsse uma mulher refece?! Em verdade, senhor, parece-me que sòmente pelo divido que eu hei com a Infante vossa sobrinha o não devêreis vós de cometer; e sabei que eu sou de vós muito queixosa por isto, e portanto vos fiz aqui vir para vo-lo dizer à minha vontade; porque me parece, se vo-lo por outrem mandara dizer, que não fôra minha vontade desabafada. Pois assaz de empacho houvéreis vós de haver, mandardes-me demandar como se eu fôsse uma dona de mui má fama!

E, razoando nisto, mostrava queixume, e que queria chorar (o que às mulheres é ligeiro de fazer) dizendo que se fôsse muito em boa hora por onde viera, que, pôsto lhe parecesse que estava só, a companhia estava mais perto do que êle cuidava.

O Infante, cercado de querer e vontade daquele desejo que todo siso e estado põe de parte, outorgava quanto ela dizia, escusando-se, porém, que demandada por êle

---

(1) = *razoável.*

não era a ela nenhuma desonra; e, querendo com ela entrar em razões outras, mais chegadas a seu propósito, ela disse que mais palavras lhe não escutaria, mas que lhe pedia por mercê que se fôsse a boa ventura

A mulher que o pusera dentro, acabadas estas razões, disse então ao Infante:

— Senhor: bem vos diz minha senhora. Recebei-a vós, pois aqui estais, porque vos não é prasmo (1) nenhum; pois bem vêdes vós que El-rei vosso irmão tomou sua irmã por mulher, e a fêz rainha, e tem dela filhos que entendem de herdar o Reino. Pois, ¿quem vos há-de ter a mal casardes vós com ela, que está bem manceba e mulher de prol, e vem de tal linhagem, como todos sabem? Demais, que a Rainha sua irmã vos fará tanto acrescentar em terras e estado, por que possais viver mui honradamente; e vosso pai, el-rei D. Pedro, desta guisa tomou D. Inês, vossa mãe, e a recebeu a furto, e depois de sua morte jurou que era sua mulher, para vós ficardes lídimo, e vosso irmão. Pois não vejo razão para que o deixeis de fazer, salvo por não haver vontade...

(1) = *desonra.*

O Infante, preso por imaginação e pôsto mui firme sob juízo do amor, por conjectura das cousas que via tinha em gram preço e desejava muito as que não apareciam; em-tanto que o fogo da bem-querença, aceso em dobrada quantidade, lhe fazia semelhar aquele pouco espaço que falavam uma mui prolongada noite.

Então, querendo acabar o azo o que a vontade começara, concordaram seus aprazíveis desejos, outorgando êle que a receberia e haveria por sua mulher.

E foi assim, de feito, que a recebeu logo, presente Álvaro de Antas e outros de que muito fiavam. Os quais se logo foram, e êle ficou aí.

E, satisfazendo um ao desejo do outro, êle se partiu ledo, sem ela ficar triste, muito cedo, ante-manhã, o mais afastado de fama que se fazer pode (1).

*

* *

Andou esta cousa muito encoberta; e porque a puridade passava de dous, foi for-

---

(1) = *o mais secretamente possível.*

çado que nascesse voz e fama que D. Maria era sua mulher recebida. A qual (1) se alargou tanto, de uma pessoa em outra, que o houveram de saber El-rei e a Rainha; e desprouve muito disto a ambos, especialmente à Rainha; dizendo que antes a quisera ver casada com um simples cavaleiro, que com êle. E El-rei disse que, pois se êles contentavam ambos, não pesasse a ela, que a êle pouco lhe pesava.

E o azo por que à Rainha desprazia disto muito, era por quanto via sua irmã bem-quista de todos, e o infante D. João amado dos povos e dos fidalgos, tanto como El-rei; e pensava de se poder azar por tal guisa que reinaria o infante D. João, e sua irmã seria rainha, e ficaria ela fora do senhorio e reinado, mòrmente não sendo El-rei bem são, e mais jeitoso para durar pouco, que viver prolongadamente.

Assim que, por estas e outras razões, vendo seu (2) estado azado para montar altamente, não pôde carecer de peçonha da enveja, e começou de mostrar à irmã pior

(1) = *a qual fama.*
(2) Seu, da irmã, D. Maria.

talante do que soía. Nem o Infante não havia tal gasalhado de El-rei como antes tinha em costume de lhe fazer; e não sòmente a êles, mas ao mestre de Avis, seu irmão, não mostravam El-rei e a Rainha bom semblante, pelo grande amor e afeição que lhe viam ter com o infante D. João.

E, durando assim por tempos, a Rainha não perdia cuidado da fazenda (1) do Infante e de sua irmã, pensando todavia que por tal casamento se lhe poderia seguir desfazimento de sua honra e estado; e, para desviar isto de todo ponto, azou de fazer entender ao Infante que lhe prazeria de o ver casado com a infante D. Beatriz, sua filha; e falou todo seu cuidado com D. João Afonso Telo, seu irmão, que lhe era muito obediente, por muitas mercês que dela recebia, que encaminhasse (2) como o Infante houvesse disto algum conhecimento.

O conde, induzido assim pela Rainha, começou de haver mor conversação com o Infante do que soía, e mostrar ser muito mais seu amigo do que antes era. E um dia,

(1) = *do caso.*

(2) = *dizendo-lhe* ou *insinuando-lhe que encaminhasse*, etc.

falando ambos em cousas de segrêdo, contou-lhe o conde como era certo da Rainha que, desejando seu acrescentamento e honra, cobiçava muito de o ver casado com a infante D. Beatriz, sua filha, dizendo que, pois a Deus prazia de não haver filho que herdasse o Reino depois da morte de El-rei seu senhor, antes queria a infante sua filha ver casada com êle, que com o duque de Benavente, que era castelhano; pois mais razão era herdarem o Reino que fôra de seu pai e de seus avós os filhos seus e de sua filha a Infante, que não os de linhagem de el-rei D. Henrique, de quem Portugal tanto mal e dano havia recebido. Mas que lhe pesava muito da tôrva (1) que nisto via, porquanto se rugia por algumas pessoas que D. Maria, sua irmã, era casada com êle; e que, portanto, se não poderia cumprir isto que ela muito desejava...

Ouvidas as doces palavras do conde, que largamente nisto falou, dispostas a gerar danoso fruto, logo o Infante ligeiramente creu isto, que lhe foi mui prazível, repre-

---

(1) = *estôrvo, impedimento.*

sentando a seu entendimento tôdas as honras e grandes vantagens que se lhe de tal feito podiam seguir.

Dês-aí, como vêdes que desejo de reinar é cousa que não receia de cometer obras contra razão e direito, não podia o Infante pensar noutra cousa, salvo como havia de casar com a Infante e ser quite de D. Maria por morte.

E andando neste cuidado, antes que o a outrem dissesse, falaram mais a Rainha e o conde com Diogo Afonso de Figueiredo, vèdor do Infante, e com Garcia Afonso, comendador de Elvas, que era então de seu conselho; e de entre todos, não se sabe quem, se da parte do Infante, se da parte dos outros, foi levantada uma mui falsa mentira, que seu coração dela nunca pensara (1), dizendo que bem a poderia matar sem prasmo (2), porque era fama que dormia com outrem, sendo sua mulher recebida. E por azo de tais conselhos, jàmais o Infante não perdeu cuidado de casar com sua sobrinha, e descasar-se de D. Maria por morte.

---

(1) Isto é: não pensara D. Maria cometer a infidelidade que lhe assacavam.

(2) = *sem merecer censura ou condenação.*

E se cumpriu aqui o exemplo que dizem: que *quem seu cão quer matar, de raiva lhe põe nome;* porque, tanto que êles tal testemunho entre si levantaram, logo o Infante determinou em sua vontade de cedo a privar da presente vida.

*

* *

Partiu o Infante, com êste propósito firmado de todo em seu coração, e foi-se caminho de Alcanhões, onde El-rei e a Rainha eram então com tôda sua casa; e vieram-no receber o conde de Barcelos, e outros senhores e fidalgos que andavam na Côrte, e foi aquele dia convidado do conde ao jantar.

Em outro dia, o convidou D. Isabel, sua prima co-irmã, filha do conde D. Álvaro Peres de Castro; e teve-o bem viçoso (1) ao jantar e pela sesta, em umas casas cêrca dos paços, onde ela pousava, como moradora que era da Rainha...

Àquela sesta, veio o conde de Barcelos, mui brioso, ledo, e namorado, segundo fama, desta D. Isabel de Castro; e foram ali juntos

(1) = *amimado, obsequiado.*

muitos da Côrte e alguns estranjeiros, tanto para mirar a formosura dela, como para acompanhar o Infante.

Naquele dia, à tarde, depois que dançaram e houveram vinho e fruta, mandou o conde por uma cota muito louçã e um bulhão (1) bem guarnido, a guisa de basalarte (2), e por uma faca mui formosa, que lhe trouxeram de Inglaterra. E deu tudo ao Infante.

Dês-aí, partiram para o paço com o Infante muitos cavaleiros e escudeiros, e com D. Isabel muitas donas e donzelas; e assim chegaram ao paço onde El-rei e a Rainha estavam, de quem foram mui bem recebidos.

Aquela hora foram apartados com a Rainha o Infante e o conde, todos três falando de parte por mui longo espaço; dês-aí, despediram-se dela, e isso-mesmo de El-rei e dos da Côrte.

---

(1) =*punhal, cutelo.*

(2) Du Cange (*Glossário Medieval*) regista *balasarda* como uma espécie de cutelo. E a *faca* será de-certo outra espécie de cutelo, e não um cavalo elegante, dos que também chamavam *facaneas* (*haquenées*, em francês).

E dormiu o Infante aquela noite com o conde, para partir no seguinte dia...

Como foi manhã, partiu o Infante caminho de Tomar, e foi dormir a um lugar que chamam o Espinhal; e, como foi meia-noite, cavalgou com os seus para Foz de Arouce, dês-aí a Almalaguês, comarca de Coimbra, e chegou aos olivais da cidade, e desceu ao Mondego, aquém do mosteiro de Sant'Ana, que é junto com a gram ponte.

E naquele lugar chamou o Infante todos aqueles que achou consigo, e fê-los estar quedos, e apartou-se dêles, a falar com Diogo Afonso e Garcia Afonso do Sobrado. E acabado de falar com estes, fêz chegar os outros a si e começou de lhes dizer:

—Vós todos, assim como estais juntos, sois meus vassalos e criados, e isso-mesmo de meu pai. E hei de vós gram fiança, porque descendeis de boa criação e linhagens; e não devo de fazer cousa que vos não faça primeiro saber. E ainda que até ora vos encobrisse algumas cousas de minha fazenda, não me deveis pôr culpa, porque conveio de se fazer assim. E ora vos faço saber que a mim é dito que D. Maria, irmã da Rainha, não cessa de publicar e dizer que é

minha mulher, e eu seu marido, e que tem escrituras e fidalgos por testemunhas disso. E esta cousa ou é assim ou não; e, pôsto-que assim fôsse, cumpria ser guardado em gram segrêdo, por sua honra e minha. E ora que, por parte sua, se levantou e descobriu cousa de que se a mim recrescia gram perigo e cajão, e a ela outro-sim, ¡eu vou aonde ela está, a falar e fazer com ela o que cumpre a minha honra e estado!...

A isto, cada um e todos responderam que eram prestes e aparelhados, não só para aquilo, que era nada, mas para mais alta cousa que lhe avir pudesse. E êle lho agradeceu muito.

Então, começaram de andar; e, passada a ponte, chegando à Couraça, chamou o Infante um dos seus e disse:

—Vós sabeis esta cidade e as entradas e saídas dela, melhor que outro que aqui vá, porque estivestes já aqui no Estudo. D. Maria pousa nas casas de Álvaro Fernandes de Carvalho. Encaminhai por tal lugar, por onde possamos ir a elas, o mais depressa e fora de praça (1) que ser puder.

---

(1) — *discreta, recatadamente.*

E êle respondeu que assim o faria. E então os levou à igreja de S. Bartolomeu, donde nasce uma estreita rua que direitamente vai saír às portas daquelas casas.

E, êles ali (1), esteve a guia quêda (2), e disse contra o Infante:

—Estas são as casas que vós demandais.

Nisto, a alva começava de esclarecer e trigava-se (3) a manhã para vir.

Ora assim aveio, como suas (4) tristes fadas mandaram, que, o Infante (5), com os seus à porta, e uma mulher que havia de lavar roupa destrancou as portas e abriu-as de todo. E, assim como foram abertas, logo os do Infante subiram acima, a uma sala onde jaziam algumas mulheres dormindo.

O Infante preguntou por D. Maria, a qual jazia em sua câmara cerrada, segundo lhe mostraram as que dormiam de fora; e em outra câmara detrás daquela jazia uma ama e camareiras, com um seu filho.

---

(1) = *chegados èles ali.*

(2) Esteve a guia quêda = *parou o guia.*

(3) Trigar-se = *apressar-se.*

(4) Suas, de D. Maria Teles.

(5) Subentenda-se *chegou.*

O Infante preguntou então se havia àquelas tôrres alguma outra entrada, e foi-lhe respondido que não. E as portas eram muito fortes e bem trancadas; e o Infante mandou logo que quem mais pudesse quebrar mais quebrasse; e cada um se trabalhou, com paus e pedras, de guisa que depressa foram quebradas.

Ela, acordando sùbitamente, quando se viu entrar por aquela maneira, alçou-se do leito tão espantada e temerosa, que ádur (1) se podia ter em si. E quando se levantou, nenhum vestido nem manto teve acôrdo (2) nem tempo para deitar sôbre si, nem quem lho desse; porque as que eram dentro com ela, de sob o leito, se não podiam compor, de mêdo e terror. E, sendo a ela cuidado de cobrir as vergonhosas partes, não teve outro acorrimento (3) senão uma branca colcha, em que envolveu todo seu corpo.

E acostou-se assim a uma parede, cêrca do leito.

E logo, assim como entrou o Infante, ela

(1) = *mal.*
(2) = *ideia, lembrança.*
(3) = *socorro, recurso.*

o conheceu no rosto e fala; e quando o viu, cobrou já quanto (1) de esfôrço e ousança, e disse:

— Ó senhor, ¿que vinda é esta tão desacostumada?!

— Boa dona, disse êle, agora o sabereis: Vós andastes dizendo que eu era vosso marido e vós minha mulher, e exemprastes (2) o Reino todo, até que o soube El-rei, e a Rainha, e tôda sua côrte, que era azo de me mandarem matar ou pôr em prisão por sempre; e vós devêreis de encobrir tal razão contra todos os do mundo. E, se vós minha mulher sois, por tanto mereceis vós melhor a morte, por me pordes as...

E dizendo isto, lançou mão nela.

D. Maria, vendo tais razões, respondeu ao Infante e disse:

— ¡Ó senhor! Eu entendo bem que vós vindes mal aconselhado, e perdoe Deus a quem vos tal conselho deu. E se prouver à vossa mercê de vos apartardes comigo um pouco nesta câmara, ou se façam (3)

---

(1) = *o bastante, algum tanto.*
(2) = *enchestes disso o Reino todo,*
(3) = *retirem.*

estes afora, eu vos entendo de mostrar mais proveitoso conselho do que vos deram contra mim. ¡E, por mercê, vós ouvi-me, e tempo tendes para fazer o que vos prouver!

E êle não quis ouvir suas razões, nem lhe dar espaço para se escusar do êrro que não fizera; mas disse:

— Não vim eu aqui para estar convosco em palavras.

Então deu uma gram tirada pela ponta da colcha, e derribou-a em terra. E parte do seu mui alvo corpo foi descoberto, em vista (1) dos que eram presentes, em-tanto que os mais dêles, em que mesura e boa vergonha havia, se alongaram de tal vista, que lhes era dorosa de ver. E não se podiam ter, de lágrimas e soluços, como se fôsse mãe de cada um dêles.

E, naquele derribar que o Infante fêz, lhe deu com o bulhão que lhe dera seu irmão dela, por entre o ombro e os peitos, cêrca do coração; e ela deu umas altas vozes mui doridas, dizendo:

—¡Mãe de Deus, acorrei-me e havei mercê desta minha alma!

---

(1) — *de modo, a ponto.*

E, tirando o bulhão dela, lhe deu outra ferida pelas verilhas.

E ela levantou outra voz, e disse:

—¡ Jesus, filho da Virgem, acorrei-me !

E esta foi sua postumeira palavra, dando o espírito e bofando muito sangue dela.

¡ Ó piedade do mui alto Deus, se então fôra tua mercê de embotares aquele cruel cutelo, não danara o seu alvo corpo, inocente de tão torpe culpa !

(Dos Caps. XCVII a CIII).

XIII

REMORSO E LUDÍBRIO

Foi esta cousa sabida pelo Reino, e pesou a muitos desta morte, mòrmente quando souberam que fôra daquela guisa, sem sua culpa dela. E a Rainha, quando o ouviu, mostrou que lhe pesava muito, pondo por ela dó; porém, dizia a El-rei que não curasse daquilo, nem tomasse por êlo nojo, pois cousas eram que aconteciam pelo mundo...

E depois que esta cousa foi arrefecendo, andando o Infante na Beira e por Riba de Coa, cèrca dos extremos (1), fêz saber a El-rei e à Rainha que lhe não cumpria (2) viver em sua terra sem sua graça e contra

---

(1) = *fronteiras.*
(2) = *convinha.*

seu talante; e se sua mercê fôsse (1) de lhe perdoar, a êle e aos seus. Se não, que se trabalharia de ir buscar côbro a outro Reino, onde vivesse sem temor de nenhum.

Nisto, não quedavam embaixadores em idas e vindas: ora lhe traziam novas de ledice, ora contavam outras de tristezas, dizendo que o mestre de Cristo e o conde D. João Afonso, e D. Gonçalo, e o conde de Viana, todos primos, se juntavam para o ir buscar êle e os seus.

Assim, que de tôdas partes se temiam, salvo do conde D. Álvaro Peres, seu tio do Infante, que tratava com o conde velho como o Infante fôsse perdoado. E por êles e pelo prior do Hospital, D. Fr. Álvaro Gonçalves; e por Aires Gomes da Silva, a quem El-rei queria gram bem, dês-aí pela Raínha, cuja voz valia mais que todos, foi o Infante perdoado, e todos os que eram com êle.

E vendo êle a boa maneira que El-Rei e a Rainha tinham com êle, teve mentes (2) de lhe ser feito aquilo que o conde com êle falara, em razão do casamento de sua so-

(1) = *era.*
(2) = *ideias, pretensões.*

brinha (1), esperando cada dia de se pôr em obra (2).

E a Rainha havia disto mui pouca vontade, não embargando que a irmã fôsse já morta; porque a ela era grande empacho viver o Infante em Portugal, vendo El-rei cada dia mais adòrado (3); e temia-se que, falecendo por morte, fôsse o Infante logo levantado por rei, e (4) tomar tal mulher que seria rainha, e ela desfeita de sua honra e estado.

E, por esquivar de todo ponto êste azo, havia desejo de ter sua filha casada em Castela, da guisa que o era, ou melhor, se ser pudesse, para ficar ela regedor, se el-rei D. Fernando morresse, como nos tratos do duque de Benavente era conteúdo; e que assim livremente se assenhorearia do Reino, e que o Infante não buscaria côbro senão em Castela, onde lhe ela depois azaria prisão ou morte, para que ficasse segura.

---

(1) = *a respeito do seu casamento com a sobrinha D. Beatriz.*

(2) = *não perdendo esperança de que se fizesse o casamento.*

(3) = *adoentado* (de *dòr*).

(4) Subentenda-se *fôsse.*

*

* *

El-rei partiu daquele lugar onde estava e foi-se para terra de Alentejo; e, antes que daí partisse, e depois, o Infante falava em feito de seu casamento, com a Rainha e com aqueles com quem tinha razão de o falar.

E ela, como quem não havia vontade, dês-aí os outros, segundo sabiam seu desejo, faziam entender ao Infante que isto se não podia fazer tão depressa como êle queria, porquanto cumpria ser a Infante primeiro descasada do duque de Benavente, com quem o era com tão grandes firmezas, como êle bem sabia; e que depois disto era necessário haver dispensação, para seu casamento ser firme e feito como devia; e que isto se não podia fazer logo assim de presente, mas por ordenança e tempo, como convinha a tal feito.

E com estas e outras razões foram-lhe pondo o feito pela armada (1), untando-lhe

---

(1) = *foram-no enganando.* Nesta expressão proverbial a palavra *armada* parece estar como têrmo de montaria, com o sentido que tem actualmente o seu deminutivo *armadilha.*

os beiços com doces palavras de boa esperança; de guisa que êle entendeu em seus jeitos e falas que isto era cousa para nunca vir a fim, ou tarde; e, anojado com tais razões de detença, partiu-se da Côrte, dum lugar que chamam Vimieiro, e levou caminho do Pôrto, e foi-se para Entre-Douro-e-Minho, e ali andou por tempo, e dês-aí foi-se à Beira.

E andando por esta guisa, conheceu bem que era escarnido (1), e começou de entristecer e andar muito nojoso, em-tanto que, assim como êle na morte de D. Maria se partiu prazível, vingador da culpa não cometida, assim depois se apartava a chorar a miúde, fazendo pranto por sua morte, repreendendo-se muito do mal que fizera.

Assim (2), que êle vivia nojosa vida; e os seus isso-mesmo passaram mui mal, pois de El-rei lhes vinham poucos e maus desembargos de suas tenças e moradias. De guisa que empenharam as armas e os vestidos, e já não tinham que empenhar senão alãos e sabujos; e com esta pobreza se passou o

(1) = *escarnecido, ludibriado.*
(2) = *de modo que.*

Infante a Riba de Côa, e ali faziam sua gastada (1) vida.

Nisto, chegaram-lhe novas que o conde D. Gonçalo e o mestre de Cristo iam sôbre êle, para vingar a morte da irmã e da mãe; e El-rei e a Rainha logo cêrca, e o conde de Barcelos com êles.

E era assim, de feito, que êles iam contra aquela comarca com esta voz. E a tenção era mais para o desterrar, que para o matar; e, assim como se êles iam chegando, assim se arredava o Infante, com os seus, até que o puseram em um lugar que dizem Vilar Maior.

Naquele castelo assossegou o Infante, crendo que daí em diante o não seguissem mais. E os seus partiram-se para umas aldeias que são de parte de Castela, e êle ficou com Garcia Afonso e Diogo Afonso.

E à meia noite chegaram-lhe inculcas, e guias que as traziam, que lhe disseram que os condes e mestre seriam antes da alva com êle, a prendê-lo ou matá-lo, com gram poder que traziam.

O Infante, quando se assim viu aficado (2)

(1) = *arruìnada, falha de dinheiro.*
(2) = *perseguido.*

e só, demandou conselho àqueles com que se achou; e êles aconselharam-no a que se partisse.

E assim, desacompanhado se partiu de noite e foi amanhecer em San Félizes dos Galegos, senhorio de Castela, que são dali oito léguas, sem levar mais em sua companhia que Garcia Afonso e Diogo Afonso, e quatro moços que iam de besta.

E assim, sem mais gente, chegou a casa da infante D. Beatriz, sua irmã, mulher do conde D. Sancho, àquele lugar de San Félizes, onde foi bem recebido e feito grande acorrimento (1).

(Dos Caps. CIV e CV).

---

(1) = *e lhe foi feito bom acolhimento.*

XIV

O PRIMEIRO NEGOCIADOR DA ALIANÇA INGLÊSA

QUANDO el-rei D. Fernando firmou em sua vontade de mover guerra contra el-rei D. Henrique de Castela, logo concebeu em seu entendimento que a maneira como se isto melhor podia fazer, e com mais sua honra e vantagem, assim era haver gentes de Inglêses em sua ajuda.

Ora assim aveio que, nos tratos das pazes que El-rei D. Henrique fêz, sendo vivo, com el-rei D. Fernando, quando veio cercar Lisboa, foi pôsto um capítulo, que el-rei de Portugal lançasse fora do seu reino, dos senhores fidalgos que se para êle vieram depois da morte de El-rei D. Pedro, vinte e oito pessoas, quais êle quis nomear.

E dêstes nomeados, que El-rei lançou fora,

foi um dêles João Fernandes de Andeiro, natural da Corunha, que se viera para êle quando el-rei D. Fernando fôra a Galiza. E, indo-se assim do Reino, foi pela Corunha, e roubou-a, e meteu-se em naves, e foi-se para Inglaterra.

E andando lá, soube El-rei como êle era mui entrado em casa de El-rei e de seus filhos, o duque de Alancastro e o conde de Cambrig, e bem-quisto dêles todos. E então lhe escreveu suas cartas secretamente, que falasse com o duque e com seu irmão, em tal guisa que, havendo guerra com Castela, o viesse ajudar por seu corpo e gentes, com certas condições entre êles devisadas (1).

João Fernandes foi mui ledo de lhe ser requerido por El-rei que tomasse tal encargo, e falou com o Duque e Conde o melhor que sôbre isto pôde, de guisa que acertou tais avenças, de que El-rei e o Conde foram contentes; e, ordenada a maneira como havia de vir e com quais gentes, partiu-se João Fernandes, de Inglaterra, e chegou ao Pôrto, e desembarcou o mais encobertamente que pôde, para não ser visto e descoberto; pois,

(1) = *marcadas, estabelecidas.*

por razão dos tratos que com Castela tinha firmados, não ousava El-rei que sua vinda fôsse descoberta, nem que João Fernandes fôsse visto.

E teve-o escondido em uma câmara duma grande tôrre que há no castelo daquele lugar (1), onde El-rei costumava de ter com a Rainha a sesta, para quando lá fôsse de dia poder com êle, mais encobertamente, falar tudo o que lhe prouvesse.

E depois que se todos iam, vinha João Fernandes doutra casa que há na tôrre, e falava com êle, presente a Rainha, quaisquer cousas que lhes cumpriam; e algumas vezes se saía El-rei, depois que dormia, e ficava a Rainha só, e vinha-se João Fernandes para ela, depois que se El-rei partia, e falavam no que lhes mais era prazível, sabendo-o porém El-rei e não havendo nenhuma suspeita, como homem de são coração.

E por tais falas e estadas a miúde, houve João Fernandes com ela tal afeição, que alguns que isso parte sabiam cuidavam dêles não boa suspeita; e cada um se calava do

(1) Estremoz, no Alentejo.

que presumia, vendo que de tais pessoas, e em tal cousa, não cumpria a nenhum de falar.

E foi esta afeição de ambos tão grande, que todo o que se depois seguiu, que adiante ouvireis, daqui houve seu primeiro começo...

Do Cap. CXV).

XV

A ESTREIA GORADA DO MOÇO NUN'ÁLVARES

Quando Nuno Álvares viu que aquele ajuntamento se desfazia (1), e que cada uns capitães se tornavam a suas fronteiras, foi mui anojado; e como homem novo, de gram coração, que muito desejava servir El-rei que o criara (2), dês-aí ser conhecido e haver nome de bom, cuidou (3), sem falar com outro nenhum, a gram criação que El-rei nêle fizera e as muitas

---

(1) Refere-se ao cêrco de Elvas, que acabava de ser levantado, indo-se os Castelhanos para Castela.

(2) Nun'Álvares crescera na côrte de D. Fernando, tendo sido pagem da rainha D. Leonor Teles.

(3) = *pensou em.*

mercês que sua linhagem havia dêle recebidas, e deu à memória os desserviços que lhe o mestre D. Fernando Osorez fizera em seu reino (1).

E como êle não era poderoso de tantas gentes que o tornasse a êlo (2), como lhe seu coração mandava, pensou que um filho que o mestre muito amava, que chamavam João d'Osorez, o mandasse requestar para se matar com êle dez por dez (3); tendo (4) que, se a Deus prouvesse de o matar, faria gram nojo ao mestre, pois lho de outra guisa não podia fazer; e acontecendo de ser o contrário, que êle haveria por bem empregado aquele aviamento que lhe Deus dar quisesse, pois era por serviço de seu senhor, El-rei.

E logo, sem mais detença, pôs em obra seu pensamento e mandou requestar João d'Osorez, que estava em Badalhouce com seu

---

(1) Êste Fernando Osorez, mestre de Santiago de Castela, tinha pouco antes entrado por Portugal e levado grande roubo.

(2) *tornar a êlo* = desforrar-se; pagar na mesma moeda.

(3) = dez contra dez. *Matar-se* = bater-se.

(4) = *considerando*.

pai, declarando-lhe em sua carta, por palavras quais em tal caso cumpriam, que se queria matar com êle, dez por dez.

João d'Osorez era bom cavaleiro e de gram coração, e ledamente recebeu sua requesta (1), mostrando que de lhe ser feita lhe prazia muito, e escolhendo logo para isto aqueles que com êle haviam de ser.

Nuno Álvares, tanto que houve seu recado, que lhe prazia de entrarem em campo, foi disso tão ledo, que mais de outra cousa não podia ser; e trabalhou-se logo de haver nove companheiros (e com êle haviam de ser dez) e houve-os de sua criação e vontade (2), a saber: Martim Anes de Barbudo, que então era comendador de Pedroso, e depois em Castela mestre d'Alcântara; Gonçalo Anes de Abreu, que então era senhor de Castelo de Vide; Vasco Fernandes, Afonso Peres, Vasco Martins do Outeiro, e outros, — por todos, nove.

Nuno Álvares, como os teve prestes, querendo que esta obra não se prolongasse, mandou logo a Castela pedir salvo-conduto; e concertado todo o que mester havia, fa-

(1) = *desafio.*
(2) = *amizade.*

lou com o Prior seu irmão (1), dizendo nesta guisa:

—Irmão senhor: bem sabeis a obra que hei começada, e como, a Deus graças, daquilo que me faz mester nenhuma cousa falece; e por isso vos peço, por mercê, que me deis licença para me, com a ajuda de Deus, haver dela de desembargar (2).

E o prior, rindo com ledo semblante, lhe respondeu desta maneira:

—Irmão: bem vejo vossa vontade, que é boa; mas eu com razão vos posso dizer aquilo que se costuma dizer em exemplo (3), dizendo que *al cuida el baio e al cuida quem o sela;* e isto vos digo, portanto: Vós sêde certo que El-rei meu senhor soube parte (4) da obra em que andáveis; e, segundo parece pelo que me escreveu, a êle não praz que tremetais (5) disso; e mandou a mim que vos não desse lugar (6); e em

---

(1) D. Pedro Álvares, prior do Hospital.

(2) = *para completar a obra começada.*

(3) = *provérbio.*

(4) = *teve conhecimento.*

(5) = *que vos metais nisso* (tremeter = entremeter).

(6) = *azo, licença.*

caso que o fazer quisésseis, que vo-lo não consentisse. Portanto vos rogo que disso não cureis mais, e que vos façais prestes para vos ir comigo; porque El-rei manda que chegue logo aonde êle está, e iremos ambos de companhia.

Nuno Alvares, quando isto ouviu, pesou-lhe muito de vontade, e bem deu a entender ao prior seu irmão que não cria que lhe El-rei tal recado mandasse, mas que êle lho dizia de seu, para o desviar do que fazer queria.

O prior, para o fazer certo, lhe mostrou então carta que lhe El-rei sôbre isso mandara. Nuno Álvares, quando a viu, creu o que lhe seu irmão dizia; então disse que, pois assim era, êle não saïria de mandado de El-rei, pôsto que fôsse muito contra sua vontade.

*

*　　*

O prior e Nuno Álvares chegaram a Lisboa, onde El-rei estava; e, tanto que El-rei viu Nuno Álvares, preguntou-lhe como estava sua obra, que havia começada com João d'Osorez, filho do mestre de S. Tiago de Castela.

— Senhor, disse Nuno Álvares, a Vossa Mercê o sabe tão bem e melhor que eu.

Então falou El-rei e disse:

— ¿De verdade, fazíeis isto que assim começastes?

— ¡Por Deus, Senhor, de verdade (disse êle) e com bom desejo!

E El-rei lhe preguntou qual era a razão por que se a isso movia. Respondeu Nuno Álvares e disse:

— Senhor: a Vossa Mercê saiba que, por eu ser vosso criado, dês-aí, pelas muitas mercês que meu pai, e meu linhagem (1), e eu isso-mesmo, de Vós havemos recebidas, e entendo receber mais ao diante, hei grande vontade de vos servir, em cousa que vos houvésseis de mim por bem servido. E considerando eu como o mestre de S. Tiago de Castela vos há feitos alguns desserviços nesta guerra; e como eu não sou em estado de tantas gentes (2), nem em tal maneira, que lho por ora de presente doutra guisa possa vedar; e, vendo como João d'Osorez, seu filho, é mui bom cavaleiro e que êle

---

(1) Os substantivos formados em francês com o sufixo *age*, correspondente ao nosso suf. *agem*, são ainda hoje masculinos (*le voyage, le visage*, etc.).

(2) = *não disponho de tanta gente de armas.*

muito ama, cuidei de o requestar, como de feito fiz, para me matar com êle dez por dez, como a Vossa Mercê bem sabe. E isto por duas razões; a primeira: se a Deus prouvesse de eu dêle levar a melhor, fazer nojo e gran desprazer a seu pai, em emenda do dano que vos êle em vossa terra fêz, pois que por ora meu poder a mais não abrange; a segunda: pôsto que eu aí falecesse, entendo que falecia bem, pois era com minha honra e por vosso serviço. Portanto, senhor, vos peço por mercê, que todavia vos praza disto; e que haja de Vós lugar e licença para nisto cumprir meu desejo.

El-rei escutou com vontade as palavras que lhe Nuno Álvares disse; e, tendo-lho a bem, no fim delas respondeu assim:

— Nuno Álvares: eu vejo bem vossa intenção, que foi e é boa, nisto que fazer queríeis, o que vos eu muito agradeço e tenho em serviço; e bem sou certo que de tão bom criado como eu em vós fiz, não podia saír senão tal obra e outras melhores; e esta fiuza (1) houve sempre em vós, e hei.

(1) = *confiança.*

Mas quero que saibaìs que a mim não praz de vós serdes em tal feito, porque eu para mais vos tenho, e para maior cousa de vossa honra (1), que de entrardes em tal requesta, de que se vos podia seguir perigo e não mui grande honra, o que eu não queria. Pois vós, e outros tais, tempo e lugar havereis, prazendo a Deus, para ante mim, em uma batalha ou em outros grandes feitos, provardes vossa ardideza e vontade, onde sei que não falecereis. E quando isto fôr, terei eu mais razão e azo de vos fazer mercês e acrescentar, como é meu desejo. E, portanto, pordes mão em tal requesta não me praz; antes vos mando que o não façais, nem cureis mais disso.

Nuno Álvares, quando viu a tenção de El-rei, desprouve-lhe disto e ficou mui quebrantado.

E assim houve fim sua requesta, porque mais não pôde fazer.

(*Dos Caps. CXXI a CXXIII*).

---

(1) = *para cousa de maior honra vossa.*

XVI

CHEGAM OS INGLÊSES A LISBOA

El-rei D. Fernando, depois da partida de João Fernandes Andeiro, quando veio a Estremoz com recado dos Inglêses, segundo contámos em seu lugar (1), mandou a Inglaterra Lourenço Anes Fogaça, homem avisado e de boa autoridade, seu chanceler-mor e do seu conselho; e isto para encaminhar e firmar seus tratos, segundo o acôrdo que por João Fernandes enviara. O qual era que o conde de Cambrig viesse em sua ajuda, com as mais gentes que pudesse juntar.

E estando El-rei anojado pela gram perda da frota que havia recebida (2), um escu-

---

(1) Veja-se o capítulo XIV.

(2) A frota real portuguesa, do comando do conde D. João Afonso Telo, irmão da rainha D. Leonor, acabava de ser desbaratada pelo almirante castelhano Fernão Sanchez de Tobar, nas alturas de Saltes (17 de Julho de 1381).

deiro que chamavam Rui Cravo, que fôra em companhia de Lourenço Anes a Inglaterra, chegou a Buarcos em uma barca e saiu em terra, para levar novas a El-rei de como os Inglêses vinham em sua ajuda.

E foi assim, de feito, que chegou Rui Cravo a Santarém, e deu a El-rei novas como a frota dos Inglêses partira de Preamua (1), e vinha pelo mar, e que muito cedo seria em Lisboa.

El-rei houve gram prazer com estas novas, não embargando o nojo que de presente tinha pela perda da frota; em guisa que, tanto e muito mor foi o prazer que então tomou, que o nojo que antes houvera quando lhe primeiro vieram novas dela (2); e não sòmente El-rei e os da sua casa, mas todos os do Reino, foram ledos de sua vinda, não embargando o nojo que tinham, esperando por êles de cobrar emenda do dano que dos Castelhanos haviam recebido.

Estando El-rei nesta ledice, chegou-lhe em outro dia recado de Buarcos, que já a frota aparecia no mar; e El-rei foi com isto muito mais ledo.

---

(1) Plymouth.
(2) = *da perda da sua frota.*

Então ordenou de se partir para Lisboa; e antes que partisse, como lhe chegou recado dos moradores do lugar, que os Inglêses pousaram ante a Cidade, partiu logo depressa em um batel, e veio-se a Lisboa. E, depois que ordenou as cousas que cumpriam, foi-se à nau do Conde, que estava mui nobremente apostada, e falaram ambos no que lhes prouve, mostrando-lhe El-rei de si boa graça, e isso-mesmo à condessa e aos senhores e fidalgos que com êle vinham, os quais eram estes:

Primeiramente, nomeemos êste *mosse* Edmundo, conde de Cambrig, filho lídimo del-rei Eduardo de Inglaterra, o velho; o qual trazia sua mulher, D. Isabel, filha del-rei D. Pedro, rei que fôra de Castela, bem acompanhada de donas e donzelas; e um seu filho pequeno, que havia nome Eduardo, como seu avô, moço de idade até seis anos (1).

E vinha aí um filho de El-rei de Inglaterra, bastardo, e *mosse* Guilhem Beocap, condestável de tôda a frota; e o senhor de Botarcos, e *mosse* Mau de Gornai, que era marechal, e o sub-duque de Latram, e Tomás

---

(1) = *de cêrca de seis anos.*

Simon, alferes do duque de Alencastro, que trazia sua bandeira, e o bispo Dacres, e *mosse* Canom, ordenador das batalhas, e *mosse* Tomás Frechete, e o Garro, e *mosse* João de Estingues, e Chico Novel, e Maao Borni, e o senhor de Castelnovo, que era gascão; e outros capitães que dizer não curamos.

E traziam consigo, de gentes de armas e frecheiros, até três mil, bem prestes para pelejar, assaz de formosa gente e bem corregidos (1).

E vinham aí mais alguns cavaleiros, dos que se partiram de Portugal quando el-rei D. Fernando tratou as pazes com el-rei D. Henrique, assim como João Fernandes Andeiro, e João Afonso de Beça, e Fernão Rodrigues de Aça, e Martim Paulo, e Bernaldão, e João Sanches, cavaleiro de Santa Catarina, e outros.

E chegaram estas gentes tôdas a Lisboa em quarenta e oito velas, entre naus e barcas, aos dezanove dias de julho da era já em cima escrita, de quatrocentos e dezanove anos (2).

---

(1) = *equipados*.

(2) 1419 da era de César, ou seja 1381 do Nascimento de Cristo.

*

* *

Depois que El-rei acabou de falar com o Conde, disse que era bom que saíssem em terra.

E entraram nos batéis o Conde e sua mulher, e êsses senhores e fidalgos, e donas e donzelas, e muita de outra gente que com êles vinham (1). E como foram na Ribeira, os da Cidade os receberam mui honradamente, segundo El-rei deixava ordenado; e tomou El-rei a Condessa de braço e foram todos a pé até a igreja catedral, onde jaz o corpo de S. Vicente.

E como fizeram sua oração e saíram da Sé, estavam já prestes, para o Conde e sua mulher e para outras honradas pessoas, bêstas bem corregidas, como cumpria; e levou El-rei de rédea a Condessa até o mosteiro de S. Domingos, onde ordenou que pousassem; e o condestável e o marechal em S. Francisco; e o senhor de Botarcos em Santo Agostinho; e os outros senhores

---

(1) O verbo concorda no plural com o colectivo *gente*.

e fidalgos pela Cidade, cada um segundo cumpria, salvo na cêrca velha.

Convidou El-rei o Conde e todos os capitães que com êle vinham, e a Rainha a Condessa e as donas e donzelas de sua companha; e êste convite foi nos paços de El-rei, do Castelo, onde a todos foi feita sala mui honradamente; e em fim da mesa foram apresentados ao Conde e aos outros senhores muitos panos de sirgo com ouro, de desvairadas maneiras, segundo por El-rei era orordenado; e isso-mesmo deu a Rainha à Condessa, e mulheres de sua casa, panos e jóias, de que foram contentes.

E por outras vezes convidava El-rei o Conde e os outros capitães, e o ia ver onde pousava, êle e a Rainha sua mulher, partindo (1) com o Conde mui gradamente, e com cada um dos outros, segundo seus estados.

E porquanto nos capítulos entre El-rei e o Conde divisados, um dêles era que El-rei desse cavalgaduras a todos, sendo a cada um descontado, do sôldo que havia de ha-

---

(1) *Partir com = obsequiar, tratar.*

ver, o preço da bêsta que houvesse, mandou El-rei chamar os fidalgos e concelhos de seu Reino e fêz côrtes com êles; e acabadas as côrtes, mandou El-rei por todos os cavalos dos acontiados de seu Reino, e por quaisquer outras bêstas que fôssem achadas, assim muares como cavalares, para dar aos Inglêses. E por esta guisa foram todos encavalgados, e tomadas a seus donos as melhores que aí havia, sob esperança de serem pagas. A qual paga nunca depois houveram...

Ao Conde mandou El-rei um dia doze mulas, para a Condessa, as melhores que se escolher puderam, seladas e enfreadas assaz nobremente; e doze cavalos para êle, por essa mesma guisa, entre os quais ia um grande e formoso cavalo, que el-rei D. Henrique, sendo vivo, mandara em presente a el-rei D. Fernando, que era o melhor que então diziam que havia na Espanha.

E estas bêstas escolheitas (1), que deram aos Inglêses, muitas delas havia tais, que ádur (2) podia um Inglês levar uma delas à

(1) = *escolhidas*. Forma antiga do particípio passado, subsistente ainda em *escorreito*, etc

(2) = *mal (dificilmente)*.

água; e como foram em seu poder, tratavam-nas de tal guisa, que um levava depois vinte e trinta ante si, como manada de de manso gado.

(Dos Caps. CXXVIII e CXXIX).

XVII

INGLÊSES Á SÔLTA

Estas gentes dos Inglêses, que dissemos, como foram aposentados em Lisboa, não como homens que vinham para ajudar a defender a terra, mas como se fôssem chamados para a destruir, e buscar todo mal e desonra aos moradores dela, começaram de se estender pela Cidade e têrmo, matando, e roubando, e forçando mulheres, mostrando tal senhorio e desprezamento contra todos, como se fôssem seus mortais inimigos, de que se novamente houvessem de assenhorear.

E nenhum, no comêço, ousava de tornar a êlo (1), por grande receio que haviam de El-rei, que tinha mandado que nenhum lhes fizesse nojo, pela gram necessidade em que era pôsto de os haver mester, cuidando

---

(1) *Tornar a èlo* = dar trôco, desforrar-se.

êle à primeira mui pouco (1) que os homens que vinham para o ajudar, e a quem esperava de fazer gradas mercês, tivessem tal jeito em sua terra.

E por isso, quando lhe alguns faziam queixumes das grandes sem-razões que dêles recebiam, falava El-rei ao Conde de Cambrig sôbre isto; mas em tudo se fazia pouco corregimento.

Que cumpre dizer mais: em tanta pressa e sujeição foram postos os da Cidade e seu têrmo, havendo dêles mêdo como de seus grandes inimigos, que o Conde ordenou, para guarda das quintas e casais, que cada um tivesse senhos (2) pendões de sua divisa, que era um falcão branco em campo vermelho; e a quinta e casal onde os Inglêses não achavam aquele pendão, logo era roubada de quanto aí havia. E quantas bêstas vinham para a Cidade, assim das quintas como dos casais e montes de redor, para venderem suas cousas, cada um (3) havia

(1) *Cuidando à primeira mui pouco* — estando a princípio longe de supôr.

(2) *Senhos* — *seus* (cada um o seu).

(3) Isto é: *cada (um) condutor ou dono das bêstas que vinham à Cidade.*

de trazer um pendão daqueles, que custava certa cousa, para lhe não fazerem mal.

Vêde se era bom jôgo dêles...

Levando à água as bêstas de El-rei, lançaram mão delas (1) e tomaram-nas por fôrça, dizendo que El-rei lhes devia sôldo e que o queriam penhorar nelas; e foi assim, de feito, que as tomaram. E por mandado do Conde foram tornadas.

Uma vez, chegaram alguns dêles a casa dum homem que chamavam João Vicente, jazendo de noite na cama, com sua mulher e um filho pequeno, que ainda era da mama. E bateram à porta, que lhes abrisse; e êle, com temor, não ousou de o fazer; e êles britaram (2) a porta e entraram dentro, e começaram de ferir o marido. A mãe, com temor dèles, pôs a criança ante si, para a não ferirem; e nos braços dela a cortaram por meio com uma espada, que era cruel cousa de ver, a todos.

---

(1) O sujeito de particípio *levando* pode ser, por ex., *os criados de El-rei*; o do verbo *lançaram* é *os Inglêses*.

(2) = *quebraram, arrombaram.*

E tomaram (1) aquele menino assim morto e levaram-no a El-rei, aos paços, em um taboleiro, mostrando-lhe tal crueldade como aquela. E êle não ousou de tornar a êlo, e mandou que o mostrassem ao Conde, que fizesse direito daqueles que tal cousa fizeram. E o Conde o mandou fazer.

E desta guisa lhe mandava El-rei rogar muitas vezes, pelos grandes queixumes que lhe vinham fazer, que pusesse castigo em suas gentes, que não destruíssem assim a terra. E êle dizia que bem lhe prazia; mas cada vez faziam pior...

Outros chegaram acima de Loures, para roubar uma aldeia que é aí cêrca; e, em a roubando, mataram três homens. E assim roubavam, e matavam, e destruiam mantimentos, que muitas vezes mais era o dano que faziam, que aquilo que gastavam em comer. Que tal havia aí, se havia vontade de comer uma língua de vaca, que matava a vaca e tirava-lhe a língua, e deixava a vaca perder. E assim faziam ao vinho e a outras cousas.

E El-rei, por esta razão, como os enca-

(1) Sujeito: *os vizinhos, ou os pais.*

valgava (1), mandava-os a Riba de Odiana, para a fronteira; e êles, em vez de entrarem por Castela, a forrear (2), davam volta sôbre Ribatejo, a roubar quanto achavam.

E as gentes não os queriam acolher nas vilas; e cerravam-lhes as portas, pelo gram dano que faziam. Assim como fizeram em Vila Viçosa, quando aí chegou Maao Borni com outros Inglêses, que alçaram volta (3) com os do lugar, e mataram Gonçalo Anes Santos, e feriram outros da vila. E isso-mesmo mataram os da vila dos Inglêses (4) e foram feridos alguns.

Êles combateram Borba e Monsaraz, e escalaram o Redondo, e combateram Avis; e quiseram escalar Evoramonte, e não puderam

Nos lugares onde pousavam, ao têrmo dêles iam à forragem (5), fazendo gram dano em pães, e vinhos, e gados; e atormentavam

---

(1) *Como os encavalgava* = logo que lhes havia dado cavalos.

(2) *Forrear (forrejar)* = talar, saquear, fazer dano, em correrias por terra inimiga.

(3) = *armaram briga.*

(4) *Dos Ingleses* = alguns dos Inglêses.

(5) = *saqueavam os campos dos arredores.*

os homens, até que lhes diziam onde tinham os mantimentos; e roubavam-lhes quanto achavam; e se lho queriam defender, matavam-nos.

As gentes começaram de tornar a isto (1), o mais escusamente que podiam. E em fojos de pão, e por outras maneiras, matavam muitos dêles escusamente; de guisa que por sua má ordenança pereceram tantos, que não tornaram depois para sua terra as duas partes dêles.

(Cap. CXXXII)

---

(1) = *de pagar na mesma moeda.*

XVIII

NUNÁLVARES EM ALCÂNTARA

A frota castelhana (1) era grande e de muitas gentes, e não lhe podiam os da Cidade por tal guisa embargar a saída da terra (2), que êles por muitas vezes não saíssem à sua vontade, em lugares não vistos, e outros arredados da cidade. Por cujo azo se faziam entre êles muitas escaramuças, das quais, por a Deus assim prazer, sempre os Portugueses levavam a melhor dêles.

Ora, assim aveio nesta ocasião, que Nuno Álvares, amando muito o serviço de El-rei, dês-aí, para ser conhecido por bom (3), ordenou fazer uma escaramuça por si, sem o

(1) Era uma frota inimiga, de oitenta velas, que pouco antes ancorara em frente de Lisboa.

(2) = *impedir os desembarques.*

(3) = *para ganhar fama de valentia.*

fazendo saber ao Prior (1), nem a algum dos outros seus irmãos; e vendo como os das naus saíam a miude, a colher uvas e fruta, porque era então tempo delas, falou com um bom cavaleiro, casado com uma sua irmã, que chamavam Pedro Afonso do Casal, como era sua vontade de em outro dia lançar uma cilada aos da frota, para se ajudar dêles (2), se saíssem fora, como soíam; e se lhe prazeria a êle de se ir em sua companha. O qual outorgou (3) de boa vontade.

E por esta guisa ajuntou Nuno Álvares, dos seus e de outros, até vinte e quatro de bons homens de cavalo; e seriam uns trinta, entre bèsteiros e homens de pé.

E isto assim acertado, cavalgou Nuno Álvares, em outro dia bem cedo, pela manhã, e foi-se lançar em cilada à ponte de Alcântara, sob o (4) mosteiro de Santos, contra Restêlo (5), cobrindo-se êle e os seus, o melhor que podiam, entre as vinhas e barrocais, que aí

---

(1) O prior do Hospital, D. Pedro Álvares, seu irmão.

(2) =*para os atacar e vencer.*

(3) =*ao que êle, Pedro Afonso, acedeu.*

(4) =*abaixo do.*

(5) =*na direcção de.*

havia muitos, para não serem vistos da frota.

Estando assim Nuno Álvares, falando com os seus a maneira que houvessem de ter em topar com os Castelhanos, se saíssem fora, êles viram vir um batel da frota, e nêle até vinte homens, que vinham às vinhas, para colher uvas.

Nuno Álvares e os seus, como os viram, esguardaram bem onde saíam e onde haviam de recudir (1), à tornada. E cavalgaram logo os de cavalo, e os bèsteiros e homens de pé com êles; e foram-se àquele lugar por onde êles subiam, que era um barranco grande contra as vinhas; e como ali chegaram, Nuno Álvares se desceu do cavalo, e outros alguns com êle, e aderençaram (2) rijo contra os Castelhanos. E êles, quando os viram consigo, mais rijo (3) do que subiram desceram a fundo contra a praia. E Nuno Álvares e outros, de volta com êles.

Vendo-se os Castelhanos muito aficados, por guarecer (4) da morte, que a seus olhos

(1)=*acorrer, regressar.*
(2)=*endereçaram (dirigiram-se, caminharam).*
(3)=*depressa.*
(4)=*para se livrarem, salvarem.*

19

viam muito prestes, lançaram-se todos na água; e dêles (1), nadando sem armas nenhumas, outros mergulhando sob a água, cobraram seu batel sem mais impecimento, e foram-se para seus navios.

*

* *

Tendo (2) Nuno Álvares que por então lhes não podia fazer mais dano, recolheu ante si os que iam com êle e foi-se pôr em um teso (3), ante a porta do mosteiro de Santos, lugar onde os bem viam os da frota.

E como correram empós os seus (4) e os fizeram lançar na água, com despeito, cobraram coração, e saíram das naus até duzentos e cinqüenta homens de armas, com lanças compridas, e muitos bèsteiros e peões, desejosos para pelejar, segundo depois pareceu.

Nun'Álvares, como viu sair os batéis, foi mui ledo com sua vinda, como aquele

---

(1)=*uns.*

(2)=*tendo para si, considerando.*

(3) *alto; cabeço de monte.*

(4) Isto é: *os de Nun'Álvares após os Castelhanos.*

que de tal jôgo não havia menos vontade que êles. E começou de avivar (1) seu cavalo, e disse assim contra os seus, esforçando-os:

— Amigos irmãos: bem sabeis a tenção com que saístes da Cidade, que não cumpre de vos ser mais declarado. Ora me parece que tendes prestes o que viestes buscar, do que deveis ser mui ledos, pois de mim vos digo que da minha parte o sou assaz. E rogo-vos que, pois nos às mãos vem o que desejamos, vos praza de todos serdes (2) lembrados de vossas honras, porfiando em pelejar sem tornar costas por cousa que avenha (3). E para isto, com a ajuda de Deus, eu serei o primeiro que toparei nêles; e vós segui-me, fazendo como eu fizer. E sêde certos que êles vos não sofrerão, se em vós sentirem esfôrço, mas logo volverão as costas, porque de acorro (4) não teem esperança. E assim vos ajudareis dêles (5).

---

(1) = *animar, espertar* (com a espora ?).

(2) O texto diz *ser*.

(3) Por cousa que avenha = *aconteça o que acontecer*.

(4) = *socorro*.

(5) = *levareis a melhor*.

Estas e outras boas razões, que Nun'Álvares disse aos seus, para os esforçar, nenhuma cousa àquela hora prestaram; pois êles viam já muita gente da frota em terra, a qual vinha para êles e era muito cêrca; e cada vez mais crescendo, temiam de os esperar.

Nun'Álvares, conhecendo nêles mêdo, trabalhava de os esforçar quanto podia; mas suas doces palavras, misturadas com ásperos brados, não os podiam a isto demover; mas (1), mostrando que o não ouviam nem tinham dêle conhecimento, arredavamse a fora, não querendo atender. Outros fugiram logo de todo, não podendo sofrer a vista dos Castelhanos...

Ora aqui é de saber que, pôsto que os alheios louvores sejam ouvidos com iguais (2) orelhas muito é grave consentir o que impossível parece de ser; e, porque o seguinte arrazoado mais parece milagre que natural acaecimento (3), dizemos primeiro,

---

(1) = *pelo contrário.*

(2) = *benévolas.*

(3) Natural acaecimento = *acontecimento verdadeiro.*

respondendo a tais, que sem dúvida verdade escrevemos; mas que o poderoso Deus, que só (1) àquela hora o quis livrar de entre tantos contrários, tendo-o guardado para maiores cousas, não outorgou naquela peleja (2) que seus inimigos lhe pudessem dar morte.

Nun'Álvares, vendo que os seus não davam volta, e os Castelhanos chegavam cêrca de onde êle estava, aderençou contra êles com gram vontade cavaleirosa, a alguns impossível de crer. E só, sem parceiro, se lançou na mor espessura dos inimigos, onde eram aqueles duzentos e cinqüenta homens de armas. E como se assim lançou entre êles e fêz de lança o primeiro encontro, perdida a lança tornou à espada. E, não o seguindo nenhum dos seus, dava tão assinados golpes a tôda a parte, que, pôsto-que os Castelhanos fôssem muitos, assaz havia de lugar entre êles (3).

Mas em tudo isto foi êle servido (4) de

---

(1) Só = *sòzinho, estando êle, Nun'Álvares, só.*

(2) = *não permitiu que naquela peleja,* etc.

(3) Era a clareira que Nunálvares abria com seus golpes na multidão dos inimigos.

(4) = *atacado.*

lanças, e pedras, e virotões, que era maravilha podê-lo sofrer; e prouve a Deus que nenhuma lhe deu em lugar que lhe fazer pudesse nojo, pois o corpo era bem armado de umas assaz fortes sôlhas (1). De guisa que os golpes massavam o corpo e nenhum dano faziam na carne; porém êle pensava que era chagado de morte, pelos muitos golpes que em si sentia.

Mas seu cavalo, com as muitas lançadas, pôs as ancas e caíu em terra; e Nun'Álvares, isso-mesmo. E, caindo assim ambos, começou o cavalo bulir rijamente com as mãos e com os pés; e, perneando assim rijamente, acertou o canelo da ferradura da mão no tecido duma fivela das sôlhas de Nun'Álvares, de guisa que êle não se podia desprender do cavalo. E ali cuidou de ser logo morto.

Os seus, que estavam a longe olhando, vendo o gram perigo em que Nun'Álvares era, constrangidos de dó e vergonha, correram rijamente, cobrando corações, e acorreram-lhe o mais toste (2) que puderam; e

(1) Armadura de *sôlhas* ou *fôlhas* metálicas, ou talvez de pano forte, dobrado e acolchoado.

(2) = *depressa, cedo* (Cf. o francês *tôt*).

um dos primeiros que a êle chegou foi um clérigo, em cuja casa Nun'Álvares pousava, que ia em sua companha com uma besta, e cortou-lhe à pressa o tecido por que estava preso.

Nun'Álvares, desatado, se levantou rijo, e tomou uma lança, de muitas que jaziam ao redor dêle; e, com esfôrço e ajuda dos que já com êle estavam, começou de seguir os Castelhanos. E nisto chegaram à pressa Diogo Álvares e Fernão Pereira, seus irmãos, que disto souberam parte, que lhe foram assaz bons companheiros. E todos seguiram os inimigos, de guisa que prendiam e matavam muitos.

A'cima, (1) não podendo já mais sofrer tal dano, tornaram costas, para se acolher aos batéis; e à entrada pereceram muitos, por entrar mais apressa do que haviam em costume.

Nun'Álvares se tornou com os seus para a Cidade, sem morrer nenhum da sua parte; mas foram dêles (2) mal feridos, e nove cavalos mortos.

---

(1) = *ao cabo, afinal.*
(2) = *alguns.*

E quando o Prior o viu vir, com os prisioneiros que consigo trazia, houve gram prazer com êle e com os outros. E foram todos dêle mui bem recebidos.

(Caps. CXXXVII e CXXXVIII).

XIX

LEONOR TRAMA CONTRA O MESTRE DE AVIS

Deixando estar Lisboa cercada (1), e tornando a falar de el-rei D. Fernando, que estava em Évora, fazendo-se prestes para a guerra de Castela, convém que digamos, antes que daí parta, como mandou prender o mestre de Avis, D. João, seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo, um bom fidalgo e muito seu privado.

E, pois esta história havemos de trazer a praça (2), não como alguns, que fizeram livrozinhos que, publicados em algumas mãos, as cousas como passaram não compreendem por êles perfeitamente (3); mas, guar-

---

(1) Modo de dizer: *não falando por agora do cêrco de Lisboa.*

(2) = *a público.*

(3) = *não podem bem compreender, por tais livrinhos, como de facto as cousas se passaram.*

dando a regra do filósofo, que diz que não podemos saber as cousas como são, se da causa do seu primeiro começo carecemos de todo ponto, — nós o nascimento de sua prisão dêles vamos buscar longe, donde veio.

Assim foi, segundo ouvistes, que, quando João Fernandes de Andeiro veio falar a el-rei D. Fernando, em Estremoz, sôbre a vinda dos Inglêses, e que o El-rei teve escondido por alguns dias na tôrre dêsse lugar, soou não honesta fama entre êle e a Rainha; e pôsto-que à primeira fôsse escura (1), e não tendo certos autores, depois, por firme opinião (2), falavam nisso mui largamente. Pela qual razão eram ambos (3) havidos em grande ódio das gentes, especialmente dos grandes e bons, que se doíam da desonra de El-rei.

Ora assim aveio que, estando El-rei em Évora, como dizemos, chegaram um dia, pela sesta, à câmara da Rainha, o conde D. Gonçalo, seu irmão, e João Fernandes

(1) = *a principio fôsse anónima*, ou *vaga, aquela fama ou boato.*

(2) = *por estarem certos do que diziam.*

(3) Leonor e o Andeiro.

de Andeiro com êle; e, pela calma que fazia, grande, iam êles suando muito. E ela, quando os assim viu vir, preguntou-lhes se traziam sudários com que se alimpar daquele suor (1); e êles disseram que não.

Então tomou a Rainha um véu, e partiu-o por meio, e deu a cada um sua parte, para se alimparem. E andando-se João Fernandes passeando pela câmara, com aquele véu na mão, ficou-se em joelhos ante ela e disse com voz baixa, mui mansamente:

— Senhora, mais chegado e mais usado queria eu de vós o pano, quando mo vós houvésseis de dar, que êste que me vós dais.

E a Rainha começou de rir disto; e, pôsto-que lhe dissesse estas palavras mui manso, não as disse porém tão passamente (2), que as não ouviu uma dona que siia (3) cêrca dela, que chamavam Inês Afonso, mulher dum grande privado de El-rei, e do seu conselho, que havia nome Gonçalo Vasques de Azevedo, de quem êle muito fiava. E, porque lhe pareceram mui mal ditas, calou-se

---

(1) O texto diz *daquela*.
(2) = *baixo*.
(3) Imperfeito de *seer* (estar sentado).

então por aquela hora, e disse-o depois a seu marido.

A cabo de dias, sendo a Rainha falando em cousas de sabor (1), louvando muito o costume dos Inglêses e daqueles que com êles usavam, respondeu aquele privado de El-rei, e disse:

— Certamente, Senhora, quanto a mim, seus costumes, em algumas cousas, não me parecem tanto de bons como os vós louvais...

— ¿E quais?... disse ela.

— Senhora, disse êle, não é bom costume, nem de louvar a nenhum, o que muitos dêles usam: que se alguma dona ou donzela, por sua mesura (2), lhes dá algum véu ou jóia, êles se chegam a elas, à orelha, e dizem-lhes que mais chegadas e mais usadas queriam êles as jóias delas, que não aquelas que lhes elas dão.

A Rainha, quando isto ouviu, suspeitou logo porque êle aquilo dizia. E calou-se por então, e não disse nada, dando a entender que não parava naquilo mentes (3). E depois chamou-o à parte, e disse:

---

(1) = *cousas leves, graciosas.*

(2) = *cortesia, gentileza, amabilidade.*

(3) Parar mentes = *dar atenção, fazer reparo.*

— Gonçalo Vasques: eu bem sei que vossa mulher vos disse aquilo que vós ora antes dissestes; mas sêde certo que vós e ela não o lançastes em poço vazio; e prometo-vos que ambos mo pagueis mui bem.

E êle, escusando-se que não sabia disso parte, e ela dizendo que era assim, deixaram aquilo e falaram em al (1).

Onde (2) sabei que êste Gonçalo Vasques era segundo (3) co-irmão da rainha D. Leonor, e por ela fôra feito (4) e pôsto em grande estado. Porque D. Aldonça de Vasconcelos, mulher de Martim Afonso Telo, mãe da rainha D. Leonor, era prima co-irmã de Teresa Vasques d'Azevedo, filha de Vasco Gomes de Azevedo, irmão de Gonçalo Gomes de Azevedo, alferes de el-rei D. Afonso, o que foi aos Mouros. Assim (5) que a infante D. Beatriz, mulher que depois foi de el-rei de Castela, era sobrinha dêste Gonçalo Vasques, filha de sua segunda co-irmã. E por

(1) = *outra cousa.*
(2) = *ao qual respeito; a propósito; ora.*
(3) = *primo segundo.*
(4) = *promovido, engrandecido.*
(5) = *de modo.*

êste divido (1) que êle havia com a Rainha, e o acrescentamento que nêle havia feito, teve ela gram sentido (2) das razões que dela dissera, e azou como depois fôsse preso.

Depois disto a poucos dias, um fidalgo que havia nome Vasco de Abreu, que se chamava parente da Rainha, vendo como já tempo havia que lhe não mostrava boa vontade, como dantes havia em costume, dês-aí, porque diziam alguns que lhes parecia que a Rainha lhe não tinha bom desejo, chegou um dia a ela e disse:

— Senhora: vós me fizestes muito bem e pusestes em honra, de guisa que eu não sou mais que quanto a Vossa Mercê em mim fêz. Pela qual razão eu sou mui teúdo (3) de vos servir e amar em-quanto viver, e assim o entendo de fazer sempre; e ora não sei porque, dias há, vós mostrais que me haveis ódio, como se vos eu houvesse feito

(1) = *parentesco.*
(2) = *desgôsto, mágoa.*
(3) = *obrigado.*

algum grande êrro (1) e desserviço. Portanto, vos peço por mercê que me digais isto porque é, ou se vos disseram alguma cousa que eu contra vosso serviço fizesse. E se fôr verdade o que vos de mim disseram, eu vos faço preito e menagem (2) que dêste lugar me não parta até esperar aqui a morte.

Respondeu a Rainha, e disse:

— Não sem gram razão, eu hei de vós mui grande queixume. E não sei para que são essas palavras e essa abundância de arrazoar, pois bem sabeis vós que vós me tendes feito um êrro tão grande, por que (3) vós merecíeis de vos eu mandar cortar a cabeça, e ainda matar de pior morte que esta.

— Senhora, disse êle, vós podeis dizer o que vossa mercê fôr; mas outro nenhum não me dirá, com verdade, que vos eu nunca haja feito nenhum êrro por que eu isso mereça; e, se vos alguma cousa alguém de mim disse, peço-vos por mercê que mo digais.

— ¿ Onde me podíeis vós mor êrro fazer,

---

(1) = *ofensa.*
(2) = *vos afirmo solenemente.*
(3) = *pelo qual.*

disse ela, que irdes vós dizer ao conde D. João Afonso, meu tio, que eu dormia com João Fernandes de Andeiro?

— Senhora, disse êle, ¡Deus me guarde de mal que eu tal cousa dissesse! (1) E quem vos isso disse mentiu-vos falsamente; e não há nenhum, que mo diga, a que eu não ponha o corpo (2), ainda que seja de muito mor estado que eu.

— ¿Para que negais vós isto, disse a Rainha, e o desdizeis, pois que eu vos darei pessoa a quem o vós dissestes?

— Senhora, disse êle, eu não o desdigo, porque, pois o eu não disse, não o posso desdizer. Mas nego, e digo que nunca foi nenhum que me tal cousa ouvisse.

— Certo é, disse ela, que vós o dissestes, pois Gonçalo Vasques de Azevedo me disse que vós lho dissêreis.

— Não vos disse verdade, disse êle. Nem Deus nunca quisesse que eu tal cousa dissesse de vós. Mas, pois vós dizeis que vo-lo êle disse, a verdade é que eu lho ouvi dizer a êle, estando presentes o conde D. João

---

(1) = *assim me Deus guarde de mal, como eu tal cousa não disse.*

(2) = *com quem eu me não bata.*

Afonso, vosso tio, e outros. E vós mandai-o chamar, e eu lho direi, presente vós; e se mo êle negar, eu lhe quero pôr o corpo sôbre isto, ou lho provarei pelos que aí estavam, qual antes vossa mercê fôr (1).

Quando a Rainha isto ouviu, disse-lhe que não curasse mais daquilo, nem o dissesse a nenhum; e que ela mandaria uma carta a seu tio, que lhe enviasse dizer a verdade disto, como se passara.

*

* *

A Rainha, depois que houve estas palavras com Vasco Gomes, cuidou nisto que lhe êle disse e no que antes ouvira dizer a Gonçalo Vasques, e pesou-lhe muito de coração. E entendeu que por aquele privado de El-rei havia de ser publicada sua fama e descoberto todo seu feito; e que, sendo isto sabido, era a ela mui grande vergonha e perigo, e isso-mesmo daquele cavaleiro com quem ela era culpada, cuja morte ela não desejava de ver.

(1) = *como fôr mais do vosso agrado.*

E pensou como no Reino não havia outro nenhum do linhagem de El-rei, que isto quisesse vingar, senão aquele seu irmão bastardo, que era mestre de Avis, segundo já dissemos; e entendeu que, sendo aquele privado de El-rei e êste seu irmão mortos, ela seria de todo segura, porquanto todos os outros mores do Reino eram seus dividos (1), ou postos em honra por ela.

Então, cuidou de os fazer culpar em alguma tal cousa por que El-rei houvesse azo de os mandar matar.

E dizem alguns que fèz fazer cartas falsas, em nome do irmão de El-rei e daquele seu privado, as quais pareciam ser enviadas por êles a Castela, em desserviço de El-rei e de todo o Reino; e fingiram estas cartas ser enviadas e tomadas no extremo (2), caladamente, segundo a maneira que sôbre isso foi ordenada.

E uns dizem que foram trazidas a El-rei, outros contam que à Rainha, e que ela as mostrou a èle; e que El-rei, quando as viu, foi disto muito espantado, porque não havia

(1) = *parentes.*
(2) = *na raia.*

dêles tal suspeita, nem sabia cousa por que se a isto demovessem.

E, falando (1) o que se devia nisto de fazer, foi por êles acordado que era bem de serem presos, e não deixar passar tão má cousa como aquela sem grande vingança, para ser escarmento a todos os outros, que nunca se nenhum atrevesse a fazer semelhável cousa

E que a prisão fôsse logo, e que depois haveria El-rei acôrdo sôbre a pena que deviam de haver.

A El-rei pareceu êste bom conselho. E pôs em vontade de o fazer assim, e cuidou de os mandar prender, de guisa que êles não pudessem fugir, nem ser tomados àquele a quem os entregasse.

(Dos Caps. CXXXIX a CXLI.)

---

(1) = *discutindo.*

XX

PRISÃO DO MESTRE DE AVIS

Estando El-rei em outro dia num eirado de seus paços, e com êle o Mestre seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo, e alguns outros senhores e cavaleiros, chegou à porta do paço um escudeiro, que havia nome Gonçalo Vasques Coutinho, com suas gentes e outros, em guisa que seriam até duzentas lanças, todos armados, sem míngua de nenhuma cousa.

E o lugar onde El-rei com êles estava era tal, que se viam dali; e, pôsto-que o mestre e Gonçalo Vasques os vissem assim estar daquela guisa, não cuidaram nenhuma cousa sôbre isso, como homens que se não temiam, especialmente o Mestre. Dês-aí, porque era tempo de guerra, não lhes pareceu aquilo cousa nova(1).

E El-rei, depois que viu ali estar aquelas

(1) = *estranha.*

gentes, disse a todos os que com êle estavam que se fôssem para as pousadas; e êle foi-se logo para sua câmara, e os outros todos começaram de se ir. E estando ainda ali o Mestre e Gonçalo Vasques, tornou a êles Vasco Martins de Melo, que se fôra com El-rei, e disse contra o Mestre:

— Senhor, e vós, Gonçalo Vasques: eu vos trago novas de que me muito pesa. El-rei, meu senhor, vos manda que sejais presos.

— ¿Porquê?... disseram êles.

— Não sei mais, disse êle, senão quanto me mandou: que vos guardasse bem e lhe desse de vós bom conto e recado.

— ¿Há-nos de ver El-rei? disse o Mestre.

— Não, disse êle, mas vinde-vos comigo e vamo-nos para a pousada.

Então se desceram, e cavalgaram em cima de senhas mulas, e com cada um dêles um dos escudeiros de Vasco Martins, de trás, e aquelas gentes tôdas com êles. E indo assim pelo caminho, chegou-se Gonçalo Vasques Coutinho àquele privado de El-rei, que era seu sogro, e disse-lhe mui manso, em guisa que o não ouviu o escudeiro que com êle ia:

— Parece-me que vós e o Mestre ides ambos presos... ¿Isto porque é?

— Não sei mais, disse êle, que quanto vós vêdes.

— Isto, disse êle, não pode ser senão por grande cousa; e, pois assim é, parece-me que é bem que eu trabalhe em tôda guisa por vós não irdes à prisão, pois muito me temo de esta cousa vir a mal.

— ¿E como podereis vós isso fazer? disse Gonçalo Vasques.

— Eu darei volta com todos os meus, disse êle, que aqui vão; e entendo, com a ajuda de Deus, de vos pôr em salvo; e depois El-rei me perdoará. E, pôsto-que me não perdoe, eu não dou nada (1) de perder quanto tenho, por vós todavia serdes livre dêste perigo.

— Filho amigo, disse êle, vós dizeis mui bem, e eu vo-lo gradeço muito. Mas porém não vos cureis de trabalhar disto; porque aqui vão muitas gentes, como vós vêdes; mòrmente ser (2) dentro na Cidade, isto era cousa mui grave de fazer; e, não se acabando, vós seríeis preso e morto, e eu logo morto convosco. E mor pesar e nojo haveria eu, vendo como vos matavam por me

(1) = *não me importo.*
(2) = *por ser,* ou *sendo.*

vós quererdes livrar, que da morte que eu morresse, ainda que fôsse sem meu merecimento (1). E portanto não vos trabalheis de nenhuma cousa, que Deus, que sabe que eu não fiz por que eu isto mereça, Êle me livrará, por sua mercê.

Nisto, pensaram, cada uns dos que aí estavam, de se ir para as pousadas, e Vasco Martins de pôr boa guarda nêles; e foram ambos bem aprisoados, com senhas grossas adovas (2) e cadeia pelas pernas, e postos em uma tal casa donde não pudessem fugir.

E, pelo gram temor que houveram de em outro dia ser mortos, enviaram logo depressa um escudeiro ao conde de Cambrig, que estava em Vila Viçosa, que eram dali oito léguas, e mandaram-lhe dizer como os El-rei mandara prender, não sabiam porquê; e que lhe enviavam pedir por mercê que os enviasse pedir a El-rei; e, se lhos dar não quisesse, que lhe dissesse porque eram presos.

O Conde, quando isto ouviu, respondeu que com aquilo não tinha que fazer; e que,

---

(1) = *sem o eu merecer.*
(2) — *grilhões, algemas.*

se êles alguma cousa fizeram contra serviço de El-rei, era mui bem de o pagarem; e que sôbre aquilo não entendia de fazer nenhuma cousa.

Quando o escudeiro que lá foi tornou a êles com êste recado, pesou-lhes muito e não souberam mais que fazer.

E tanto que êles foram presos, logo El-rei mandou prender um vèdor do Mestre, que chamavam Lourenço Martins, que estava dali oito léguas, em uma vila que chamam Veiros. E tomaram-lhe quanto tinha, entendendo que, quanto o Mestre fizera, em mandar aquelas cartas que êles cuidavam que êle enviara, que tudo fôra por seu conselho.

*

* *

Logo como foi sabido que o Mestre e Gonçalo Vasques d'Azevedo eram presos, foram todos maravilhados desta cousa. E foi logo soado por todo o Reino como o foram por azo da Rainha, e a maneira que tivera para os fazer prender, e por que razão fizera isto. E nenhum não podia dêles suspeitar nenhuma má cousa, antes lhes pesava a todos muito de sua prisão, e maravilhavam-se de o

não entender El-rei, e bem cuidavam que tais cousas se haviam de dar a mal. E eram os entendimentos dos homens cheios de desvairados pensamentos.

Onde neste lugar departem (1) algumas histórias.

E dizem que, logo aquela noite que êles foram presos, a Rainha fêz fazer um alvará falso, que parecia assinado por mão de El-rei, no qual mandava àquele cavaleiro que os tinha em seu poder, que, tanto que o visse, sem outra detença os fizesse logo degolar; e se o alvará ia mui aficado (2), que muito mais aficadamente lho disse o mensageiro, em nome de El-rei.

Quando Vasco Martins viu aquele alvará, maravilhou-se muito que podia ser tal cousa; e, porquanto êle entendia que êles eram presos por azo da Rainha, duvidou muito no alvará, porque êle sabia que muitos alvarás passavam (3), para outras cousas, em nome de El-rei, feitos por aquela guisa. Porém disse àquele que lho trouxe, que êle o o cumpriria como nêle era conteúdo.

---

(1) = *divergem.*
(2) = *urgente.*
(3) = *se passaram. (eram passados).*

E logo a cabo de pouco, veio saber outro mensageiro, em nome de El-rei, se era já feito o que lhe mandara fazer; e êle disse que não.

E então se foi aquele, e veio outro, com outro alvará muito mais aficado que o primeiro, em que lhe mandava El-rei que logo lhes fizesse cortar as cabeças, dizendo que El-rei era mui queixoso, porque já não era feito. E porque se aficava muito aquele que o trazia, e Vasco Martins via a cousa mui duvidosa, disse-lhe assim:

— Amigo: vós vêdes como já é alta noite e horas em que se não costuma de fazer justiça. E parece que El-rei, com gram sanha que agora há dêstes homens, manda fazer isto; e pode ser que depois se arrependeria muito, como já aconteceu a alguns senhores. E se fôssem homens de outro estado, ainda não era tanto de arrecear; mas matar eu um irmão de El-rei, e um dos grandes privados que êle tem, por esta maneira, digo-vos que o não cuido de fazer por nenhuma guisa até de manhã, que eu com êle fale, e saiba como é sua mercê de se fazer. E se os êle mandar matar, êles bem guardados estão, e será feito seu mandado; e isto entendo por mais seu serviço, que de

se fazer perda a qual depois não podia ser cobrada...

Foi-se o mensageiro com êste recado e não tornou depois mais a êle. E êle levantou-se em outro dia pela manhã, bem cedo, e foi-se a El-rei e mostrou-lhe os alvarás, e contou-lhe tudo o que passara aquela noite.
E El-rei ficou espantado, dizendo que de tal cousa não sabia parte; e que lhe gradecia muito o que fizera.

E disse-lhe que se calasse e que não dissesse a ninguém nenhuma cousa.

*

* *

Com gram temor e cuidado, passaram aquela noite o mestre e Gonçalo Vasques, cuidando que o dia seguinte era o postumeiro de sua vida.
E muito maior fôra o mêdo, se êles souberam parte do que se em-tanto (1) acontecia; e quando veio a manhã, e o dia começou a crescer, tão grande era o temor

---

(1) — *entretanto*.

que haviam, que, como alguém batia à porta do castelo, logo êles cuidavam que era algum mensageiro, que trazia recado para que os matassem.

E falavam entre si ambos que era (1) aquilo por que eram presos; e o Mestre dizia que não achava em si cousa por que merecesse de o ser. E Gonçalo Vasques dizia que bem sabia porque o era, ainda que dessem a entender que por al o prendiam; e que mor pesar haveria, quando o levassem a justiçar, por não ousar a dizer o porque o matavam, que da morte que lhe dessem sem porquê.

E foram-nos ver naquele dia todos os senhores da Côrte, dizendo que lhes pesava muito de sua prisão, a qual não sabiam porque era; e que tôda cousa que por êles pudessem fazer, o fariam mui de grado, não sendo contra serviço de El-rei, seu senhor. Mas não foi lá João Fernandes Andeiro...

Grande guarda punha Vasco Martins nêles, não embargando o que lhe El-rei dissera, pois êle comia e dormia sempre com êles, e eram guardados de dia e velados de noite

(1) = *que poderia ser.*

de vinte escudeiros, que dormiam, sempre armados, à porta da casa onde êles jaziam.

Nisto, partiu-se El-rei daquela cidade onde estava e foi-se a um lugar que chamam o Vimieiro. E a Rainha ficou ali.

Quando êles viram que se El-rei partia e a Rainha ficava, tiveram que era por seu mal, pois muito se temiam dela; e que não havia nêles senão morte (1). E neste temor estavam cada dia, sem haver esperança de poder fugir, nem ser livres por nenhuma outra guisa; em-tanto que o Mestre fèz voto e prometeu a Deus que, se o livrasse daquela prisão a seu salvo, fôsse (2) a Jerusalém, visitar o Santo Sepulcro.

A Rainha, quando viu que o seu desejo não fôra acabado, sôbre a morte dêles, assim como haveis ouvido, cuidou que o poderia ser por outra guisa, e escreveu uma carta ao conde D. João Afonso, seu tio, que estava em Santarém, recontando-lhe nela todo o que lhe aviera com Vasco Gomes de Abreu, e como lhe dissera que êle estava presente, quando Gonçalo Vasques de Azevedo dissera dela as palavras que disse-

(1) = *não podiam contar senão com a morte.*
(2) Hoje empregar-se-ia aqui o Condicional.

mos; e que lhe rogava que lhe enviasse dizer, por sua carta, a verdade daquele feito, como se passara.

O conde D. João Afonso, quando viu a carta, como era homem sisudo, entendeu a vontade dela quejanda era (1), e trabalhou de buscar tais razões por que os desculpasse ambos.

E uns dizem que lhe não escreveu resposta, mas que chegou àquela cidade onde ela estava, e que lhe contou quanto daquilo sabia, por guisa que nenhum dêles não ficou em culpa; e que se tornou para Santarém.

Outros dizem que lho escreveu por carta, por esta mesma guisa.

Então cuidou ela que era bem de trabalhar que êles fôssem soltos, para dar a entender que ela não fôra em culpa de sua

---

(1) Na sua *Synt. Hist. Port.* (§ 103) diz Epifânio Dias que êste interrogativo equivale a *¿de que qualidade?*, *¿em que estado?*, acrescentando que pertence actualmente à linguagem familiar e está hoje antiquado. Aqui pode considerar-se como sinónimo de *¿qual?*. Também o temos visto e ouvido empregar com o sentidode *outro (que) tal; do mesmo jaez.*

prisão; e houve (1) com o conde de Cambrig que os pedisse a El-rei.

Mas, de que guisa isto foi, nós não o sabemos em certo, salvo tanto que, havendo já vinte dias que êles eram presos, enviou a Rainha chamar aquele cavaleiro que os tinha em seu poder, e mandou que lhes tirasse os ferros. E êle fê-lo assim.

E o Mestre, quando isto viu, preguntou a Gonçalo Vasques que lhe parecia daquilo.

— Senhor, disse êle, parece-me bom sinal e hei-o por bom comêço de meu feito; e entendo, mercês a Deus, que sou seguro de morte. Mas de vós me pesa muito; porque, quando tal homem como vós é preso, não o é por pequeno feito; porém, pois vos tiraram os ferros, devei-lo haver por comêço de bem.

*

* *

Depois que o Mestre e Gonçalo Vasques foram soltos dos ferros em que jaziam, tiraram-nos daquela casa onde jouveram presos todo aquele tempo, e deram-lhes lugar (2)

(1) = *obteve.*
(2) = *ocasião, licença.*

que andassem folgando pelo curral (1) do castelo; e homens com êles, que os guardassem sempre.

E o Mestre, depois que se viu sem ferros, pôstoque o teve a bom sinal, cuidou naquilo que lhe Gonçalo Vasques dissera, e pensou em como pudesse fugir; e um dia pela manhã, que fazia frio, disse o Mestre a um filho daquele cavaleiro que o tinha em seu poder:

— Martinho: subamos àquele muro e aquentar-nos hemos àquele sol que ali faz.

E o moço se foi com êle, e os escudeiros que o guardavam. E, andando folgando pelo muro do castelo, olhava êle com gram femença (2) se veria algum lugar azado por que (3) depois pudesse fugir; e viu um que lhe pareceu jeitoso para se pôr por êle em salvo, mais baixo da terra que nenhum dos outros. E pôs logo em sua vontade de fugir por ali, o mais cedo que houvesse jeito de o poder fazer.

E, depois que os a claridade do sol houve esquentados a seu prazer, desceram-se do

(1) = *cêrca, cercado.*
(2) = *atenção.*
(3) = *por onde.*

muro, sem havendo nenhum dêle tal suspeita. (1)

Em outro dia, foi o Mestre folgar àquele lugar mesmo onde antes fôra, e levou consigo um seu pagem, a quem era dada licença com quem falasse apartado, e mostrou-lhe aquele lugar por que entendia de fugir, e disse assim:

— João: trazer-me hás o meu arco dos pelouros, com uma corda bem rija, e outras duas cordas no seio; e depois que me isto deres irás selar o meu cavalo e trazer-mo hás ali prestes, fazendo que vais para a água (2); e uma vara na mão e um par de esporas no seio, que, se mas tão asinha não puderes pôr, com a vara as escuse; e eu andarei por aqui atirando às pombas, e chegar-me hei àquele lugar e atarei as cordas no arco e descer-me hei por elas.

Então lhe divisou (3) o dia e hora a que isto fizesse, e que o tivesse em grande segrêdo; e èle disse que assim o faria, e despediu-se dèle, e foi-se. Então se desceu

(1) = *suspeita do que èle premeditava.*
(2) Hoje dizemos *ir à água.*
(3) = *marcou.*

do muro, com aqueles que o guardavam, sem descobrir sua puridade (1) a outro nenhum.

*
* *

Tendo o Mestre ordenado para fugir, da guisa que haveis ouvido, a um dia certo, chegou a êle Vasco Martins, antes daquele dia que a fugida havia de ser, e disse a êle e a Gonçalo Vasques:

— Senhor, eu vos trago mui boas novas.

— ¿ Quejandas ? disseram èles.

— A Rainha, minha senhora, disse êle, vem de manhã ouvir missa à Sé; e manda-vos soltar, e que vades ouvir missa com ela.

E êles foram muito ledos com isto, e disseram que lho tinham em grande mercê.

Em outro dia, veio a Rainha ouvir missa à Sé, e estando à missa chegou Vasco Martins, com êles ambos, onde a Rainha estava. E êles beijaram-lhe as mãos e falaram aos outros senhores que aí estavam, e ao conde João Fernandes com êles. E depois que saíram da missa, tomou o conde João Fernandes a Rainha pelo braço, e o Mestre

(1) = *segrêdo.*

a infante D. Beatriz, sua filha, e vieram assim até a porta da Sé. Então, entrou a Rainha nas andas em que fôra, e o Conde ia a par das andas falando com ela, e o Mestre levava a Infante de rédea.

E quando chegaram à porta do paço, quisera-se o Mestre e Gonçalo Vasques despedir dela, para se irem para as pousadas; e ela lhes disse que se não fôssem, mas que viessem comer com ela; e o Mestre foi mui suspeitoso dêste convite, cuidando que o queriam matar com peçonha. E bem o deixara, por aquela hora, se se pudera escusar disso.

Então se sentaram a comer, na câmara da Rainha, e ela siia à sua mesa, o Mestre em cabeceira doutra mesa, e o conde João Fernandes junto com êle, e Gonçalo Vasques a fundo dêles ambos; e o Mestre comia com grande mêdo, receando o que já dissemos.

Acabado o jantar, trouxeram a fruta, e a Rainha começou de falar nas jóias que tinha, e quanto lhe custaram, gabando-as muito.

E o Conde alçou-se da mesa, ficando os outros sentados, e chegou-se a par da

cama (1) onde a Raínha estava à mesa. E ela tirou um anel que tinha no dedo, dum rubi que dizia que era de gram preço, e estendeu a mão com êle, e disse ao Conde, em guisa que o ouviram todos:

— João: toma êste anel.

— Não tomarei, disse êle.

— ¿ Porquê ? disse ela.

— Senhora, disse êle, porque hei mêdo que digam (2) de ambos.

— Toma tu o que te eu dou (disse ela), e diga cada um o que quiser.

E êle tomou-o e pô-lo no dedo; e ao Mestre e aos outros que aí estavam não lhes pareceu bem esta cousa, e tiveram aquelas por mui más razões (3). Então se levantaram de comer, e o Mestre ficou-se em joelhos ante a Rainha, e disse:

— Senhora: bem vistes como El-rei meu senhor me mandou prender, e o desejo que contra mim teve em-quanto fui preso; e pôsto-que eu por muitas vezes cuidasse em minha

---

(1) = *cama de recôsto, camilha.* ¿Espécie de canapé? Talvez um vestígio medieval do triclínio antigo.

(2) = *que digam mal, que falem.*

(3) = *discursos, conversas.*

vontade (1), em-quanto jouve na prisão, que (2) o demoveria a me assim mandar prender, nunca pude achar em mim cousa nem desserviço que lhe eu fizesse, por que merecesse de o ser. Porém, não embargando isto, eu tenho a êle e a vós em grande mercê, por me mandardes soltar. Mas porque eu entendo que vós sabereis o porque o eu fui, por isso vos peço por mercê que mo digais, para me eu avisar de outra hora não fazer ou dizer cousa por que anoje El-rei, meu senhor, e haja de mim outra tal sanha como esta.

— Irmão amigo, (disse ela) bem sabeis que aos maldizentes nunca lhes mingua que digam. E alguns cavaleiros de vossa Ordem, que convosco andam, especialmente o comendador-mor Vasco Porcalho, fêz entender a El-rei meu senhor que vós vos queríeis ir para Castela, para o infante D. João, em desserviço dêste reino; dizendo certamente que era assim, porque vós tomáreis gados de duas albergarias que há em Avis, e os mandáreis vender.

---

(1) Cuidasse em minha vontade = *scismasse; preguntasse a mim próprio.*

(2) = *que cousa.*

— Senhora, disse êle, êsse era mui mau cuido que êles cuidavam. Que por dezassete cabeças de gado que eu mandei tomar, para algumas cousas que me cumpriam, não deveram êles a dizer de mim tão má cousa. Mas Deus dará a êles seu galardão, e a mim ajuda e graça como sirva El-rei, meu senhor, segundo meu desejo foi sempre de o bem servir.

E não podendo dela mais saber, alçou-se, e pediu-lhe licença para ir ver El-rei.

Quando o Mestre viu que mais não podia saber da Rainha, em feito de sua prisão, despediu-se dela, e foi-se logo ao Vimieiro, onde El-rei estava, e chegou ante a cama onde êle jazia doente, e beijou-lhe as mãos, e disse:

— Senhor: vós me mandastes prender, e eu vos tenho em grande mercê por me mandardes soltar, se eu alguma cousa fiz por que merecesse de o ser, e ainda que o não fizesse. E vós, senhor, sabeis bem como me criastes, e a honra em que vossa mercê foi

de me pôr. E, entre as outras muitas mercês que eu de vós recebi até o dia de hoje, agora vos peço por mercê que me façais uma, a qual é esta: que me digais qual foi a razão por que me mandastes prender. Pois, ainda que vos eu com bom desejo servisse, e tenha em vontade de vos servir, porém pode ser que algumas daquelas cousas em que eu cuido que vos faço serviço e vontade serão a vós nojo e desprazer. E, não sendo eu percebido (1) disto, servir-vos-ia como até aqui fiz; e, esperando de vós bem e mercê por galardão de meu serviço, seguir-se-ia o contrário disto. E portanto vos peço por mercê, que me queirais dizer quejanda é vossa vontade (2).

Respondeu El-rei, e disse:

— Vós dizeis mui bem, e eu entendo vosso bom desejo; mas vós sêde certo que eu não vos mandei prender, senão por vos mostrar quanto meu poderio era de grande sôbre vós, e não por outra cousa.

— Senhor, disse o Mestre, dês'aquele tempo que me Deus chegou à idade de vos eu conhecer por meu Rei e Senhor, sempre eu

---

(1) = *prevenido.*

(2) = *qual é a vossa disposição para comigo*

soube e sei o gram poderio que vós sôbre mim haveis, e sôbre todos os outros de vosso Reino; e, se por al não foi senão por isso, parece-me que por outra guisa pudéreis saber se havia em mim tal conhecimento como êsse. E se por outra razão é, em que vos eu não sirva a vosso prazer, como já disse, peço-vos por mercê que mo digais.

E El-rei disse que não fôra por outra cousa, senão por aquilo.

Então lhe beijou as mãos e despediu-se dêle.

*

* *

Tanto que o Mestre chegou a Évora, despediu-se logo da Rainha, para se ir à terra da Ordem; e foi-se de pé em romaria a Santa Maria de Benavila, o que prometera quando fôra preso; e daí se partiu e foi a Veiros, e achou aí já sôlto Lourenço Martins, aquele seu vèdor que antes dissemos; mas não lhe foi entregue o que lhe tomaram.

E contou-lhe o Mestre todo o que lhe

aviera em sua prisão, e as razões (1) que houvera com a Rainha depois que fôra sôlto, e o que lhe dissera de Vasco Porcalho.

— Senhor, disse êle, e vós bem sabeis como eu fui preso quando o vós fostes, e como me foi tomado quanto me acharam. E, segundo parece, tudo o que a vós e a mim foi feito veio por azo das cousas que êste traidor andou dizendo, e portanto é bem que êle haja galardão da sua maldade e não escape de morte, por tão má cousa como esta que disse. E vós deixai a mim o encargo dêste feito; e, sem vós nisso pôrdes mão (2), eu o entendo de matar mui cedo.

E o Mestre disse que lho agradecia muito e lho tinha em grande serviço.

Aquela noite seguinte, cuidou o Mestre nesta cousa, e em outro dia chamou-o de parte e disse:

— Lourenço Martins: cuidei naquilo que ontem falámos, e não me parece que é bem que mateis êste homem, por duas razões: A primeira: vós sabeis bem como esta mu-

---

(1) = *explicações*.
(2) O texto diz *poer mão*.

lher (1) é sages em muito mal (2), e sabedor de grandes artes; e, porque viu que não pôde acabar seu mau desejo contra mim em-quanto fui preso, pode ser que cuidou de me dizer esta cousa, por tal que eu, com melancolia, pensando que a sem-razão que me foi feita foi por seu azo dêste homem, me demovesse a o matar. E matando-o, êle morreria sem porquê, com gram pecado de minha alma; e eu era por fôrça deixar o Reino e me iria fora dêle; e por esta guisa seria ela desempachada de mim... A segunda: pôsto-que assim fôsse, que o êle dissesse, a mim não vem grande honra de eu matar um homem tal como êste. E ainda que o vós mateis, dando a entender que eu não sei disto parte, logo a Raínha cuidaria que eu vo-lo mandara matar, por o que me disse; e poderia ser que haveria El-Rei de mim tão grande queixume, por que (3) eu poderia vir a prisão e perigo de morte, ou perderia a terra de todo ponto, o que a mim não cumpria, mòrmente em tempo de guerra, como ora es-

(1) Leonor Teles.
(2) = *esperta para o mal ; maliciosa.*
(3) = *pelo qual queixume.*

tamos. Por isto me parece que é bem que, na dúvida destas cousas, escolhamos o mais seguro e não curemos disto. E êle, se mal fêz ou disse, Deus lhe dará seu galardão.

— Senhor, disse Lourenço Martins, a mim parecem estas boas razões; e como vossa mercê fôr (1), eu assim o farei.

E o Mestre disse que não curasse disso, e êle assim o fêz.

(Dos Caps. CXLII a CXLVIII)

---

(1) = *como fôr do vosso agrado.*

XXI

NUN'ÁLVARES PARTE PARA ELVAS CONTRA AS ORDENS DO IRMÃO

Estando assim el-rei D. Fernando com todo seu ajuntamento (1) em Elvas, era a todos comum fama, por recontamento verdadeiro, como el-rei de Castela juntava suas gentes para se vir a Badalhouce e lhe pôr a praça (2) a el-rei D. Fernando; e que se não escusava batalha entre os reis.

Nun'Álvares estava com o Prior (3) na fronteira de Lisboa, como dissemos, esperando cada dia que El-rei mandasse chamar seu irmão e os outros, para serem com êle na batalha; e o Prior recebeu sua

---

(1) = *hoste.*

(2) = *oferecer batalha.*

(3) O prior do Hospital, D. Pedro Álvares, irmão de D. Nuno.

carta (1), que não se trabalhasse de ir lá, mas que todavia estivesse em Lisboa com os seus, como estava, pois assim o entendia por seu serviço.

Ao Prior pesou muito de tal recado; porque sua vontade era ser todavia na batalha com El-rei; porém foi-lhe forçado fazer o que lhe mandavam e não partir da frontaria. E falou isto com seus irmãos e com outros, segundo lhe El-rei escrevera.

Nun'Álvares houve gram tristeza por isto; e, pelos muitos (2) que então aí estavam, não respondeu nenhuma cousa ao Prior; e, como se os outros partiram, foi-se o Prior para sua câmara, e Nun'Álvares com êle; e tanto que ambos foram dentro, Nun'Álvares disse ao irmão nesta guisa:

— Senhor irmão: por determinado haveis vós todavia não partir daqui para ser com El-rei na batalha; por mercê, declarai me sôbre isto vossa vontade.

O Prior, ouvindo isto, começou de rir e respondeu desta guisa, dizendo:

— Irmão: bem vêdes vós que eu não posso aí al fazer senão cumprir o que me

(1) Carta de El-rei, dizendo, etc.
(2) = *por causa dos muitos.*

El-rei meu senhor manda. E fazendo o contrário, não mo contariam por serviço. Mas espero em Deus que êle será vencedor da batalha e a nós encaminhará com as gentes desta frota, que o serviremos de tão bom serviço como lhe lá podíamos fazer. E por isso, irmão, a vós não seja isto empacho, nem vos anojeis por êlo.

Nun'Álvares, mui cuidoso por todavia ser na batalha, pareciam-lhe, estas, razões compridas (1) por que se o Prior escusava de todo; e, como as acabou (2), muito mesuradamente (3) disse:

— Senhor irmão; a mim semelha (4) que tôdas as cousas vós haveis de deixar esquecer, para todavia serdes na batalha com vosso senhor, El-rei, de quem vossa linhagem, e vós, tantas mercês haveis recebidas. Porém, porque já por vezes ouvi dizer a alguns que melhor é obediência que o sacrifício, parece-me que é bem de lhe serdes obediente e cumprides seu mandado. Mas, porque eu en-

---

(1) = *completas, categóricas,* ou talvez *compridas de mais, difusas, oblíquas, evasivas.*

(2) = *quando o Prior acabou de dar suas razões.*

(3) = *respeitosamente.*

(4) = *parece.*

tendo que nesta frontaria, onde há tantos bons como convosco estão, eu hei-de fazer pequena míngua, dês-aí, porque me parece que eu faria a mor maldade do mundo, se nesta batalha não fôsse, vos peço por mercê que me deis lugar (1) para ser nela. E eu deixarei aqui todos os meus, que não quero levar senão cinco ou seis companheiros, com nossas armas.

O Prior respondeu então, já quanto de sanhudo (2), que tal lugar lhe não daria ; antes lhe rogava e mandava que de tal cousa se não trabalhasse.

Nun'Álvares, ouvindo a resposta de seu irmão, partiu-se de ante êle, não mui ledo, e foi-se para sua pousada; e logo, o mais em segrêdo que pôde, começou de concertar sua ida.

E não o pôde fazer tão caladamente, que o Prior disso parte não soubesse. E tanto que o ouviu (3), porque lhe conhecia bem a vontade,—que, pois que o começava, o havia de acabar, — mandou logo aperceber as portas da cidade e pôr nelas tal guarda, que não deixassem por elas sair nenhuma gente de

(1) = *licença.*
(2) = *já um tanto sanhudo.*
(3) Sujeito: *o Prior.*

armas, especialmente à porta de S. Vicente, por onde êle entendeu que havia de ir (1).

Nun'Álvares, por aquele dia, e noite seguinte, até meia noite, não se trabalhou de nenhuma cousa; e àquelas horas, êle e cinco escudeiros que levou consigo, começaram de se correger, êles e seus pagens, sem outras azêmolas; e cavalgaram não muito manhã, e chegaram àquela porta, e os homens de armas que aí estavam por guardas abriam já as portas às gentes serviçais que saíam para fora.

E como Nun'Álvares e os seus chegaram, as guardas os quiseram torvar que não saíssem, e êles mostraram que queriam sair por fôrça. E deram-lhes lugar, e foram-se seu caminho.

Nun'Álvares, quando chegou a Elvas, El-rei o recebeu mui bem, louvando-o muito perante todos. E muito mais o louvou depois, quando soube o que lhe aviera com seu irmão, e como se partira da Cidade sem sua licença e contra sua vontade...

(Cap. CLI).

---

(1)=*por onde o Prior entendeu que Nun'Álvares saïria.*

APÊNDICES

I

Dois capítulos da *Crónica de D. Fernando*, transcritos sem mudança da ortografia e disposição tipográfica do texto de 1816 (tômo IV da *Colecção de Livros Inéditos de História Portuguesa*).

II

Alguns trechos do testamento do Infante Santo, documento existente no Arquivo Nacional, e que se considera como redigido por Fernão Lopes, e escrito de seu próprio punho. (Transcrição feita segundo a do sr. Anselmo Braamcamp Freire, na sua bela edição da Primeira Parte da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes.)

Apêndice I

CAPÍTULO CLXVI

Do que aveo a Nunallvarez, affemtandoffe elRei a comer; e das pallavras que a Rainha diffe a elRei, quamdo fe della ouve de efpedir

Em efte dia era ordenada a falla, em que elRei e fua molher aviam de comer, e gram parte dos fidallgos de Caftella e de Portugal: em ella avia mujtas mefas bem corregidas, e tres dellas eram prinçipaes, a delRei que era traveffa, e bem levamtada, como compria, e huuma da parte dereita, e outra da parte feeftra; e amtre aquelles que eram affijnados pera comer em eftas mefas com outros fidallgos, forom Nunallvarez, e Fernam Pereira seu irmaão: e quamdo foi tempo pera fe affemtarem, elles com mesura nom se trigaram mujto; e a mefa em que elles aviam de feer, foi muj apreffa chea de Portugueefes e de Caftel-

laãos, e elles ficaram por affeemtar, fem fazemdo os outros delles comta, posto que foffem affaz conheçidos, e efteveffem corregidos de fefta. Nunallvarez veemdo a mefa chea, e que nom tijnham homde fe affeemtar, diffe ja quamto de fanhudo comtra feu irmaão: «Nos nom teemos homrra de mais «eftar aqui, mas pareçe-me que he bem que «nos vaamos pera as poufadas: pero amte «que nos vaamos, eu quero fazer que eftes «que nos pouco prezarom, e rijrom de nos, «que riamos nos delles, e fiquem efcarni«dos». Eftomçe paffeamdo muj manffo, chegouffe ao cabo da mefa, veemdoo elRei dhu fija affeemtado, e com os geolhos derribou o pee da mefa, e deu com ella em terra. Os que a ella sijam, ficarom efpamtados, e el com feu irmaão fe partirom da falla tam affeffegados, como fe nom fezeffem nenhuuma coufa. ElRei que efto bem vio, pregumtou que homeens eram aquelles; e differomlhe como forom comvidados, e ouverom de comer naquella mefa, e que os que sijam, nom fezerom delles comta, nem lhe derom logar em que fe affeemtaffem. «Sei que fe vimga«rom bem, diffe elRei; e quem tal coufa co«meteu em efte logar, femtimdo esto que «lhe foi feito, pera mujto mais fera feu co-

«raçom». Porem elRei nom tornou mais aaquello, por que eram Portugueefes; ca fe forom Caftellaãos, podera seer que tornara doutra guifa. ElRei acabado ho jamtar, tornou com a Rainha Dona Lionor pera a villa, levamdoa de redea ataa quel logar dhu a primeiramente trouvera; e ficou na teenda com a Rainha Dona Beatriz, a Rainha de Caftella fua fogra, e fua filha Dona Lionor molher do Iffamte de Navarra, e mujtas donas e domzellas do Regno de Caftella. E quando fe elRei ouve de efpedir aa porta da villa da Rainha Dona Lionor, diffe ella em efta guifa: «Filho fenhor, emcomemdo a «Deos e a vos minha filha, e iffo meesmo «vos digo da parte delRei meu fenhor feu «padre, por que nom teemos outro filho nem «filha, nem efperamos ja de o aver; que seia «de vos homrrada, e lhe façaaes boa com«panhia, qual deve de fazer boom marido a «fua molher; e eu rogarei a Deus por vos, «e por voffa vida e homrra, que Deos vos «dê fruito de beençom, que venha herdar o «Reino de feu padre e de feus avoos». E em dizemdo efto, feus graçiofos olhos erom lavados daugua, moftramdo gram fuidade da filha. «Madre fenhora, diffe elRei, eu lhe «emtemdo de fazer tal companhia, a ferviço

«de Deos, e ſua homrra e minha, que ſeia a voſſo prazer, aſſi como o prometi». Emtom ſe partio elRei della, e eſteve em ſeu arreal ataa tarde, que levamtarom todas ſuas tendas; e foi elRei eſſe dia dormir a Badalhouçe com todas ſuas companhas, com gramdes allegrias e trebelhos, que hiam fazemdo pello caminho; ficando o Iffamte Dom Fernamdo ſeu filho em Ellvas com a Rainha, como antrelles era poſto: e foromſſe com a Rainha Dona Beatriz, o meeſtre Davis Dom Joham ſeu tio, e todollos prellados e fidallgos de Portugal, ſalvo o comde Dourem, que diſſe que ſe ſentia mal, e nom podia allo hir.

CAPÍTULO CLXXII

Como elRei e a Rainha partirom Dalmadaã, e ſe veherom a Lixboa, e morreo hi elRei Dom Fernamdo

Seemdo elRei Dom Fernamdo mais aficado cada vez de ſua door, mamdou que o trouveſſem daquella villa Dalmadaã, homde eſtava, pera a çidade de Lixboa, e foſſe de noite por nom seer viſto; e

foi affi que o trouverom ao seraão, e nenhuum nom abria a porta, nem tirava camdea aa janella, por que tal pregom fora lamçado; e affi efcufamente o levarom a feus paaços. Alli jouve elRei per dias doemte, muj defafemelhado de quamdo el começou de reinar; ca el eftomçe pareçia Rei amtre todollos homeens aimda que conheçido nom foffe, e agora era affi mudado, que de todo pomto nom pareçia aquelle. E semtimdo fua morte mujto açerqua, feemdo ja memfeftado, requerio que lhe deffem ho facramento; e quamdo lhe foi aprefemtado, e comtarom os artijgoos da fe, como he coftume, dizemdolhe fe crija affi todo, e aquel famto facramento que avia de reçeber, refpomdeo el e diffe: «Todo effo creo como fiel chriftaão, «e creo mais que elle me deu eftes Regnos «pera os mamteer em dereito e justiça; e eu «por meus pecados o fiz de tal guifa, que «lhe darei delles muj maao comto»: e em dizemdo esto, chorava muj de voomtade, rogamdo a Deos que lhe perdoaffe, e choravom com piedade delle, todollos que prefentes eram: e affi com gram reveremça e devaçom reçebeo o famto facramento, jazendo veftido no avito de Sam. Framçifco. E quamdo veo aos vijmte e dous dias dou-

tubro da era ja efcripta de mil e quatroçemtos e vijmte e huum, em huuma quimta feira aa noite, começou el de fe afficar; e lidamdo ho fpritu com a carne naquella aspera hora, por fe partir della, em breve efpaço defemparou o corpo, e el deu a alma a Deos, a que por fua merçee praza de a fazer regnar com os feus famtos. E viveo elRei Dom Fernamdo çimquoemta e tres anos e dez mefes e dezooito dias, e reinou dez e feis anos e nove mefes, com gram trabalho de fi, e de feu poboo. Em outro dia foi pofto em huumas amdes cubertas de pano preto, e levado em collos de frades ao moefteiro de Sam Framçifco, e foi com elle pouca gemte e doo; e nom foi a Rainha a feu foterramento, dizemdo que fe femtia mal, e nom podia la hir; outros dizem que o fez reçeamdo mormuro das gemtes; e fua nom hida fez mais fallar em ello, do que per vemtuira fallarom fe aaquella hora fora prefemte; e forom fuas exequias e fopoltura mujto simprezmente feitas, segumdo perteemçia a eftado de Rei

Apêndice II

Alguns trechos do testamento do Infante D. Fernando, todo da mão de Fernão Lopes, seu escrivão da puridade, que ainda no fim lavrou o têrmo de aprovação

Por quanto os homeẽs som çertos da morte e nom do tempo em q̃ ha de seer. / costumarõ os mujto ssisudos / per tal modo hordenar sua vida. / q̃ nom leixando logar aa peendença / a todo tempo que lhes acontecesse vĩjr aquel postumeyro temor / de que a natureza nenhũa pessoa fez jsenta / os achasse prestes e assy despostos. / que limpos dalgũas ligeiras fezes / de q̃ nenhuũs salvo os mujto perfeitos som purgados / com pouco medo e sem algũu temor podessem pareçer ante aquel espantoso Juiz. de q̃ a santa scriptura em mujtos logares faz mẽçom. / Alguũs outros teendo boom desejo. / postos no jugo dalgũas passioões / a que nõ rresistindo como deuyã se assenhorarom

delles assy alguũs viçios. que nom hordenando tam bem sua vida. foilhes mester de leixar per scriptura ẽcomendado a outras pessoas q̃ depois de sua morte. trigosamente se trabalhassẽ de fazer. / o q̃ per sua negligençia e fraqueza elles vivendo nom comprirom. / E porq̃ a triste morte ordenou mujtos e desuayrados modos de apartar a alma da carne assy per subito arreuatamento como per fortes e aficados pungimentos de door. rreceando alguũs per semelhauvel caso nõ poderẽ auer espaço de aaquel tempo despoerem sua fazenda como cumpria / com grande cujdado e esperto sentido. / sem teendo alguũa door q̃ a taaes feitos da grande toruaçõ leixarom per scriptura deciaradas suas voontades segundo os ẽcarregos e deuaçõ e conheçimento q̃ cada huũ ouuer. / Antre os quaes Eu o Iffante dom fernando filho do muy alto e muy poderoso principe dom Joham da esclarecida memoria Rey q̃ foi de portugal e do algarue e Senhor de cepta. e da muy nobre e excellente Reynha dona fillipa sua molher veendo e consijrando quanto era cõuenhauel a toda pessoa seguyr as peegadas destes que nos tam proueitoso exempro leixarom. / desy porq̃ nõ soom çerto quando serey rreque-

rido de pagar a diuida da morte nem a q tempo nem per q̃ guisa. / Porende agora em minha saude / sem nenhũa door q̃ me de embargo com aquel ssiso e entendimento q̃ me deus deu faço e hordeno meu testamento da alma e do corpo e beens / assy mouijs come rraiz q̃ por o presente tenho e ouuer ao adeante / segundo a declaraçom adeante scripta. / Prymeyramente comendo a minha alma ao meu Senhor deus. que elle por sua merçe q̃ a criou de nada nõ esguardando a multidom dos meus pecados / que per fraqueza e certa maliçia obrei / mas aa sua jnfijnda misericordia / mos queyra todos perdoar e a leue aa sua gloria. / E rogo aa uirgem preciosa marja / cujas prezes ante o seu beento filho sempre som onuydas. / que ella me guaanhe delle tal graça / per q̃ na hora da minha morte. / o sangue das suas preciosas chagas. seia alimpameto da minha conciençia. / E mando q̃ se eu morrer fora desta terra em esta armada onde hora uou em companha do Jffante dom hẽrriq̃ meu jrmaão q̃ soterrem o meu corpo no moesteyro dos frades de sam francisco da çidade de çepta. / E metã o meu corpo em hũu ataude de tauoas bem juntas / e lancẽ dentro cal uirgem ou algũa outra cousa

q̃ o desgaste çedo. E cubrãno arredor cõ huũ coyro de boy pregado / ou doutro qual quer geito q̃ se melhor possa fazer. / em guisa q̃ aquelles a que eu desto leixo carrego / o possã ẽuyar a estes Reynos / ou o trazer consigo quãdo ueherem. / E em outro dia ponham em çima da coua huũ ataude cuberto de pano preto de lãa com hũa cruz branca. / E façãme minhas exequias dofferta e tochas e das outras cousas assy como faryã a huũ simprez caualeiro e mais nõ. / . . . (1)

. . . E se per uẽtuyra o Jffante dom hẽrriq̃ meu yrmaão quiser mandar fazer algũa mais hõrra em minhas exequias que esta q̃ eu aquy mando. / peçolhe por merçee q̃ a despesa q̃ em ello hordenar de fazer / q̃ ante a mãde despender por minha alma ẽ missas cantar ou rremijr catiuos / ou em outras esmollas feitas a algũas boas pessoas que rroguẽ a deus por my. / E mando q̃ o dito Jffante meu Jrmaão aja e cobre a seu poder quanto eu ouuer ao tempo da minha morte. / e mande a quem lhe prouuer q̃ faça de todo

---

(1) Seguem-se muitas outras disposições sôbre missas por alma do testador. Êste e outros cortes que fazemos, para abreviar, vão indicados por meio de reticências.

jnuẽtayro e escreua a despesa q̃ se por mỹ fezer / pera meu testamenteyro seer de todo em conheçimẽto vendendosse pera estas despesas necessarjas / cauallos e armas e rroupas de vestir e das outras cousas quanto auonde pera ello. // E mando q̃ no dia q̃ me ouuerem de treladar e trazer pera estes Reynos / q̃ me façam outras taaes exequias como no dia da sepoltura com outras trinta missas rrezadas e entom me tragã ao nauyo em que ouuer de vĩjr. / E se por uentuyra o nauyo q̃ me trouuer chegar ao algarue e se deteuer hi per tempo contrayro ou por outra qual quer rrazõ / nom curẽ de tyrar o meu corpo fora nẽ fazer outra nenhũa despesa. / Mas como o nauyo chegar a lixboa ponham o meu corpo no moesteiro das donas do saluador E digãme cada tdia hũ missa rrezada / ataa q̃ o façam saber a ElRej meu Senhor q̃ hade teer carrego de meu testamento. / E dally me leuẽ ao moesteiro de santa maria da victoria onde escolho minha sepoltura E esto seia sem nẽhũa pompa ne outra sobeia despesa. / mas assy chãamente como levarjam hũu simprez caualeiro / E ally me ponham na capella delRej meu Senhor e padre no derradeyro arco E o outro arco na outra parede q̃ esta jũto com

elle por altar E seia posto em hũu muymẽto de pedra alto e chaão sem nenhuũ lauor nem pintura / saluo com huũ escudo de minhas armas e huũ tituleyro scripto em elle q̃ diga assy. Aquy Jaz o dom Jffante dom Fernando filho do muy alto e muy poderoso principe ElRey dom Joham de portugal e do algarue e Senhor de cepta e da muy nobre e exçellente Reynha dona fillipa sua molher q̃ jazẽ em esta capella. E no dia q̃ eu ally for trazido me façã minhas exequyas simprezmente....»

«....E por quanto ElRej meu Senhor ha de seer meu testamẽteiro ou quẽ sua merçee for e me el tem prometido per seu aluara se eu morrer em esta armada onde hora uou q̃ el mãde pagar minhas diuidas e legados dos beẽs que de mȳ ficare e q̃ meus criados e seruidores do meu e do seu sejam galardoados e satisfeitos / segundo a criaçom q̃ em elles fize e seruiços q̃ a mȳ fezeram. / E que tome carrego de todos elles como se com elle viuerom e o ouuerom seruido. / fazendolhe todo bem e merçee como se fossem seus criados. E alguũs sabendo esto / por tal aazo poderjam rrequerir ao dito Senhor gallardom de mais anos e seruiço do q̃ a mȳ feito teem E el nõ poderia desto seer ẽ tam

certo conheçimento pera os gallardoar e jgualdar como eu a q̃ o fezerom. Porem por desencarregamento de minha alma e certidom q̃ o dito Senhor aja como compre / nomeey todos em este testamẽto e o que daria a cada huũ por seu gallardom segundo os offiçios e conta em q̃ os tragia e jsso meesmo as moradias que de mȳ auyã e alguũs assijnados seruiços se o dalguũs rreceby / ou per contrayro leixando a cada huũ certa cousa e rrepartindo todo o meu segundo melhor entendy em minha conciençia / Mas nom embargando esto q̃ dito he. / porq̃ ElRej meu Senhor ou o Jffante dom pedro se dello carrego teuer / som pessoas de cuja prudẽcia e discrepçom mujto confio. / E ficando meus legados e rrepartiçõ assy feita sem mais declarar ẽ ella nom ousariam de a mudar teendo como he uerdade / q̃ a voontade do finado se deue comprir como ley em quãto se fazer poder. / Porem eu dou poder ao dito Senhor Rey ou ao Jffante dom pedro meu jrmaão se dello carrego teuer q̃ se em aq̃ellas cousas q̃ eu mando em este meu testamẽto ou per outra qual quer guisa que seja elle entender q̃ em algũas dellas eu nom som teudo a tanto ou a todo / que elles as possam tyrar de todo e enhader e miguar ou tras-

mudar. / E jsso meesmo se entenderẽ q̃ eu sõ teudo a algũas cousas de q̃ nom aja feita mençom q̃ as possam pagar de nouo e enhader ẽ ellas como entenderẽ por seruiço de deus e prol de mjnha alma....»

ÍNDICE

CRÓNICA DE D. FERNANDO